

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FERNANDO SACHETTI BONFIM

**GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM LINGUÍSTICO *ASSIM* NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: SUA FUNCIONALIDADE NOS PROCESSAMENTOS
IDEACIONAL, INTERPESSOAL E TEXTUAL**

Maringá – PR

2014

FERNANDO SACHETTI BONFIM

**GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM LINGUÍSTICO *ASSIM* NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: SUA FUNCIONALIDADE NOS PROCESSAMENTOS
IDEACIONAL, INTERPESSOAL E TEXTUAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, câmpus de Maringá (PR), para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio.

Maringá – PR

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Bonfim, Fernando Sachetti

B713g Gramaticalização do item linguístico *assim* no Português Brasileiro: sua funcionalidade nos processamentos ideacional, interpessoal e textual / Fernando Sachetti Bonfim. -- Maringá, 2014.

140 f.: il., color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

1. Item 'assim'. 2. Gramaticalização. 3. Metafunções. I. Antonio, Juliano Desiderato, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 415

AGRADECIMENTOS

A Deus, a Força Maior que me guia;

À minha mãe, a Força Maior Terrena que me guia;

A meu pai, sempre disposto a me ajudar;

À minha avó materna, que desempenha irretocavelmente o papel de segunda mãe;

À minha irmã, meu sobrinho (e afilhado!) e demais familiares, por sempre se mostrarem otimistas com meu (algum) êxito;

Ao meu orientador, prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio, por me brindar com total liberdade de pesquisa – o que é prova de grata confiança;

À professora Dra. Ana Cristina Jaeger Hintze e ao professor Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, por fazerem apontamentos tão enriquecedores ao meu trabalho;

À professora Maria Angela de Sousa Boer, por me apresentar, ainda na graduação, uma Sintaxe apaixonante;

E, finalmente, aos meus mestres de Ballet Clássico, por me ensinarem disciplina.

RESUMO

Este trabalho propôs-se a investigar a trajetória de gramaticalização do item linguístico *assim* na atual sincronia da língua portuguesa. Isso foi feito por meio de um *corpus* de língua falada pertencente ao FUNCPAR (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). Para tanto, as metafunções propostas por Halliday (1985) em sua Gramática Sistemico-Funcional foram confrontadas com os pressupostos da gramaticalização (TRAUGOTT & HEINE, 1991). Dessa forma, o objetivo central foi o de confirmar a hipótese segundo a qual as ocorrências menos gramaticalizadas do item, por serem semanticamente mais plenas, desempenhariam predominantemente metafunção ideacional; da mesma forma, as ocorrências mais gramaticalizadas, por serem semanticamente menos plenas, desempenhariam predominantemente função interpessoal ou expressiva. A hipótese central foi ratificada e, além disso, ainda se investigaram: (i) a funcionalidade cognitiva (GIVÓN, 1989; URBANO, 2003, apud PRETI, 2003) de alguns usos do elemento *assim* (como fórico textual e como marcador discursivo (MD)); (ii) as posições sintático-argumentativas ocupadas pelo *assim* quando MD, o que levou à proposição de dois padrões de uso a esse MD; e (iii) a participação do MD *assim* no estabelecimento de relações retóricas em um texto (MANN & THOMPSON, 1988), dentre as quais se mostrou mais recorrente o envolvimento do item nas relações de elaboração, preparação e reformulação. Em suma, o que se buscou foi descrever a multifuncionalidade do *assim* para os falantes de língua portuguesa do Norte/Noroeste do Paraná.

Palavras-chave: *assim*; gramaticalização; metafunções.

ABSTRACT

This paper aims at investigating the *continuum* of grammaticalization of the linguistic item *assim* in the current synchrony of Portuguese language. That was reached by means of a *corpus* of spoken language belonging to FUNCPAR (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). In order to do so, the metafunctions proposed by Halliday (1985) in his Systemic-Functional Grammar were confronted to the principles of grammaticalization (TRAUGOTT & HEINE, 1991). By acting that way, the central goal was to confirm the hypothesis according to which the least grammaticalized usages of *assim*, since they are more semantically-based, would perform predominantly ideational function; equally, the most grammaticalized usages, since they are less semantically-based, would perform predominantly interpersonal or expressive function. That hypothesis was confirmed and, besides, the following topics were also investigated: (i) the cognitive functionality (GIVÓN, 1989; URBANO, 2003, apud PRETI, 2003) of some usages of *assim* (as *fórico textual* and as discourse marker (DM)); (ii) the syntactic-argumentative positions occupied by the DM *assim*, which led to the proposal of two patterns of usage for that DM; and (iii) the participation of the DM *assim* in the establishment of rhetorical relations in a text (MANN & THOMPSON, 1988), among which the involvement of the item was more productive in the relations of elaboration, preparation and restatement. In short, what was pursued was to describe the multi-functionality of *assim* to the Portuguese speakers of North/Northeast of Paraná.

Key words: *assim*; grammaticalization; metafunctions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de ocorrências por estágio de GR do <i>assim</i>	39
Quadro 2 – Número de ocorrências das variedades do <i>assim</i> endofórico	45
Quadro 3 – O <i>assim</i> anafórico e a modalização	47
Quadro 4 – O <i>assim</i> catafórico e o anúncio de discurso direto	50
Quadro 5 – O MD <i>assim</i> e o número de ocorrências de seus dois padrões de uso	69
Quadro 6 – Relação de Método	71
Quadro 7 – Relação de Justificação	72
Quadro 8 – Relação de Reformulação	74/98
Quadro 9 – Relação de Elaboração	77/91
Quadro 10 – Relação de Antítese	80
Quadro 11 – Relação de Fundo	81
Quadro 12 – Relação de Resumo	84
Quadro 13 – Relação de Reformulação Multinuclear	86
Quadro 14 – Relação de Preparação	87/95
Quadro 15 – Relação de Lista	89

SUMÁRIO

Introdução	-----	9
1. Fundamentação teórica	-----	11
1.1 Do Funcionalismo	-----	11
1.2 Das metafunções de Halliday	-----	13
1.3 Da dimensão cognitiva	-----	15
1.4 Da gramaticalização	-----	19
1.5 Da gramaticalização <i>versus</i> discursivização	-----	29
1.6 Da Teoria da Estrutura Retórica (RST)	-----	31
2. O <i>corpus</i> e metodologia	-----	35
3. Análise	-----	39
3.1 Dêitico espacial	-----	39
3.2 Fórico textual	-----	44
3.3 Conjunção	-----	56
3.4 Marcador discursivo	-----	59
3.4.1 MD sintagmático	-----	61
3.4.2 MD articulador de segmentos discursivos	-----	69
4. Considerações finais	-----	102
5. Anexos	-----	105
6. Referências bibliográficas	-----	138

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a investigar o item linguístico *assim* e sua trajetória de gramaticalização (daqui em diante, GR). Os pressupostos teóricos da GR (TRAUGOTT & HEINE, 1991), portanto, fornecerão aporte a tudo o que aqui se afirmará. Dentre esses pressupostos, um se destaca: o de que a GR é um processo compensatório, de perda semântica, mas de ganho de expressividade (HEINE, 1991, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006).

O objetivo central desta pesquisa é o de ratificar que essas perdas e ganhos também ocorrem com o item *assim* em sua trajetória de GR. Para que isso seja verificado, confrontar-se-á o aspecto compensatório da GR com as três metafunções propostas por Michael A. Halliday (HALLIDAY, 1985): a ideacional, a interpessoal e a textual. Dessa forma, investigar-se-á se, na trajetória de GR do *assim*, as ocorrências menos gramaticalizadas desempenham, predominantemente, função ideacional, em detrimento de suas ocorrências mais gramaticalizadas, de funcionalidade predominantemente interpessoal, já que “esvaziadas” semanticamente.

No decorrer da investigação do objetivo central, ter-se-ão como objetivos específicos:

- estudar a contribuição do item *assim* no processamento cognitivo humano (GIVÓN, 1989; URBANO, 2003, apud PRETI, 2003), especificamente quando o item atua como fórico textual e como marcador discursivo;

- propor dois padrões de uso ao item *assim* quando ele funciona como marcador discursivo, a depender da posição sintática ocupada por ele;

- examinar as relações retóricas (MANN & THOMPSON, 1988) que um dos padrões de uso do marcador discursivo *assim* estabelece entre as partes do texto e verificar se o item é especializado no estabelecimento de alguma relação retórica.

O trabalho está dividido nas seguintes seções:

- em (1), traz-se a fundamentação teórica, em que se discorre sobre os princípios necessários a todo o restante da pesquisa;

- em (2), apresentam-se o *corpus* e a metodologia que a ele será aplicada;
- em (3), parte-se para a análise do *corpus*, com a exposição da trajetória de GR do *assim* e dos resultados a que se chegou tendo em vista o objetivo central e os específicos, anteriormente já elencados;
- em (4), fazem-se as considerações finais, retomando-se resumidamente todos os resultados a que se chegou;
- em (5), trazem-se os anexos, em que estão arrolados todos os excertos retirados do *corpus* e que serviram de base à pesquisa;
- e, em (6), as referências bibliográficas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Do Funcionalismo

Este trabalho possui filiação funcionalista. No entanto, isso não basta para que se saibam quais critérios serão aqui abordados e quais não entrarão em pauta. A concepção funcionalista de linguagem abarca uma série de teorias que, embora possam ser postas sob esse mesmo rótulo, não deixam de apresentar suas especificidades. “O Funcionalismo, muito mais que uma teoria unificada ou modelo codificado de linguagem, representa apenas um ponto de partida”¹ (MITHUN, p. 552, apud JOSEPH & JANDA, 2006; tradução nossa). De início, portanto, talvez seja mais importante que se deixem as diferenças de lado para que se foque no princípio unificador de todas as teorias funcionalistas de linguagem.

Para o funcionalismo, “a língua é um instrumento de interação social” (NEVES, 2004, p. 43). Essa afirmação traz em si uma série de impactos para a literatura linguística. Primeiramente, o fato de a língua ser um instrumento faz dela um meio para algo, e não um fim em si. Uma língua, portanto, longe de ser um sistema abstrato e autônomo, leva à realização de algo que está fora dela. E daí advém a segunda parte do princípio funcionalista: se a língua é instrumento, seus usuários detêm poder sobre ela. Logo, “as expressões linguísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a, e co-determinadas por, determinantes pragmáticos da interação verbal humana” (DIK, 1987, p. 81-82, apud NEVES, 2004, p. 46). Uma gramática funcionalista, portanto, alia ao estudo da língua o estudo das motivações que a fazem ser como é.

“É funcional no sentido de que ela é feita de forma a possibilitar que a língua seja usada. Todo texto – ou seja, tudo o que é dito ou escrito – ocorre em um contexto de uso: portanto, são os usos da língua que, por milhares de gerações, conferem forma ao sistema”.² (HALLIDAY, 1985, p. xiii; tradução nossa)

¹ “Functionalism represents a point of departure rather than a unified theory or codified model of language” (MITHUN, p. 552, apud JOSEPH & JANDA, 2006)

² “It is functional in the sense that it is designed to account for how the language is used. Every text – that is, everything that is said or written – unfolds in some context of use: furthermore, it is the uses of

A concepção linguística que faz o contraponto ao funcionalismo é o formalismo. Nesse polo, a língua corresponde a um sistema de transmissão de informações que existe aprioristicamente, cujo sentido existe por relações que lhe são internas e cuja existência é garantida pela própria biologia cerebral do ser humano. Tal concepção é assim explicada por Kempson (1980) e Butler (2003), respectivamente:

“a palavra *homem* tem o significado que tem exclusivamente em virtude de outras palavras do sistema com as quais tem relação – *mulher, marido, criança, solteirão*. O mesmo acontece com todas as palavras do vocabulário.” (KEMPSON, 1980, p. 27)

“Segundo o polo formalista padrão, a gramática é autônoma (arbitrária e ensimesmada) com relação a fatores externos”.³ (BUTLER, 2003, p. 9; tradução nossa)

Uma vez apresentados os motes funcionalista e formalista, deve-se agora esclarecer de qual modelo de gramática funcionalista este trabalho mais se aproxima. Assume-se aqui que a língua é um sistema, apesar de, como já discutido anteriormente, ser sensível a motivações externas. Aproxima-se, portanto, do funcionalismo de Michael A. K. Halliday, dito moderado, em contraposição ao funcionalismo de, por exemplo, Sandra Thompson e Paul Hopper, chamado por Butler (2003, p. 50) de extremado.

“A diferença essencial entre os funcionalismos “moderado” e “extremado” reside no fato de que o último não somente afirma que fenômenos e categorias gramaticais emergem de necessidades discursivas, mas também rejeita o conceito de gramática como um sistema estruturado. O funcionalismo moderado, por sua vez, apesar de compartilhar com o extremado

language that, over tens of thousands of generations, have shaped the system.” (HALLIDAY, 1985, p. xiii)

³ “The standard formalist position is that the grammar is indeed autonomous (both arbitrary and self-contained) with respect to external factors.” (BUTLER, 2003, p. 9)

a visão de que a gramática é moldada pelo uso, admite que, em termos sincrônicos, a gramática de uma língua é um sistema a ser descrito e correlacionado a funções discursivas. Essa posição tem sido chamada por Van Valin (1993) de ‘sistêmico-funcional’ (...).⁴ (BUTLER, 2003, p. 30; tradução nossa)

Sendo o sistema linguístico um instrumento de interação social, não há como se excluir deste modelo de gramática a investigação de tudo o que circunscreve o processo comunicativo, quais sejam: os interlocutores, suas intenções, as relações socioculturais que os envolvem e o ambiente extralinguístico em que se passa a interlocução.

1.2. Das metafunções de Halliday

Em sua obra *An Introduction to Functional Grammar* (1985), Halliday explica que a língua é um sistema de produção de sentidos; logo, ela é um sistema semântico. “Quando diz que a língua é um sistema semântico, Halliday não se refere, apenas, ao significado das palavras, mas a todo o sistema de significados da língua” (NEVES, 2004, p. 63-73). O autor propõe a existência de três significados para sua unidade de análise (o texto), quais sejam: o significado ideacional, o interacional e o textual, sendo que os dois primeiros só se realizam efetivamente em texto.

“O componente IDEACIONAL é a parte do sistema linguístico responsável pela expressão de ‘conteúdo’, pela função que a gramática tem de ser SOBRE algo. (...) O componente INTERPESSOAL é responsável pelas funções social, expressiva e conativa da língua, pela expressão do ‘ponto de vista’ do

⁴ “The essential difference between ‘moderate’ and ‘extreme’ functionalists (...) lies in the fact that the latter not only claim that grammatical phenomena and categories emerge from the requirements of discourse, but also go on to reject the concept of grammar as a structural system. Moderate functionalists, on the other hand, while sharing with the ‘extreme functionalists’ the view that grammar is shaped by use, accept that in synchronic terms the grammar of a language is indeed a system, which must be described and correlated with function in discourse. This is the position that has been characterized by Van Valin (1993) as ‘structural-functionalist’ (...).” (BUTLER, 2003, p. 30)

falante: suas atitudes e julgamentos, o modo como ele vê as relações sociais entre os interlocutores e a sua intenção em estar dizendo algo. Tudo isso pode ser assim resumido: o componente ideacional representa o falante em seu papel de observador, enquanto o componente interpessoal representa o falante em seu papel de intruso.

Há um terceiro componente, o TEXTUAL, que é o responsável pela formação de texto. Isso abarca os recursos que a língua tem para a criação de texto, (...).⁵ (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 26-27; tradução nossa)

Segundo a Gramática Sistêmico-Funcional (nome que se dá ao modelo de gramática proposto por Halliday), esses três aspectos do significado, ditos metafunções, não são excludentes, mas indissociáveis. O texto é uma unidade de análise coerente e funcional porque é dotado de ambos os significados ideacional e interpessoal; isto é, são esses dois significados que, juntos, fazem com que o texto funcione.

Apesar de se ter consciência da “indissociabilidade e implicação mútua” (NEVES, 2004, p. 63) dessas três metafunções, neste trabalho, proceder-se-á metodologicamente ao isolamento das metafunções ideacional, interpessoal e textual. Acredita-se que, dessa forma, ficarão mais bem esclarecidos alguns pressupostos teóricos da GR.

Por ora, em termos bem breves, antecipa-se que a GR é um processo de mudança linguística que possibilita que um dado item ou construção, em um mesmo recorte sincrônico, mostre ocorrências de maior potencialidade expressiva em contraposição a ocorrências de maior potencialidade semântica. E, optou-se pelo modelo de gramática de Halliday por se acreditar que suas metafunções podem auxiliar à compreensão dos pressupostos da GR: itens de “maior potencialidade expressiva” corresponderiam a itens que se prestam, predominantemente, à metafunção interpessoal

⁵ “The IDEATIONAL component is that part of the linguistic system which is concerned with the expression of ‘content’, with the function that language has of being ABOUT something. (...) The INTERPERSONAL component is concerned with the social, expressive and conative function of language, with expressing the speaker’s ‘angle’: his attitudes and judgments, his encoding of the role relationships in the situation, and his motive in saying anything at all. We can summarize these by saying that the ideational component represents the speaker in his role as observer, while the interpersonal component represents the speaker in his role as intruder.

There is a third component, the TEXTUAL, which is the text-forming component in the linguistic system. This comprises the resources that language has for creating text, (...).” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 26-27).

de Halliday; por outro lado, itens de “maior potencialidade semântica” corresponderiam a itens que se prestam, predominantemente, à metafunção ideacional, isto é, à descrição de experiência de mundo. Recorrer-se-á a essas duas aproximações ao longo de todo este trabalho.

Segundo a GR, elementos menos gramaticalizados veiculam conteúdo de mundo. No entanto, à medida que esses mesmos elementos tornam-se mais gramaticalizados, eles vão deixando de representar a experiência do falante para ganhar em potencialidade expressiva. É a esse processo compensatório que os teóricos de GR chamam de desbotamento ou esvaziamento semântico (“semantic bleaching” (Givón, 1975; Lord, 1976:183/189), “semantic depletion” (Lehmann, 1982:127), “semantic weakening” (Guillaume, 1964:73:86); Guimier, 1985:158), “desemanticization” (Heine and Reh, 1984) or “generalization or weakening of semantic content” (Bybee and Pagliuca, 1985:59/63)) (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 155-156). Esse pressuposto da GR, associado às metafunções de Halliday, será usado neste trabalho para que se investigue a trajetória de GR do item linguístico *assim*: verificar-se-á se suas ocorrências menos gramaticalizadas desempenham, predominantemente, função ideacional, em detrimento de suas ocorrências mais gramaticalizadas, de funcionalidade predominantemente expressiva, já que “esvaziadas” semanticamente.

1.3. Da dimensão cognitiva

“O modo como Halliday aborda a língua acaba por caracterizá-la predominantemente como um fenômeno social. Essa postura tem sido seguida, pelo menos até recentemente, por uma certa **falta de interesse na dimensão psicológica ou cognitiva da língua**”⁶ (BUTLER, 2003, p. 46, grifo nosso; tradução nossa)

⁶ “(...) Halliday’s approach to language is centrally concerned with language as a social phenomenon. This orientation has been paralleled, at least until recently, by a relative lack of interest in the psychological or cognitive dimension.” (BUTLER, 2003, p. 46)

Segundo o trecho anterior, a abordagem funcionalista de Halliday não privilegia a dimensão cognitiva da língua, entendida como um nível ainda pré-verbal. No entanto, apesar de este trabalho recorrer ao auxílio das metafunções do linguista, far-se-ão considerações envolvendo o nível conceitual da língua, isto é, o modo como parecem se processar as informações antes ainda de serem linearizadas verbalmente.

Como será detalhado mais adiante (seção 3.4), a GR do item *assim* prevê que ele atue como marcador discursivo (doravante, MD). Nessas ocorrências, não há como não se relacionar o fluxo de verbalização linguística ao estágio anterior ao da verbalização: o do processamento cognitivo. Por meio de exemplos do *corpus*, perceber-se-á que o MD *assim* parece ser uma estratégia linguística que vem à tona em momentos em que o falante hesita quanto ao que será produzido verbalmente.

“Por razões que até dificultam uma compreensão plena dos fatos, alguns linguistas insistem em ver os princípios organizacionais da língua como sendo tão arbitrários e abstratos como se eles pudessem ser virtualmente independentes de qualquer organização cognitiva ou perceptual”.⁷ (GIVÓN, 1989, p. 235, em nota de rodapé; tradução nossa).

Givón, em seu livro *Mind, Code and Context – Essays in Pragmatics* (1989), propõe e explica o conceito de rotinização linguística, que, como se perceberá na seção 3.4, aplica-se às amostras retiradas do *corpus* deste trabalho. Segundo o linguista, em momentos de menor atenção ou de menor monitoramento consciente, os falantes desenvolvem mecanismos de rotinização linguística que consistem na criação de atalhos neurais os quais, por sua vez, se refletem em hábitos linguísticos de certa rigidez, proporcionando ao falante menor custo cognitivo (ou maior economia cognitiva). Esses mecanismos neurolinguísticos de automatização não ocorrem, no entanto, em momentos de maior atenção ou de monitoramento mais consciente do falante para com a informação ainda a ser verbalizada. Em suma: de um lado, está o processamento

⁷ “For reasons that sometimes belie one’s understanding, some linguists persist in viewing the organizational principles of language as being so unique and abstract, so as to be virtually independent of cognitive and perceptual organization.” (GIVÓN, 1989, p. 235, em nota de rodapé)

cognitivo automatizado (*automated processing*) e, de outro, o processamento cognitivo monitorado (*attended processing*) (GIVÓN, 1989, p. 255 e 260).

O autor explana que o processamento automatizado é menos monitorado, menos controlado pela consciência, envolve maior economia cognitiva e parece estar por trás do desenvolvimento de estruturas linguísticas rígidas e previsíveis, as quais parecem funcionar como indícios de processamento automatizado (p. 256-257).

Ora, essa proposta de Givón se aplica perfeitamente aos pressupostos da GR, segundo a qual itens menos gramaticalizados têm maior independência sintática, ao passo que itens mais gramaticalizados (como é o caso do MD *assim*) têm maior rigidez ou previsibilidade sintática (TRAUGOTT & KÖNIG, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 190).

Neste ponto da discussão, retome-se o mote funcionalista: o de que a língua se presta à comunicação. Ora, se a língua é ferramenta, espera-se que ela encurte caminhos durante a comunicação. Parece natural, portanto, que haja, de fato, um arsenal linguístico composto por recursos que envolvem menor custo cognitivo e menor monitoramento consciente. Especificamente quanto à GR do *assim*, já se afirmou que as ocorrências do item como MD têm estado presentes em momentos de hesitação por parte do falante. Ou seja, quando o falante parece não encontrar a melhor forma de se expressar, ele preenche esse íterim com o MD *assim*, que, portanto, age como um preenchedor de vazio de função retardadora (URBANO, 1999, p. 210). Relacionando-se isso aos dois processamentos propostos por Givón (1989) e descritos acima, poder-se-ia propor que o MD *assim* possui alta eficácia cognitiva, à medida que é um atalho automatizado que se gramaticaliza na fronteira entre dois fluxos de informações monitoradas.

O exemplo (1) abaixo ilustra essa propriedade do *assim*.

- (1) mas eu acabo escrevendo sobre o que surge no momento né. e depois eu organizo a estrutura. eu nunca tento éh... **assim**, é muito difícil... eu partir de... tentar seguir a estrutura do texto sabe. eu:: organizo o texto/ a estrutura depois que ele tá meio composto.

Em (1), o *assim* liga as porções *eu nunca tento éh e é muito difícil eu partir de...* (*tentar seguir a estrutura do texto sabe*). O que se percebe é que o conteúdo dessas porções ligadas corresponde a informações altamente monitoradas, tanto que o locutor rapidamente abandona a primeira porção (um falso início), talvez por achá-la inadequada. Esse abandono é evidência de que o locutor monitora constantemente sua fala, reparando-a explicitamente logo em seguida. E é para iniciar o reparo que o item *assim* surge como uma estratégia linguística rotinizada, automatizada, de baixo custo cognitivo, permitindo que o locutor retarde seu discurso, ganhando tempo até achar o melhor modo de reparar o falso início abandonado. É claro que já se entrevê a importância interpessoal do item, que também acaba funcionando como uma estratégia de se evitar assalto a turno.

“Como preenchimento de pausa, o **assim** pode ser encarado como ruptura informacional, instaurando momentos facilitadores para a organização e planejamento do texto e dando tempo ao falante para se preparar”. (URBANO, 2003, p. 102, *apud* PRETI, 2003)

É importante ressaltar que a estratégia de preenchimento de pausa corresponde a um comportamento *linguístico* não monitorado: tudo indica que esse tipo de pausa é um momento de intenso trabalho cognitivo por parte do locutor. No entanto, o monitoramento têm vistas à informação que ainda será verbalizada, e não com o próprio preenchedor, de caráter paliativo. Há, dessa forma, uma dissonância entre a grande quantidade de informações pré-verbais na mente do falante e a modesta dissilabidade verbal do MD *assim*.

“Talvez, alguma aparente arbitrariedade advenha justamente do processo de gramaticalização, da rotinização cognitiva de estruturas desgastadas. Quando os mecanismos envolvidos na construção de estruturas complexas se automatizam, maiores explicações são normalmente dispensadas toda vez que a estrutura é usada. (...) **a automatização de estruturas libera a mente para que se dê atenção a outros aspectos da**

mensagem.”⁸ (MITHUN, 1989, p. 553, apud JOSEPH & JANDA, 2006; grifo nosso; tradução nossa)

1.4. Da gramaticalização

A GR, entendida como um processo de mudança linguística, permite que um mesmo item (ou construção), em um mesmo recorte sincrônico de língua, possa ser usado em contextos de maior concretude e em contextos de menor concretude (ou de maior abstratização). Subjacente ao processo de GR, há o princípio de transferência metafórica, operação cognitiva por meio da qual domínios mais distantes da experiência física humana (tais como tempo e relações textual-discursivas) podem ser compreendidos como projeções de domínios mais próximos à experiência física humana (tais como espaço).

A necessidade que o falante mostra de sobrepor domínios (um mais abstrato, perspectivamente, sobre um mais concreto) só pode estar associada à necessidade que esse mesmo falante tem de se comunicar de forma clara. É, portanto, durante o processo de interação verbal que as transferências de domínios se aplicam: um mesmo item lexical que, originalmente, presta-se à experiência de um mundo físico, passa a atender as necessidades expressivo-comunicativas dos falantes.

Pelo que se entrevê nas linhas anteriores, já se está criando uma polaridade categorial: em um polo, há os itens (ou construções) relacionados a conceitos mais concretos – os itens lexicais; no polo oposto, encontram-se os itens (ou construções) relacionados a conceitos mais abstratos – os itens gramaticais. O léxico deve ser compreendido, assim, como a língua a serviço do mundo, e a gramática, como a língua a serviço da própria língua (VILELA, 1979, p. 17). Finalmente, tem-se que a GR é um processo de mudança linguística que, viabilizado por transferências metafóricas e motivado por pressões da interação verbal, permite ao léxico se tornar gramática.

⁸ “Perhaps the most fundamental source of apparent arbitrariness is the process of grammaticization, the cognitive routinization of recurring structures. When the individual decisions involved in building complex expressions are automated, fine judgments need not be made each time a structure is used. (...) **the automation of whole structures frees the mind for attention to more novel aspects of the message**” (MITHUN, 1989, p. 553, apud JOSEPH & JANDA, 2006; grifo nosso)

Tentativas há de se definir, precisamente, o que é léxico e o que é gramática. Em sua Tese de Doutorado, por exemplo, Souza (2009, p. 72) apresenta o seguinte quadro, adaptado de Heine et alii (1991b, p. 28-29):

Categorias lexicais	Categorias gramaticais
São mais concretos, incluindo objetos, processos, localizações, qualidade.	São mais abstratos, incluindo conceitos derivacionais (provenientes da associação com categorias-base).
Possuem conteúdo semântico isoladamente.	Não possuem conteúdo semântico isoladamente.
Palavras livres (são mais autônomas).	Palavras presas (ligadas ao contexto ou a outra forma).
Permitem modificadores de diferentes classes.	Não permitem modificadores.
São de uso geral e menos frequente.	São de uso específico e mais frequente.
Possuem maior conteúdo fonológico.	Possuem menor conteúdo fonológico.
São codificados por lexemas.	São codificados por auxiliares, partículas, clíticos, afixos e unidades suprasegmentais.
Estabelecem relações extralinguísticas, ou seja, relações referenciais.	Estabelecem relações linguísticas e contextuais, ou seja, relações de cunho gramatical.
Compõem uma classe aberta.	Compõem uma classe fechada.

Essa tentativa de se dicotomizar estatuto lexical e estatuto gramatical, embora válida e didática, deve ser entendida de forma fluida, gradiente. Isso porque não se pode atribuir a todos os itens lexicais todas as propriedades que o quadro acima traz; o mesmo se aplica aos itens gramaticais. A GR é, por natureza, um processo gradiente: um mesmo item lexical (ou fonte, ou base) A pode assumir um estatuto gramatical B ($A > B$), e o item já gramaticalizado B pode assumir estatuto ainda mais gramatical, C ($B > C$) (LICHTENBERK, 1991, p. 39, *apud* TRAUGOTT & HEINE, 1991). Ora, se o ganho de gramaticalidade pode se mostrar crescente ($A > B > C$), as características apresentadas na tabela acima devem, de fato, ser entendidas de forma gradiente.

Para que se compreenda essa gradiência, já se antecipa que o uso lexical do item *assim* corresponde a suas ocorrências como dêitico espacial (quando ele auxilia na promoção de harmonia entre o texto e o ambiente extralinguístico chamado à interação – seção 3.1). Quando já envolto em algum estatuto gramatical, o item atua como fórico textual (auxiliando na promoção de harmonia entre as próprias partes internas constitutivas do texto – seção 3.2), a exemplo de pronomes. Gramaticalizando-se ainda mais, o *assim* ainda funciona como MD, ocorrências em que o item pode auxiliar na reorganização da fala, além de revestir-se de função modalizadora. Logo, o uso do *assim* como MD é muito mais envolto em abstratização do que suas ocorrências de natureza pronominal; ainda, essas ocorrências de natureza pronominal são muito mais envoltas em abstratização do que as ocorrências como dêitico espacial. Em escala (*cline*) crescente de GR, tem-se: *nível proposicional* (A) > *nível textual* (B) > *nível expressivo* (C) (TRAUGOTT, 1982, 1989, 1990, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 189), escala essa que, sob o prisma das metafunções de Halliday (1985), corresponderia a: *metafunção ideacional* (A) > *metafunção textual* (B) > *metafunção interpessoal* (C).

Uma vez estabelecido que a trajetória *léxico* > *gramática* deve ser percebida como um *continuum* e que categorias lexicais e gramaticais não são totalmente discretas, mas gradientes, decorrem alguns princípios que norteiam o processo de GR.

Um item que funciona lexicalmente pode, em um mesmo recorte sincrônico, mostrar ocorrências que funcionam gramaticalmente. Isto é, um uso mais gramaticalizado não anula um uso menos gramaticalizado: ambos podem coexistir em uma mesma sincronia. Com o item *assim*, por exemplo, esse princípio (*layering principle* (HOPPER, 1987, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 22) se aplica, uma vez que os usos mais gramaticalizados do item coexistem a seu uso fonte. O que se tem, portanto, é uma mesma forma adquirindo novas funções (*principle of the exploitation of old means for novel functions*, de Werner and Kaplan (1963:403) (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991, p. 150)).

O estudo da GR unicamente sob uma perspectiva sincrônica, no entanto, nem sempre é tão revelador a ponto de evidenciar ao estudioso que um dado item está se tornando mais gramatical:

“A dificuldade de se identificar a gramaticalização quando ela ainda não é tão evidente consiste no fato de que o item ou construção em questão pode não ter alcançado o estágio de ser “obrigatório(a)”, “previsível” etc, (...) o que caracteriza a

gramaticalização tanto em estágios mais avançados, mais facilmente identificáveis, como em estágios iniciais, quando ocorrem fenômenos de variação e quando se torna mais relevante a questão de se poder (ou ainda não) falar em gramaticalização”⁹ (HOPPER, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 21; tradução nossa)

Um item de estatuto lexical não adquire estatuto gramatical de forma imediata; ou, ainda, um item de estatuto já gramatical não adquire estatuto mais gramatical instantaneamente. É mais provável que um elemento se torne mais gramaticalizado quando uma comunidade de falantes o “desgasta”, entendendo-se por “desgastar” o aumento na frequência de uso do elemento em uma dada construção – o que pode levar tempo. Por isso, acredita-se que o ideal é que haja a conciliação de um enfoque diacrônico ao sincrônico (dito *pancrônia*), cada um deles revelando diferentes aspectos do processo de GR de um item. Se se analisa a GR exclusivamente sob uma perspectiva sincrônica, pode-se chegar à conclusão um tanto frustrante para o linguista de que “synchronic structure is a goal that is never reached” (JOSEPH, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 488). E, se a GR for investigada exclusivamente sob uma perspectiva diacrônica, ter-se-ia um estudo mais voltado para resultados do que para causas, o que conferiria à GR um caráter apenas em parte esclarecedor. Nas palavras de NEVES (2004).

“Uma posição pancrônica, (...) acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica; ou, como ainda diz Burridge (1993), (...) enfatiza “a natureza interativa das forças inovativas e idiomatizantes” (p. 144), rejeitando a noção de gramaticalização como um processo que vai para a ossificação, ou idiomatização.” (NEVES, 2004, p. 118)

⁹ “The problem of identifying grammaticization when it is not already obvious is precisely that the form or construction in question has not yet reached a stage of being “obligatory”, “fixed”, and so on, (...) characteristic of grammaticization not only at the later, more easily identifiable stages, but also at the incipient stages where *variable* phenomena occur, and where the question more cogently arises as to whether we might speak of grammaticization”. (HOPPER, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 21)

É claro que uma investigação pancrônica demanda do linguista *corpora* bem maiores de análise:

“Pesquisas quantitativas de cunho diacrônico requerem o uso de longos *corpora* históricos, que contenham dados bem documentados e representativos de vários gêneros, dialetos, autores e datas. *Corpora* desse tipo não estão prontamente disponíveis para todas as línguas, embora seu resgate e uso em pesquisas linguísticas esteja se tornando mais comum.”¹⁰ (PINTZUK, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 515)

Ao *corpus* deste trabalho, aplicou-se uma perspectiva essencialmente sincrônica, investigando-se o *assim* em uma amostragem da língua portuguesa em sua sincronia atual e aí pontuando os estágios menos e mais gramaticalizados do *assim*.

Outra ressalva que se deve fazer é consequência do que se acabou de expor. Se pode levar algum tempo para que uma comunidade de falantes valide o uso mais gramaticalizado de um dado item, é provável que haja um período em que essa comunidade disponha de modos alternativos para verbalizar uma ‘mesma’ construção sintática (*grammatical competition*, KROCH, 1995, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 510). Quanto ao comportamento sintático do MD *assim*, por exemplo, o item pode anteceder complementos de verbos (seção 3.4.1). Tome-se (2) como exemplo:

- (2) porque eles estavam tão certos que eles estavam **assim**... éh:: com um poder divino sabe.

Em (2), a forma verbal *estavam* possui seu complemento *com um poder divino* anunciado pelo MD *assim*. No entanto, entre *estavam* e seu complemento, poderia não haver qualquer marcador. Isto é, ambas as construções sintáticas (com ou sem marcador), embora similares, são concorrentes em uma mesma sincronia. Duas formas concorrentes são similares, mas não iguais: como se observará em 3.4.1, a opção por uma ou por outra construção parece ser motivada por fatores pragmáticos e cognitivos: a inserção do MD *assim* antecedendo complementos parece estar ligada a dificuldades

¹⁰“(...) quantitative diachronic syntactic research requires the use of large historical *corpora*, containing well-documented data which represent a broad range of genres, dialects, authors, and dates of composition. *Corpora* of this type are not readily available for all languages, although their construction and use for linguistic research is becoming more common.” (PINTZUK, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 515)

na linearização verbal de conteúdos pré-verbais (veja-se, inclusive, a presença do *éh* em (2), que marca hesitação do falante). Isso explica o fato de essas ocorrências do *assim* serem mais típicas da modalidade oral e espontânea de língua, quando planejamento e produção verbal são etapas quase simultâneas. Portanto, embora se tenha consciência de que as construções *verbo + complemento* e *verbo + **assim** + complemento* sofrem restrições pragmáticas, ainda assim, pode-se dizer, *grosso modo*, que são construções concorrentes. Sobre as possíveis restrições sofridas por estruturas concorrentes, Lichtenberk (1991), novamente, é bastante esclarecedor:

“(...) a forma (ou construção) nova não substitui a antiga da noite para o dia. Ao contrário: formas novas normalmente começam como variações pouco usadas, têm sua frequência aumentada com o tempo, até que, finalmente, podem substituir as antigas. Uma construção nova normalmente não emerge repentina e uniformemente em uma comunidade linguística. Ela pode se mostrar mais comum em algumas áreas e nem tanto em outras ou pode ser mais comum com alguns falantes e nem tanto com outros. O mais comum é que haja diferenças de gerações. **Frequentemente, há diferenças entre registros. Uma forma nova pode adentrar uma língua por meio de um registro e seu espalhamento pode não se dar de maneira igualmente rápida em todos os registros**”.¹¹ (LICHTENBERK, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 39; grifos nossos; tradução nossa)

Também merece menção o fato de que as ocorrências mais gramaticalizadas de um dado elemento linguístico podem conservar traços de seu uso base (*persistence principle*, HOPPER, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 28). Com o *assim*, por exemplo, *todos* os seus usos gramaticalizados carregam o significado lexical que o item tem de mostrativo, respeitativo, é claro, os diferentes domínios em que o item é empregado (de maior concretude ou maior abstratização).

Cite-se que as ocorrências mais gramaticalizadas de um item (ou construção) podem, ainda, ser importantes ferramentas por meio das quais o locutor mostra seu grau

¹¹“(...) the innovative form does not displace the old form overnight. Instead, innovative forms typically start out as infrequently used variants, their frequency increases over time, and ultimately they may completely replace the old forms. An innovative form does not normally emerge all of a sudden throughout the language community. It may be more common in some areas than in others, more common with some speakers than with others. Typically, there are generational differences. **Frequently, there are differences among the registers. An innovative form may enter a language through one register, and its spread may not be equally rapid in all the registers.**” (LICHTENBERK, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 39; grifos nossos)

de envolvimento para com os conteúdos que veicula. Isto é, ser mais gramaticalizado implica ser mais abstratizado, além de poder implicar maior subjetividade, como se verificará com o MD *assim*, na seção 3.4.1.

“Subjetividade em gramaticalização consiste no “desenvolvimento de uma marca gramatical por meio da qual se depreende a crença do falante ou sua atitude para com o que é dito”.”¹² (TRAUGOTT, 1995a: 32, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 633-634; tradução nossa)

Por fim, vale um adendo. Grande parte da literatura disponível converge para o fato de que a GR é um processo de mudança linguística unidirecional, no sentido de que os usos lexicais (envoltos em maior concretude) precedem os usos gramaticais (envoltos em maior, ou menor, abstratização). Embora se tenha evitado o termo *unidirecional* até aqui, o conceito de unidirecionalidade está subentendido nas linhas anteriores. Esse é um aspecto da GR que divide as opiniões de linguistas. Vejam-se, a seguir, alguns argumentos dos que não comungam da unidirecionalidade da GR.

“Outro ponto comum entre as análises é a problematização do princípio da unidirecionalidade *concreto* > *abstrato* na derivação, no curso do tempo, de novos sentidos e usos para os itens linguísticos. Na medida em que a maioria das formas e dos sentidos examinados, mesmo os mais abstratos, já estava disponível nas sincronias mais distantes do português e do latim, não foram encontradas evidências de que os sentidos mais abstratos e genéricos são derivados dos mais concretos e específicos no curso do tempo. Mesmo nos casos em que não foram identificados usos mais abstratos em uma sincronia mais distante, não se pode ter certeza de que não circulavam na língua ou, como prefere Votre (1999, 2000), “se estavam disponíveis, potenciais, e não aparecem nos dados porque não houve aí contexto que os aninhasse””. (FERREIRA, 2003, apud CUNHA, OLIVEIRA & MARTELOTTA, 2003, p. 74)

Não se questiona o fato de que, em sincronias mais distantes da língua portuguesa, um mesmo elemento linguístico podia já mostrar usos mais abstratizados coexistindo a usos mais concretos. Também não se duvida do fato de que, dentre os usos já gramaticalizados, os mais gramaticalizados já pudessem existir em sincronias

¹² “Subjectification in grammaticalization is “the development of a grammatically identifiable expression of speaker belief or speaker attitude to what is said”.” (TRAUGOTT, 1995a: 32, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 633-634)

distantes e de que não haja registro deles por falta de *corpus* disponível. Quanto ao item *assim*, por exemplo, já se mencionou que suas ocorrências como MD são restritas à modalidade oral e espontânea de língua, ocorrências de que não se tem documentação em sincronias mais afastadas do português atual.

O que se acredita neste trabalho, no entanto, é que essa discussão envolvendo sincronias mais distantes da atual não é argumento que desqualifica a unidirecionalidade da GR. Tal discussão somente transfere temporalmente o problema: o problema de hoje passa a ser o de ontem.

Castilho (2010), que também não compartilha do caráter unidirecional da GR, vai além dos argumentos propostos por Ferreira (2003), abordando os aspectos cognitivos envolvidos na GR:

“As línguas naturais representam em suas estruturas as categorias cognitivas de PESSOA, COISA, ESPAÇO, TEMPO, MOVIMENTO, VISÃO, QUALIDADE, QUANTIDADE, entre outras. A representação linguística dessas categorias muda de língua para língua, ou no interior de uma mesma língua, ao longo de seu percurso histórico. Mas as categorias cognitivas permanecem, pois integram os atributos da raça humana. (...) Ora, como dizem os historiadores, pensar o presente é pensar o passado no presente.” (CASTILHO, 2010, p. 69-77)

Não se questiona aqui o fato de que categorias cognitivas são inerentes à raça humana e que, portanto, precedem qualquer forma de representação linguística. No entanto, já que categorias cognitivas são recrutadas para alicerçar línguas, acredita-se que a cognição opera no sentido de facilitar as operações linguísticas, e não de complicá-las (remonte-se aos processamentos monitorado e automatizado, de Givón (1989) – seção 1.3). Dessa forma, estruturas linguísticas que designem domínios mais próximos do homem não exigem que ele proceda a mecanismos de transferência metafórica – é o caso de itens ainda não gramaticalizados. Por outro lado, estruturas linguísticas que designem domínios mais distantes do homem (tal como o domínio textual e o domínio do gerenciamento da fala) exigem operações cognitivas de transferência metafórica, como já explanado no início desta seção.

Sublinhe-se, portanto, que o presente trabalho defende a unidirecionalidade da GR. Abaixo, são expostos excertos de linguistas que dão aporte à tese aqui defendida.

“Uma característica que está implícita em definições e que tem frequentemente sido mencionada como uma propriedade intrínseca ao processo de gramaticalização é a *unidirecionalidade*, ou seja, o fato de que o processo vai de uma estrutura “menos” a uma “mais gramatical”, e não o inverso. Poucos contraexemplos têm sido citados (Kahr, 1976; Jeffers & Zwicky, 1980) e refutados por Lehmann (1982:16-20). Embora alguns exemplos demonstrem que o processo pode se dar de maneira inversa, ou seja, que a “degramaticalização” pode ocorrer, **tais exemplos são menos comuns** e serão ignorados ao longo deste trabalho.”¹³ (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 149/150; negrito nosso; tradução nossa)

“(…) têm sido levantadas dúvidas sobre a unidirecionalidade do processo de gramaticalização, e alguns exemplos que refutam a hipótese da unidirecionalidade têm sido investigados (...). Entretanto, como atestado pela maioria dos estudiosos, **tais exemplos são muito poucos se comparados ao grande número de exemplos que confirmam aquela hipótese.**”¹⁴ (HEINE, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p.582; grifo nosso; tradução nossa)

Ambas as citações anteriores reconhecem o fato de que a GR pode não necessariamente levar elementos lexicais a se tornar gramaticais ou elementos já gramaticais a se tornar mais gramaticais. Isto é, é reconhecida a potencial reversibilidade da GR. No entanto, os exemplos desse processo reverso que a literatura sobre GR tem disponíveis são poucos para que se desconstrua a hipótese unidirecional.

¹³ “A (...) characteristic which is implicit in (...) definitions and has frequently been mentioned as an intrinsic property of the process is that grammaticalization is *unidirectional*, i.e. that it leads from a “less” to a “more grammatical” unit but not vice versa. A few counterexamples have been cited (e.g. Kahr, 1976; Jeffers and Zwicky, 1980) but have been refuted by Lehmann (1982:16-20). Although some examples can be adduced to show that the process may be reversed, that is, that “degrammaticalization” may in fact take place, **such examples are less usual** and will be ignored in the remainder of this paper.” (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 149/150; negrito nosso)

¹⁴ “(...) doubts have been raised as to whether grammaticalization truly is a unidirectional process, and a number of examples contradicting the unidirectionality hypothesis have been identified (...). However, first, as acknowledged by most of these scholars, **such cases are few compared to the large number of examples that confirm the hypothesis** (...)”. (HEINE, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p.582; grifo nosso)

“(...) a proposta da multidirecionalidade (CASTILHO, 2003) (...) não inviabiliza a trajetória unidirecional da GR, justamente pelo fato de os últimos usos de todas as trajetórias representarem usos mais abstratos e gerais. (...) Aceitar, pois, a gradualidade do processo de GR é entender que a língua evolui de formas mais concretas a formas mais abstratas (...)” (SOUZA, 2009, p. 71-78)

Como a GR é o conceito fundamental que perpassa toda esta pesquisa, faça-se a seguir um resgate dos pressupostos teóricos expostos ao longo desta seção:

- a GR é um processo unidirecional de mudança linguística que prevê que um mesmo item (ou construção), em uma mesma sincronia da língua, possa mostrar ocorrências lexicais e gramaticais. As primeiras são aplicadas a domínios mais concretos, mais próximos à experiência física humana, ao passo que as ocorrências gramaticais se relacionam, por transferência metafórica, a domínios de maior abstratização, tais como a criação de texto e o gerenciamento da fala;

- a trajetória de GR de um item pode não contar com estágios discretos, uma vez que a GR é um processo gradiente, fluido; isto é, um item lexical A pode assumir um estatuto gramatical B ($A > B$), e esse mesmo item B pode assumir um estatuto ainda mais gramatical C ($B > C$). Logo, tanto a ocorrência B como a C são gramaticais, mas com graus diferentes de gramaticalização em um *continuum*;

- itens (ou construções) mais gramaticalizados são normalmente mais desgastados, já que é grande a frequência de seu uso. Além disso, durante o período em que a comunidade de falantes desgasta o item, legitimando sua maior gramaticalidade, é possível que uma “mesma” construção sintática possa ser verbalizada de duas formas: ou contando com o item desgastado ou dele não fazendo uso;

- mesmo as ocorrências mais gramaticalizadas de um dado item podem conservar traços de suas ocorrências lexicais. É o que se verificará, por exemplo, com o *assim*, uma vez que sua propriedade mais concreta de mostrativo persiste, de alguma forma, nas demais ocorrências mais abstratizadas.

1.5. Da gramaticalização *versus* discursivização

Na literatura sobre GR, é comum que alguns linguistas diferenciem dois processos: GR, de um lado, e discursivização (daqui em diante, DC), de outro.

“Gramaticalização leva um item lexical ou construção sintática a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Discursivização leva o item já gramaticalizado a assumir função de marcador discursivo, reorganizando o discurso, quando a sua restrição de linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade”. (MARTELOTTA, VOTRE & CEZARIO, 1996, p. 2)

Conforme a citação, portanto, a GR não abarca a DC, sendo esta um estágio posterior. Ademais, a funcionalidade como MD não estaria abrigada na trajetória de GR desse item, mas, sim, naquele estágio posterior, o da DC.

A citação seguinte, de estudiosas do processo de GR do elemento *assim*, faz coro à distinção anterior entre GR e DC:

“A discursivização trata-se de um processo pelo qual um elemento não tem mais relação com as normas gramaticais, e sim com o discurso. (...) as ocorrências [*discursivizadas*] não desempenham função gramatical referente à organização interna do texto, mas têm a função de reorganizar a fala.” (CASTELANO, LUQUETTI & SOUZA, p. 96, 2012; grifo nosso).

Apresentadas as diferenças entre GR e DC, há que se desfazer um erro em que se pode incorrer: os próprios nomes *gramaticalização* e *discursivização* parecem sugerir que gramática e discurso são componentes linguísticos excludentes, o que não é verdade. Martelotta et al. (1996) esclarecem que “gramática e discurso não são conceitos separados, mas, ao contrário, constituem uma simbiose: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática” (p. 22). Nas palavras de Souza (2009), “um

grande problema que vejo (...) é como sustentar e atestar esse percurso, *entendendo o discurso como um componente separado da gramática*” (p. 104; grifo nosso).

Na presente pesquisa, optou-se por se descartar o conceito de DC: acredita-se que o uso do item *assim* como MD corresponde à etapa máxima de sua GR. Não se deve entender que, por “marcar o discurso”, o item extrapola o componente gramatical, mas, tão somente, que ele auxilia predominantemente o modo como o fluxo da fala é processado (seção 3.4).

Além disso, se se separa GR de DC, dá-se a entender que uma descontinuidade na fala nada tem a ver com continuidade de texto; no entanto, um MD que preenche descontinuidades na fala só se justifica justamente para que haja continuidade textual. Em suma, crê-se que o MD *assim*, por reorganizar o discurso, corresponde a uma das etapas de GR do item, a etapa máxima. Nas palavras de Souza (2009):

“o fato de um item linguístico assumir uma função mais discursiva (...) não significa que esse uso não possa ser tratado como uma gradualidade do processo de GR, que atribui funções discursivas para elementos mais gramaticalizados” (SOUZA, 2009, p. 104)

Essa posição aqui assumida não é a mesma de Penhavel (2013), segundo o qual “não seria propriamente adequado falar em GR de MDs” (p. 76). O autor assim argumenta, recorrendo às classes de palavras:

“Uma das questões sobre MDs que mais diretamente afetam os estudos de GR e que mais precisam ser vistas de forma clara diz respeito ao fato de que nenhum autor considera MDs como uma classe gramatical. Esses elementos são sempre definidos como membros de alguma classe textual, discursiva, pragmática, conversacional etc., dependendo do quadro teórico-metodológico, mas nunca são definidos como uma classe gramatical. Na verdade, MDs são definidos como uma classe textual, discursiva, pragmática etc., a qual inclui elementos pertencentes a diferentes classes gramaticais. (...) Dessa forma, considerando a definição fundamental de GR como o processo pelo qual um elemento lexical se torna gramatical e um elemento gramatical se torna mais gramatical, pode-se dizer que, teoricamente, não seria

propriamente adequado falar em “GR de MDs” (PENHAVEL, 2013, p. 76).

Ora, é sabido que a Gramatical Tradicional tem como pilar apenas uma das modalidades de língua, a escrita. O enquadramento dos vocábulos e expressões de uma língua nas tradicionais classes de palavras não se adéqua perfeitamente às pressões típicas da oralidade, quando entram em pauta os aspectos hesitativos (seção 1.3) já discutidos sobre a organização em curso da fala. Todas as peculiaridades que já se vêm há algum tempo investigando sobre a língua falada não podem ser acomodadas pelo que vernaculamente se conhece à exaustão sobre a língua escrita (MARCUSCHI, 2006, apud PRETI, 2006, p. 42). O que se quer dizer é que a escrita não pode ser tratada como medida para abrigar as estratégias e necessidades da oralidade.

“Eu vejo a gramática como estruturadora de aspectos tanto comunicativos como cognitivos da linguagem. A gramática abarca a fonologia, a morfossintaxe, além de uma semântica verdadeiramente funcional, e **ela é rica o suficiente para legitimar interação com todas as habilidades cognitivas envolvidas na negociação falante-ouvinte, as quais justamente possibilitam a gramaticalização**. Isso inclui processamento informacional, gerenciamento do discurso e outras habilidades fundamentais aos fenômenos linguísticos de foco, topicalização, dêixis e coerência discursiva.”¹⁵ (TRAUGOTT, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 626; grifo nosso; tradução nossa)

1.6. Da Teoria da Estrutura Retórica (RST)

A Teoria da Estrutura Retórica (daqui em diante, RST), desenvolvida por William Mann e Sandra Thompson em 1983 e exposta em artigo de 1988, é uma teoria

¹⁵ “I see grammar as structuring communicative as well as cognitive aspects of language. Grammar encompasses phonology, morphosyntax, and truth-functional semantics, and **it is rich enough to license interaction with the general cognitive abilities such as are involved in the speaker-addressee negotiation that gives rise to grammaticalization**. These include information processing, discourse management, and other abilities central to the linguistic pragmatics of focusing, topicalization, deixis, and discourse coherence.” (TRAUGOTT, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 626; grifo nosso)

descritivo-funcional que investiga o modo como as partes de um texto se associam coerentemente umas às outras. Para que essa investigação ocorra, um analista da RST fragmenta o material de análise em porções de texto (*text spans*). Essas porções podem configurar um caso de hipotaxe quando são assimétricas entre si, isto é, quando possuem *status* distintos: as porções chamadas *núcleo* são “normalmente mais essenciais ao texto do que as outras, chamadas *satélite*” (AZAR, 1999). Nesse caso de hipotaxe, tem-se uma relação do tipo *núcleo-satélite* (Figura 2). Além disso, duas porções podem também possuir mesmo *status*, configurando um caso de parataxe e originando uma relação do tipo *multinuclear* (Figura 1).

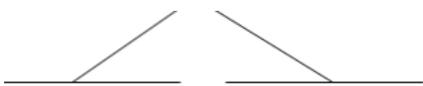


Figura 1. Esquema de relação multinuclear

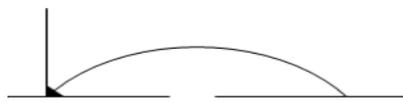


Figura 2. Esquema de relação núcleo-satélite

Em língua falada, chega-se às porções de texto por meio de alguns critérios estabelecidos por Chafe (1980), que cunhou o termo *idea unit*, normalmente traduzido como *unidade de informação*. Para o autor:

“A língua espontânea não planejada é produzida em uma série de jatos, para os quais o termo unidade de informação parece apropriado. Uma unidade de informação prototípica tem as seguintes propriedades: (1) Ela é produzida oralmente por meio de um único contorno prosódico, o qual termina numa entonação típica de final de oração; (2) ela é precedida e seguida por algum tipo de hesitação, que pode ir desde uma quebra momentânea no fluxo de fala até uma pausa preenchida ou não preenchida de vários segundos; (3) é uma oração – ou seja, ela contém um sintagma verbal junto de sintagmas nominais, preposicionais, adverbiais e etc, conforme o caso”¹⁶ (CHAFE, 1985, p. 106; tradução nossa)

¹⁶ “Spontaneous, unplanned spoken language is produced in a series of spurts, for which the term idea unit has seemed appropriate. A prototypical idea unit has the following properties: (1) It is spoken with a single coherent intonation contour, ending in what is perceived as a clause-final intonation; (2) it is preceded and followed by some kind of hesitation, ranging from a momentary break in timing to a filled or unfilled pause lasting several seconds; (3) it is a clause – that is, it contains one verb phrase along with

Especificamente quanto ao item (3) trazido na passagem anterior de Chafe, Decat (2010) esclarece que as unidades de informação são

“jatos de linguagem ou blocos de informação, que geralmente equivalem a uma oração, mas não necessariamente, podendo ser qualquer porção de texto que constitua uma unidade quanto ao conteúdo informacional”. (DECAT, 2010, p. 168).

Resultando da combinação entre porções de texto falado ou escrito, há proposições relacionais ou relações retóricas. Tais relações, além de poderem ser classificadas em multinucleares ou núcleo-satélite, ainda se subdividem em relações *de apresentação* ou relações *de conteúdo*. As de apresentação têm um caráter pragmático, interpessoal: elas se originam da combinação entre porções por meio das quais o locutor, manipuladora e argumentativamente, objetiva agir sobre o interlocutor, criando (ou aumentando) nele determinada inclinação – a chamada *atitude positiva*. Por outro lado, as relações de conteúdo têm um caráter mais semântico, cujo efeito esperado é o de que o interlocutor reconheça sua presença. Nas palavras de Mann e Thompson (1988):

“O indício mais evidente é o efeito que a relação tem no leitor (...). Relações de conteúdo são aquelas cuja intenção é a de que o leitor *reconheça* a relação em questão; relações de apresentação são aquelas cuja intenção é a de aumentar alguma inclinação no leitor, tal como o desejo de agir ou o grau de atitude positiva, crença ou aceitação da informação trazido no núcleo”¹⁷ (MANN & THOMPSON, 1988, p. 257; tradução nossa)

whatever noun phrases, prepositional phrases, adverbs, and so on are appropriate (...).” (CHAFE, 1985, p. 106)

¹⁷ “The clearest indicator is the effect a relation has on the reader (...). Subject matter relations are those whose intended effect is that the reader *recognizes* the relation in question; presentation relations are those whose intended effect is to increase some inclination in the reader, such as the desire to act or the degree of positive regard for, belief in, or acceptance of the nucleus.” (MANN & THOMPSON, 1988, p. 257)

A existência de relações retóricas independe da presença explícita de MDs; elas existem mesmo que não haja qualquer marcador articulando os segmentos. Todavia, para os objetivos desta pesquisa, a presença explícita (de uma variedade) do MD *assim* norteará as análises do *corpus* (seção 3.4.2). O que se objetiva é verificar se há uma especialização do MD *assim* no estabelecimento de alguma relação retórica.

2. O CORPUS E METODOLOGIA

O *corpus* utilizado nesta pesquisa pertence ao FUNCPAR (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). Todo o material é de natureza oral e é composto por 10 (dez) entrevistas entre documentador e informante e por 5 (cinco) elocuções formais do tipo aula.

Aplicou-se ao *corpus*, essencialmente, um tratamento quantitativo, fazendo-se um levantamento do número de ocorrências em que houve determinado uso do *assim*. A partir desses dados quantitativos, partiu-se para considerações de natureza qualitativa, procedendo-se a testes práticos que ratificassem a maior potencialidade ideacional do *assim* menos gramaticalizado, em detrimento da maior potencialidade expressiva do *assim* mais gramaticalizado..

Quanto às entrevistas, seus informantes foram professores universitários de Maringá (PR), nascidos na cidade ou residentes nela há mais de 10 anos. Para que esses informantes apresentassem um comportamento linguístico mais espontâneo durante a entrevista, solicitou-se previamente a cada um deles um artigo científico de sua autoria. Baseado nesse artigo, o pesquisador elaborou perguntas sobre o processo de produção do texto em si e sobre os temas tratados no artigo. Observou-se que tal procedimento possibilitou um maior envolvimento dos informantes para com o conteúdo de que se estava tratando, diminuindo-se o efeito intimidatório que o gravador geralmente causa aos entrevistados. As entrevistas foram transcritas alfabeticamente seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993: 11-12), trazidas logo em seguida, e segmentadas em unidades de informação (CHAFE, 1980; conceito já explicado na seção 1.6).

Quanto às elocuções formais do tipo aula, os informantes da pesquisa também foram professores de Maringá (PR), nascidos na cidade ou residentes nela há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas de graduação, motivo pelo qual se esperava algum grau de formalidade nos textos. Devem ser destacados os papéis e a posse do turno, fixados previamente (KOCH & SOUZA e SILVA, 1996). Por isso, há poucas marcas de interação: o professor, em geral, respondia a perguntas feitas pelos alunos. Esses textos também tiveram um início bem marcado, com a apresentação dos

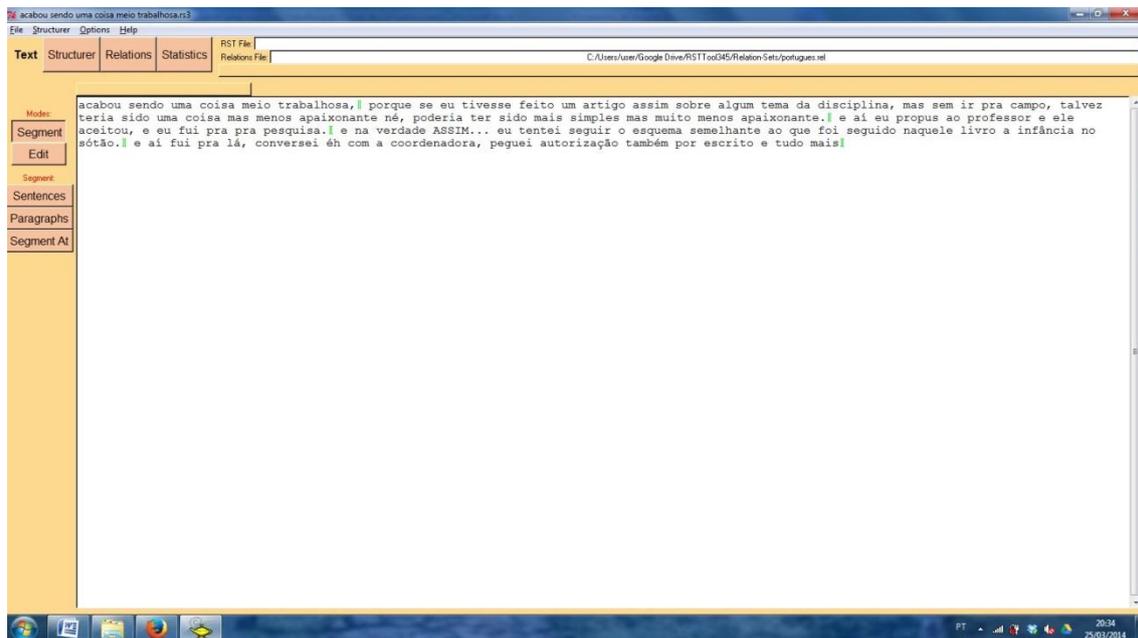
objetivos da aula, assim como um encerramento no qual os objetivos da aula seguinte eram antecipados. Além disso, foram encontrados marcadores metapedagógicos (como *certo?*) e marcadores de referência ao saber já internalizado pelos alunos (como *já sabe né?*). Por fim, as elocuções formais também foram transcritas alfabeticamente seguindo-se o padrão baseado nas normas do projeto NURC e segmentadas em unidades de informação.

Os códigos usados para a transcrição tanto das entrevistas como das elocuções formais foram:

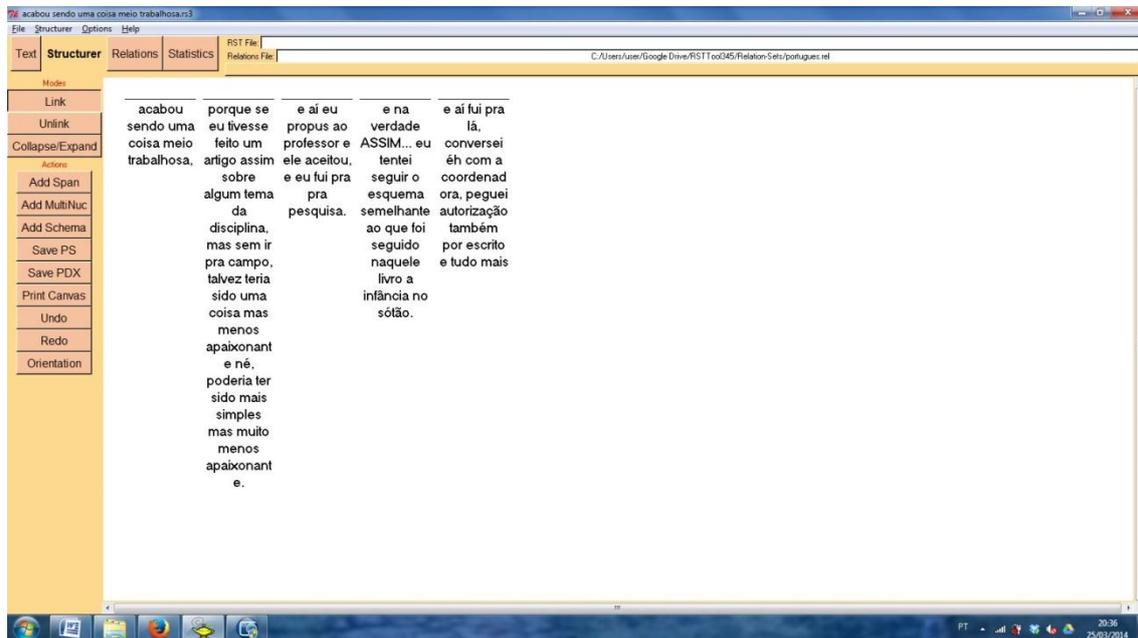
#	incompreensão de palavras ou segmentos
(hipótese)	hipótese do que se ouviu
/	truncamento
MAÍUSCULAS	entonação enfática
::	prolongamento de consoante ou vogal
-	silabação
?	interrogação
.	entonação descendente (indicando final de frase)
,	entonação ascendente ou estável (indicando continuação)
..	pausa com retomada instantânea do fluxo da fala
...	pausa (quanto maior o número de pontos, mais longa a pausa)
“citações”	citações literais
<i>itálico</i>	pronúncia muito rápida das palavras

Especificamente para as ocorrências do MD *assim* articulador de segmentos discursivos (seção 3.4.2), utilizou-se o programa RSTTool, versão 3.11, de Mick O’Donnel, disponível para *download* no site www.wagsoft.com. Esse programa auxiliou na criação dos diagramas arbóreos, que representam graficamente as relações retóricas de um texto. O programa disponibiliza duas listas de relações, as multinucleares e as do tipo núcleo-satélite, já descritas na seção 1.6. Dessa ferramenta, utilizaram-se três interfaces:

- Segmentação horizontal de texto, para marcar os limites entre os segmentos textuais:



- Estruturação inicial de texto, para que se comece a marcação vertical das relações retóricas entre tais segmentos:



- Estruturação final de texto, com a marcação vertical definitiva das relações retóricas entre tais segmentos:

76 acabou sendo uma coisa meio trabalhosa.r3

File Structurer Options Help

Text **Structurer** Relations Statistics RST File
Relations File C:/Users/.../Google Drive/RST/Tool345/Relation-Setu/portugues.rst
Edit Rhetorical Structure

Modes
Link
Unlink
Collapse/Expand

Ações
Add Span
Add MultiNuc
Add Schema
Save PS
Save PDX
Print Canvas
Undo
Redo
Orientation

1-5
Elaboração

1-2 Evidência 3-5 Método 4-5 Elaboração

acabou porque se e aí eu 4-5
sendo uma eu tivesse propos ao professor e Elaboração
coisa meio feito um professor e e na
trabalhosa, artigo assim ele aceitou, e na
e eu fui pra sobre e eu fui pra verdade e aí fui pra
da algum tema pra pesquisa. ASSIM... eu lá,
disciplina, mas sem ir seguir o esquema ora, peguei
pra campo, talvez teria semelhante autorização
tido uma coisa mas ao que foi também
menos apaixonant por escrito
e né, livro a e tudo mais
poderia ter sido mais simples
mas muito menos apaixonant
e.

20:38
25/03/2014

3. ANÁLISE

Em todo o *corpus* FUNCPAR, encontraram-se 204 (duzentas e quatro) ocorrências do item linguístico *assim*, categorizadas conforme apresentado no quadro 1. Cada uma das categorias elencadas no quadro (dêitico espacial, fórico textual e MD) será investigada na sequência. Sublinhe-se que a literatura em descrição linguística atribui, ainda, o *status* de conjunção ao item *assim*; no entanto, nenhuma ocorrência conjuncional do item foi encontrada no *corpus* de análise.

ESTÁGIO DE GR DO <i>ASSIM</i>	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS NO <i>CORPUS</i>
Dêitico espacial	24
Fórico textual	98
MD	82
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	204

Quadro 1 – Número de ocorrências por estágio de GR do *assim*.

3.1. Dêitico espacial

Como já explanado em 1.4, o processo de GR do item *assim* tem como ponto de partida sua atuação no léxico da língua. Ao funcionar lexicalmente, o *assim* é aplicado em domínios mais concretos, ligados ao espaço em que se passa a interação verbal. É por isso que, nesse caso, a verbalização do item pressupõe um referente extralinguístico, localizado no ambiente em que se passa a interlocução. Diz-se, portanto, que o *assim* é dêitico exofórico. Nas palavras de Levinson (2007),

“a dêixis diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do contexto da enunciação ou do evento de fala e, portanto, também diz respeito a maneiras

pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto de enunciação”. (LEVINSON, 2007, p. 65)

Em outros termos, diz-se que o *assim* desencadeia referenciação exofórica, bem explicada agora nestas palavras de Halliday e Hasan (1976):

“(…) a informação necessária para que se interprete um elemento do texto não é encontrada no texto propriamente, mas na situação extralinguística. (...) Esse tipo de referência é chamada EXOFÓRICA, já que ela nos leva para fora do texto”.¹⁸ (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 18; tradução nossa)

Numa interação verbal face a face, o referente a ser capturado pelo interlocutor, necessário à interpretação do *assim*, é, normalmente, apontado ostensiva e gestualmente pelo falante, podendo corresponder a tamanhos, a formas, a quantidades, a métodos ou a aparências.

- (3) tem gente que vai fazer a fração parcial né .. faz **assim** ó .. a integra:l .. né .. de w menos dois.. w ao quadrado menos um, .. nem coloca o dw aqui, .. ou coloca né, .. aí pega e coloca **assim** ó. [escreve no quadro] certo?
- (4) grão de boi é terrível... grão de boi ah:: .. cê come ele e ele fica .. amar::go... umas bolona **assim**.

Em (3), transcrição de uma aula de matemática, observam-se duas ocorrências do *assim* como referenciador exofórico. Em ambas, a funcionalidade do item se justifica por sua referência a métodos, expostos na lousa pelo professor. A exposição que acompanha a primeira ocorrência do *assim* vai sendo verbalizada ao mesmo tempo em que o professor a reproduz na lousa. O referente desse primeiro *assim*, portanto, corresponde ao método *a integra:l .. né .. de w menos dois.. w ao quadrado menos um*. Quando à segunda ocorrência do *assim* em (3), a exposição de seu referente não é

¹⁸“(…) the information required for interpreting some element in the text is not to be found in the text at all, but in the situation. (...) This type of reference we shall call EXOPHORA, since it takes us outside the text altogether”. (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 18)

verbalizada pelo professor. Dessa forma, para um interlocutor ausente no evento de fala de (3), o referente desse segundo *assim* se perde em uma gravação limitada ao áudio. Um analista sabe, no entanto, que esse *assim* promove referência exofórica pelo próprio conteúdo lexical do item e pela rubrica entre colchetes trazida pela transcrição (*[escreve no quadro]*).

Outro indício que denuncia a exoforicidade das duas ocorrências do *assim* em (3) é a presença do verbo *olhar*, na forma fonologicamente reduzida *ó*. Esse verbo acaba auxiliando o *assim* no direcionamento da atenção do interlocutor, funcionando ambos como uma espécie de comando para que o ouvinte olhe para o referente pretendido.

Quanto a aspectos sintáticos, ambos os *assim* de (3) modificam, respectivamente, os sintagmas verbais *faz* e *coloca*, atuando, conforme nomenclatura da Gramática Tradicional, como advérbios de modo. Nos termos usados por Castilho (2010), o *assim* é operador que incide sobre os escopos *faz* e *coloca*, predicando-os, isto é, transferindo-lhes traços semânticos de que eles não dispunham antes (p. 127-128).

Em (4), o mais provável é que o *assim* tenha feito referência exofórica a uma forma: embora não haja rubricas entre colchetes, acredita-se que o professor tenha feito alguma expressão corporal que imite a forma de *bolona*. Retornando-se aos termos de Castilho (2010), o *assim* de (4) é operador que escopa o sintagma nominal *bolona*, acrescentando-lhe traços semânticos recuperáveis e presentificados somente na situação concreta em que se passou a interação de (4).

Relacionando o item em análise às três metafunções propostas por Halliday (1985 – ver seção 1.2), as ocorrências do *assim* agora analisadas desempenham os papéis ideacional, interpessoal e textual. Seu caráter ideacional (nível proposicional de Traugott & Heine (1991)) está presente em sua capacidade de veicular conteúdo do mundo biofísico e de transferir esse conteúdo a um termo escopo, predicando-o. Seu caráter interpessoal (nível expressivo de Traugott & Heine (1991)) existe na capacidade que o *assim* possui de guiar a atenção do ouvinte, funcionando como um comando pragmático do tipo “veja o referente”. Como já explicado por meio do exemplo (3), vale lembrar que, por vezes, a função de direcionar a atenção do interlocutor pode vir auxiliada por algum outro elemento linguístico, a exemplo de *ó* (redução fonológica do verbo *olhar*). Finalmente, seu caráter textual (também chamado nível textual de Traugott & Heine (1991)) se deve ao fato de o item harmonizar o texto ao ambiente extralinguístico chamado à baila.

Na seção 1.2, explicou-se que, nesta pesquisa, buscar-se-ia isolar as três metafunções de Halliday: nas considerações anteriores feitas acerca do *assim* dêitico espacial, deixou-se claro que ele tem funcionalidade quanto à veiculação de conteúdo de mundo (metafunção ideacional), quanto a aspectos interpessoais de direcionamento de atenção (metafunção interpessoal) e quanto à construção de texto (metafunção textual). Quando se confrontam ocorrências como as de (3) e (4) com ocorrências em que o *assim* é MD (ver seção 3.4), observar-se-á que, quando o item é MD, sua funcionalidade interpessoal é evidente, ao passo que sua funcionalidade ideacional, que em (3) e (4) é plena, dificilmente pode ser percebida.

O apelo extralinguístico que acompanha as ocorrências do *assim* dêitico espacial atesta tais ocorrências como sendo o ponto inicial da GR do item. Um teste que reforça sua ainda baixa gramaticalidade e, portanto, seu ponto máximo em veiculação de conteúdo de mundo, é o fato de que *somente* seus usos como dêitico espacial podem constituir, por si só, enunciados completos.

Retorne-se ao exemplo (3) e suponha-se que, por um ruído externo qualquer, o aluno não tenha entendido a segunda ocorrência da palavra *assim*, pronunciada pelo professor. Hipoteticamente, poder-se-ia ter (5):

- (5) *Professor*: tem gente que vai fazer a fração parcial né .. faz assim ó .. a integra::l .. né .. de w menos dois.. w ao quadrado menos um, .. nem coloca o dw aqui, .. ou coloca né, .. aí pega e coloca **assim** ó. [escreve no quadro] certo?
Aluno: aí pega e coloca como, professor?
Professor: **assim**. [aponta novamente para o quadro]

Suposição semelhante poderia ser feita para o exemplo (4), a partir do qual se poderia obter, hipoteticamente, (6):

- (6) *Professor*: grão de boi é terrível... grão de boi ah:: .. cê come ele e ele fica .. amar::go... umas bolona **assim**.
Aluno: umas bolona como, professor?
Professor: **assim** [gesto que imita a forma de *bolona*].

Por meio dos diálogos inventados (5) e (6), prova-se que o *assim*, quando dêitico espacial, é capaz de constituir um enunciado completo, funcionando ideacionalmente por si só.

“O estudo da gramaticalização (...) toma como central a noção de um *continuum* que vai desde unidades independentes, ocorrendo em posições de relativa liberdade sintática, passa por unidades menos dependentes tais como clíticos, conectivos, partículas ou auxiliares, e chega a construções aglutinadas e inflexões até atingir zero”.¹⁹ (TRAUGOTT & KÖNIG, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 189; tradução nossa)

No Brasil, alguns linguistas se debruçam sobre a tarefa de descrever a trajetória de GR do *assim*. Dentre tais autores, utilizam-se como referência os trabalhos de Martelotta, Votre e Cezari (1996); Martins (2004); Longhin-Thomazi (2006); Souza (2009); Castelano, Luquetti & Souza (2012); e Ramos (2012).

As ocorrências lexicais do *assim* são as que menos geram nomenclaturas desconstruídas, já que todos aqueles linguistas listados concordam em chamar este primeiro estágio de GR do *assim* dêitico espacial. Martins (2004) utiliza a nomenclatura *indicador dêitico*, o que não acarreta, no entanto, controvérsias teóricas. Ao final da seção seguinte, perceber-se-á que o próximo estágio na trajetória de GR do *assim* gera maior desconstrução de nomenclaturas.

Em *Anexos* (seção 5), trazem-se todas as ocorrências do *assim* dêitico espacial encontradas no *corpus* do FUNCPAR. Antes, porém, duas observações merecem menção especial.

Como já se sabe, o *corpus* do FUNCPAR compreende diálogos entre informante e documentador, além de elocuições formais do tipo aula. Apenas 1 (uma) ocorrência do *assim* dêitico espacial foi encontrada nos diálogos; todas as restantes, que totalizam 23 ocorrências, foram extraídas das elocuições formais. Isso aponta para o fato de que o *assim* lexical parece ser mais típico de situações que envolvem maior apelo didático, a exemplo de elocuições formais do tipo aula.

¹⁹ “The study of grammaticalization (...) takes as central the concept of a continuum of bondedness from independent units occurring in syntactically relatively free constructions at one end of the continuum to less dependent units such as clitics, connectives, particles, or auxiliaries, to fused agglutinative constructions, inflections and finally to zero”. (TRAUGOTT & KÖNIG, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 189)

A segunda observação que merece registro é o fato de que nem todas as ocorrências anexadas trouxeram rubricas que legitimam o caráter dêitico/exofórico do item *assim*. Registre-se aqui, portanto, a necessidade de que as transcrições de *corpora* contenham rubricas que ratifiquem o caráter extralinguístico de qualquer elemento dêitico. Isso é de fundamental importância à cuidadosa investigação linguística. De qualquer maneira, mesmo na ausência de rubricas, consideraram-se as ocorrências anexadas ao final como sendo dêitico espaciais pelo fato de todas elas apresentarem as propriedades explicadas por meio dos exemplos (3) e (4).

3.2. Fórico textual

Como já mencionado na seção teórica sobre a GR (seção 1.4), o princípio da persistência prevê que a função de apontar não é exclusiva do *assim* dêitico espacial. Coexistindo com seu uso exofórico, exposto em 3.1, o item mostra funcionalidade endofórica, ainda apontando, mas, agora, no interior do próprio texto.

Completando, portanto, a trajetória *espaço > texto*, o *assim* se gramaticaliza ainda mais: imbuído de (endo)foricidade, o item pode retomar, de forma encapsulada (ou abreviada), informações textuais previamente já citadas (anáfora), ou, ainda, anunciar, também de forma encapsulada, informações textuais ainda por citar (catáfora). Nas palavras de Halliday & Hasan (1976):

“(...) há um tipo específico de relação de significado que é central à criação de tessitura textual: aquela em que UM ELEMENTO É INTERPRETADO POR REFERÊNCIA A OUTRO. (...) Há coesão quando a interpretação de um item do discurso exige que se faça referência a algum outro item do mesmo discurso. (...) O elemento pressuposto pode estar localizado em qualquer lugar, em uma sentença anterior, talvez, ou em uma subsequente (...). A forma de pressuposição que aponta para um item prévio é chamada de ANÁFORA. (...) A pressuposição pode seguir a direção oposta, quando o elemento pressuposto está adiante. A isso, dá-se o nome de CATÁFORA.”²⁰ (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 11-17; tradução nossa)

²⁰ “(...) there is one specific kind of meaning relation that is critical for the creation of texture: that in which ONE ELEMENT IS INTERPRETED BY REFERENCE TO ANOTHER. (...) Where the

No *corpus* de análise, os números encontrados para as variedades anafórica e catafórica do *assim* endofórico estão mostrados no quadro a seguir:

VARIEDADE DO <i>ASSIM</i> ENDOFÓRICO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS NO <i>CORPUS</i>
Anafórico	48
Catafórico	50
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	98

Quadro 2 – Número de ocorrências das variedades do *assim* endofórico.

Como se pôde ver no quadro 2, mostraram-se bem equilibradas as ocorrências anafórica e catafórica do *assim* fórico, isto é, nenhuma dessas variedades mostrou frequência substancialmente maior que a outra.

Devido ao ganho da propriedade de referenciar endoforicamente, o *assim* adquire estatuto pronominal (NEVES, 1999, p. 242). Veja os exemplos do *corpus*:

- (7) .. pra ser sincera acho que eu nunca pensei sobre isso. ... acho que eu nunca pensei sobre a estrutura do texto, .. é boa ou não não, ... eu não sei. .. é ... eu acho que talvez seja necessário né, .. anunciar pro sujeito, .. dar uma idéia daquilo do que você vai escrever, .. uma apresentação do texto penso que é necessário fazer. .. você chegar de sopetão e começar ler um texto, .. se bem que normalmente em livro é feito **assim** né, .. quando você vai ler um romance, você não sabe o que vai acontecer.
- (8) leite pasteurizado é feito uma pasteurização que a gente chama uma pasteurização lenta, então é como se você cozinhasse o leite né, porque isso acontece **assim**, você eleva a temperatura e esfria, é rápido.

interpretation of any item in the discourse requires making reference to some other item in the discourse, there is cohesion. (...) First, the presupposed element may be located elsewhere, in an earlier sentence, perhaps, or in the following one (...). This form of presupposition, pointing back to some previous item, is known as ANAPHORA. (...) But the presupposition may go in the opposite direction, with the presupposed element following. This we shall refer to as CATAPHORA". (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 11-17)

Em (7), a informante se utiliza do *assim* como um referenciador textual anafórico: o item retoma, de forma abreviada, todo o segmento *você chegar de repente e começar ler um texto*. Em (8), a estratégia é semelhante: o item também funciona como referenciador textual, mas, agora, catafórico. Por meio do *assim*, a informante anuncia, de forma abreviada, todo o conteúdo subsequente *você eleva a temperatura e esfria*.

Note-se que, tanto em (7) como em (8), o *assim* conserva sua propriedade sintática original de predicar escopos, incidindo, respectivamente, sobre os sintagmas verbais *é feito* e *acontece*. A diferença é que, em vez de o interlocutor buscar um referente extralinguístico, ele o faz no próprio texto. A recuperação de referentes, portanto, torna-se menos subordinada ao momento presentificado do evento de fala.

Antes de se tratar das metafunções de Halliday (1985), dois fatos observados no *corpus* mereceram especial atenção: um quanto ao *assim* anafórico e outro quanto ao *assim* catafórico.

Muitas das ocorrências do *assim* anafórico trouxeram consigo, em seu entorno sintático, expressões modalizadoras. Essas expressões são um recurso de que o locutor se utiliza para exteriorizar algum grau de incerteza quanto ao conteúdo verbalizado. Veja como isso ocorre nas ocorrências negritadas de (9) e (10):

- (9) eu tenho um estilo de escrever que eu considero *assim*... que é um estilo bem simples né, éh:: apesar de estar escrevendo pra academia, mas:: ...qualquer leigo digamos **assim** que pegar o texto, éh:: pelo menos eu penso... *assim* né, que ele:: ele entende o que está sendo:: escrito né, então eu não tenho *assim* uma:: uma linguagem digamos acadêmica
- (10) mas ela se assemelha muito a uma carne escura de frango. coxa... mais ou menos **assim**, mas na questão de sabor a gente não:: fez análise ainda pra saber né.

Em (9), o *assim* negritado é anafórico, já que resgata o antecedente *qualquer leigo*. No entanto, esse resgate se dá de forma modalizada, e o que evidencia essa modalização é a forma verbal subjuntiva *digamos*, imediatamente anterior ao *assim*. O locutor de (9) parece mostrar alguma dificuldade em achar um termo que rotule leitores que não fazem parte da academia. Acaba optando pelo termo *leigos*; mas, por meio da

propriedade modalizadora de *digamos (assim)*, mostra-se consciente de que a escolha por aquele termo talvez não seja a melhor.

Em (10), o *assim* negrito também é anafórico, recuperando o antecedente *uma carne escura de frango. coxa*. No entanto, a recuperação, assim como em (9), também mostra marca de modalização, a expressão *mais ou menos*, imediatamente anterior ao *assim*. Por meio desse recurso, o locutor explicita que a analogia de algo com uma carne escura de frango ou coxa talvez não seja a comparação ideal.

Como mostrado no quadro 3, das 48 ocorrências do *assim* anafórico, 20 trouxeram entorno sintático de modalização, número expressivo.

ASSIM ANAFÓRICO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
<i>Assim</i> anafórico sem entorno sintático de modalização	28
<i>Assim</i> anafórico com entorno sintático de modalização	20
TOTAL	48

Quadro 3 – O *assim* anafórico e a modalização.

Todas as 20 ocorrências do *assim* anafórico com entorno de modalização estão apresentadas na sequência, de (11) a (28) (excetuadas as ocorrências (9) e (10), já mostradas e analisadas anteriormente); nelas, o antecedente resgatado está em itálico e a expressão modalizadora está sublinhada.

- (11) eles têm *essa coisa meio messiânica né, de estamos fazendo isso em nome de Deus, e qualquer coisa **assim**,*
- (12) ele tava ali *no papel de pai no papel de mãe* ou qualquer coisa **assim**, a partir do momento que ele passa a ser um profissional remunerado,
- (13) acho que é *do programa de apoio a crianças e adolescentes*, qualquer coisa **assim**,
- (14) não é uma coisa que eu faço *espontaneamente* digamos **assim**.
- (15) a gente tem em mente algumas estratégias pra atingir... éh:: *com a linguagem* digamos **assim** esse... pra adequar a linguagem a esse público ne. éh:: você

pensa em algumas estratégias que você... usa conscientemente assim pra atingir esse público?

- (16) ele pode fazer essa linguagem mais *acadêmica* digamos assim... que... interessa aos seus pares né
- (17) houve o processo de redemocratização do país, onde *voltaram* digamos assim as liberdades constitucionais... né
- (18) aquilo serve também pra conservação, *é como se ajudasse com um efeito*, vamos dizer assim, evita que oxide, evita que entre luz, evita que entre a porosidade mesmo o ar, que tenha contato .. troca .. com o ar.
- (19) e o que que essa gordura vegetal hidrogenada tem? ela é riquíssima em trans, *ela é praticamente puro trans*, vamos dizer assim.
- (20) .. eles vi::am os animais .. éh:: nascerem, .. mas eles queriam saber da onde *surgiu* o primeiro digamos assim, .. da onde veio o primeiro, .. qual foi a origem dessa vida.
- (21) (ALUNA) .. por isso que essa:: .. teoria é forte?
(PROFESSOR) .. por isso que ela é aceita, .. é a mais aceita, .. *é a teoria aceita* digamos assim .. né? .. porque realmente ela contro::la .. o aparecimento .. dessas moléculas orgânicas ne::ssas condições da Terra primitiva.
- (22) .. tem a foto de Lamarck aí, .. ele publicou em 1809 .. tá pessoal .. o seu livro que dizia *a filosofia zoológica*, .. mais ou menos assim traduzindo aí tá, .. e nesse livro ele propôs .. a primeira teoria da evolução porque nossos vós/ nosso avós tinham mais .. filhos do que hoje, .. mas qualquer outra espécie natural .. de animal .. a geração que aquele animal produziu ela vai ser maior, .. vai ter ma::is .. descendentes do que a geração do pai. .. no entanto .. essas populações mantinham-se estável no tamanho, .. como assim? .. à medida que nascia, .. morria também.
- (23) .. se extensiva é criado solto, .. intensiva o gado é criado .. preso. .. professor confinamento? .. exato, .. con-fi-na-men-to. .. A::Lta tecnologia, .. alta tecno-logia. .. que alta tecnologia no caso? .. *vão colocar o gado no computador::?* .. essas coisas assim? .. pessoal não vão colocar o gado no computador, .. mas tem como desenvolver formas para que o gado por exemplo se alimente de uma forma:: .. mais rápida.

- (24) cês viram a Perdígão? .. cês viram a Sadia .. o que que aconteceu com as duas? .. uniram, .. compraram, .. uma/uma tá junto com a outra agora. .. se eu não me engano, .. é a quinta maior/ .. é a quinta maior no mundo, .. uma coisa assim, .. um negócio .. nesse estilo, .. no ramo de::/de vendas, .. exportação de aves.
- (25) .. quanto tá o álcool? .. um e vinte um é? .. um e trinta? .. num é? .. por aí .. na faixa de um e trinta.. alguma coisa assim o álcool hoje.
- (26) .. aí perguntei pra ela, .. senhora::, .. acho que era *Maria* o nome dela, .. uma coisa assim, .. Matilde, .. sei lá.
- (27) .. *ele vai pra outro lugar*, .. *invade o::utra*, .. *sofre de novo*, .. *pega mais dois mil*. .. professor o cara é louco? .. ele gosta NÉ .. decerto dum banheirinho, .. hã:: .. *pisar no barro*, .. essas coisas. ... professor mas o MST então .. é tudo **assim**?
- (28) .. bom .. o que deve conter esse item .. né .. dentro desse item resultados? .. éh:: .. o objeTIVO gente desse item .. ou dessa *seção* .. né .. nós podemos dizer assim, .. é a gente apresentar os resulta::dos né .. que foram obtidos com a ma-ni-pu-la-ção feita pelo procedimento,

De (9) a (28), os modalizadores utilizados nas imediações do *assim* anafórico foram: *qualquer coisa (assim)*, *digamos (assim)*, *mais ou menos (assim)*, *vamos dizer (assim)*, *essas coisas (assim)*, *se eu não me engano, uma coisa (assim)*, *um negócio nesse estilo, por aí, alguma coisa (assim)*, *acho que, sei lá, essas coisas e nós podemos dizer (assim)*.

Essa estreiteza entre o *assim* anafórico e a modalização merece destaque pelo fato de parecer antecipar uma propriedade do *assim* MD. Como se observará em 3.4, quando atua como MD, o *assim*, por si só, é modalizador. Como anafórico, ele ainda não modaliza por si só, mas conta com expressões que o auxiliam nisso. Dito de outra forma: a plenitude do *assim* como modalizador só ocorrerá em um estágio posterior, mais gramaticalizado, como MD.

Esse estágio de anafórico textual participante do processo de modalização evidencia a gradiência do próprio processo de GR e aponta para a necessidade de se criar um interestágio entre o *assim* anafórico textual prototípico (sem participação modalizadora) e o *assim* anafórico textual atuante na modalização – dito não prototípico, que ainda não é MD, mas que antevê propriedades de MD. Esquemáticamente:

anafórico textual prototípico

dêitico espacial > (anafórico textual não prototípico) > conjunção
catafórico textual

Trate-se, agora, de outro fato observado no *corpus*, mas concernente ao *assim* catafórico. Como já exposto no quadro 2, houve 50 ocorrências do *assim* catafórico. Dessas, em 36, ele anunciou discurso direto, na maioria dos casos, estando posposto a verbos *dicendi*, ou verbos de dizer.

ASSIM CATAFÓRICO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
<i>Assim</i> catafórico não anunciando discurso direto	14
<i>Assim</i> catafórico anunciando discurso direto	36
TOTAL	50

Quadro 4 – O *assim* catafórico e o anúncio de discurso direto.

Os três exemplos abaixo servem de ilustração para o que se observou no *corpus* com relação à cataforicidade do *assim*. Neles, o referente anunciado pelo item está sublinhado:

- (29) .. eu sempre é/faço **assim**, .. eu termino a matéria, .. uma semana depois .. já é a prova.
- (30) se tem o vale escola, a criança ganha o plano pra bolsa, isso camufla muito né, por um lado pode parecer **assim**, “ah:: que bom as famílias agora podem permanecer com seus filhos”
- (31) quando você compra um bife muito duro, você fala **assim** “isso é carne de cavalo”

Em (29), o *assim* catafórico não anuncia discurso direto. Em (30) e (31), ele o faz, mas de formas diferentes: em (30), o discurso direto não é anunciado por meio de um verbo *dicendi*, o que ocorre em (31), por meio da forma verbal *fala*. Além do verbo *falar*, o mais recorrente no *corpus*, os outros verbos *dicendi* que se antepuseram ao

assim catafórico foram: *dizer*, *pedir* e *perguntar*. Todas essas ocorrências estão devidamente isoladas em *Anexos* (seção 5).

O fato de o *assim* catafórico estar envolvido no anúncio de discurso direto não é novidade na literatura disponível sobre o item. No entanto, merece registro o fato de a maioria expressiva de suas ocorrências catafóricas se prestar a isso, pelo menos no *corpus* aqui utilizado. Poder-se-ia, inclusive, sugerir que, em trabalhos posteriores sobre o *assim*, duas espécies de catáfora fossem tratadas isoladamente: (i) a catáfora em que o *assim* não anuncia discurso direto *versus* (ii) a catáfora em que o item anuncia discurso direto.

Terminadas as considerações individualizadas acerca do *assim* anafórico (e a modalização) e do *assim* catafórico (e o discurso direto), trate-se, agora, do item como endofórico textual, abarcadas suas duas variedades. Quanto às metafunções de Halliday (1985), o *assim* como referenciador endofórico desempenha as metafunções ideacional, interpessoal e textual. No que tange o aspecto ideacional, o *assim* é funcional no sentido de que veicula conteúdo, mesmo que de forma abreviada, ou encapsulada. Tal conteúdo, agora, não se mostra verificável no mundo biofísico (concreto), mas, sim, no mundo criado pelo próprio texto (mais abstrato). Quanto à função interpessoal, a verbalização do item conserva sua função de comando ao interlocutor, do tipo ‘volte ao que já foi dito’ (para anáforas) ou ‘aguarde pelo que será dito’ (para catáforas). Sublinhe-se que isso ratifica um dos princípios propostos por Hopper (1991) (o princípio da persistência), segundo o qual formas mais gramaticalizadas podem conservar traços de suas formas fonte. Por fim, a função textual está mais intrinsecamente a serviço da própria língua do que do mundo biofísico, o que já é esperado devido à natureza endofórica do item, observada em todos os excertos trazidos nesta seção.

Uma evidência que atesta que o *assim* deixou seu estágio lexical para se gramaticalizar mais corresponde ao fato de que suas ocorrências como endofórico não podem constituir, sozinhas, enunciados completos. Por exemplo: em (7), repetido em seguida, caso tenha havido algum ruído externo que impossibilitasse o documentador de ouvir a palavra *assim*, um diálogo hipotético como o de (32) seria pouco provável:

- (32) *Informante*: .. pra ser sincera acho que eu nunca pensei sobre isso. ... acho que eu nunca pensei sobre a estrutura do texto, .. é boa ou não não, ... eu não sei. .. é ... eu acho que talvez seja necessário né, .. anunciar pro sujeito, .. dar uma idéia daquilo do que você vai escrever, .. uma apresentação do texto penso que é

necessário fazer. .. você chegar de sopetão e começar ler um texto, .. se bem que normalmente em livro é feito **assim** né

Documentador: é feito como?

Informante: assim.

Para que a segunda fala do informante de (32) fosse devidamente compreendida pelo documentador, o mais provável é que o *assim* de sua resposta viesse seguido por algum adendo, do tipo *assim*, “*como eu acabei de falar*” ou *assim*, “*chegar de sopetão e começar a ler um texto*”.

O mesmo se pode afirmar do exemplo (8), repetido a seguir, a partir do qual também é pouco provável que houvesse (33):

(33) *Informante:* leite pasteurizado é feito uma pasteurização que a gente chama uma pasteurização lenta, então é como se você cozinhasse o leite né, porque isso acontece **assim**

Documentador: acontece como?

Informante: assim.

A estranheza de (33) é ainda maior que a de (32), uma vez que o conteúdo encapsulado no *assim* de (33) ainda nem foi verbalizado pelo locutor. Portanto, o mais provável é que o *assim* de sua resposta viesse seguido pelo próprio conteúdo finalmente desenvolvido (*assim*: “*você eleva a temperatura e esfria*”). Ou, ainda, o informante poderia recorrer a um comentário metalinguístico descortês, do tipo “*eu ainda não falei como*”.

Em suma, ao se analisarem os diálogos hipotéticos (32) e (33), nota-se que o *assim*, quando de natureza pronominal endofórica, possui maior dependência sintática se comparado a seu uso como dêitico espacial. Desse modo, gramaticalizou-se mais (LEHMAN, 1982, 1995, apud GONÇALVES, LIMA-HERNANDES, CASSEB-GALVÃO et al., 2007, p. 78).

Uma vez já descrita a participação do *assim* endofórico nas três metafunções propostas por Halliday, atenha-se, agora, a seu significado ideacional e a algumas decorrências cognitivas daí advindas. Anteriormente, afirmou-se que o item veicula conteúdo, ainda que de forma encapsulada. Fazendo uso de uma sistematização um pouco matemática, aceite-se que o endofórico *assim* encapsula um dado conteúdo “x”. Isso quer dizer que, no lugar de “x”, está o *assim*; logo, o *assim* deve ser compreendido pelo interlocutor como um paliativo do tipo “vale por x”. Ora, essa estratégia linguística de se trocar “x” por um “vale por x” deve ter raízes cognitivas. Vale citar as seguintes

palavras de Chafe (1994), que trazem considerações acerca da mente humana e sua propriedade sequencial de ativar conteúdo de mundo:

“Apesar de a mente humana se dedicar à construção de uma realidade maior dentro da qual ela (ou o ser humano que a “carrega”) ocupa posição central, somente uma pequena porção dessa realidade consegue se mostrar ativa por vez. A mente humana consegue se focar, por vez, em apenas um pequeno segmento de tudo o que ela “conhece”. Usarei a palavra *consciência* para me referir a esse processo de ativação limitada. (...) Dizer que a consciência tem um foco seria repetir a observação de que a consciência é a ativação de somente uma pequena porção da realidade do falante, e não da realidade total. Essa capacidade limitada de consciência se reflete linguisticamente em breves jatos de linguagem que serão chamados de *unidades de informação* (...)”.²¹ (CHAFE, 1994, p. 28-29; grifos do autor; tradução nossa)

Segundo o autor, a mente humana armazena muito conteúdo de mundo. No entanto, todo esse conteúdo armazenado não é capaz de se mostrar integralmente ativo em um único foco de consciência: o falante, quando deseja comunicar algum conteúdo, ativa-o sequencialmente por meio de pequenos jatos ativos de consciência, que se refletem em pequenos e sequenciais jatos de língua – as unidades de entonação. Dessa forma, o *assim* endofórico é funcional no sentido de que pode encapsular, em si, uma sequência de unidades de entonação, que ainda serão verbalizadas (catáfora) ou que já foram trazidas anteriormente (anáfora). Seu caráter paliativo de “vale por x”, portanto, se justifica pela impossibilidade de que “x” esteja integralmente ativo em um único foco de consciência do falante. O *assim* é parte sintática de uma unidade de entonação de conteúdo próprio (chame-se essa unidade de “y”), à qual ele é adicionado para que se garanta texto, ou seja, para que as unidades de entonação que se sequenciam assegurem progressão referencial. Esquemáticamente, ter-se-ia

²¹ “Although every human mind is devoted to modeling a larger reality within which it (or the organism it inhabits) occupies a central place, only one small piece of that model can be *active* at one time. At any given moment the mind can focus on no more than a small segment of everything it “knows”. I will be using the word *consciousness* here to refer to this limited activation process. (...) To say that consciousness has a focus simply repeats the observation that consciousness is the activation of only a small part of the experiencer’s model of the surrounding world, not the model in its totality. This limited capacity of consciousness is reflected linguistically in the brief spurts of language that will be discussed as *intonation units* (...)” (CHAFE, 1994, p. 28-29; grifos do autor)

para o *assim* anafórico:

(_____) + (_____ *vale por "x"*) → texto
 unidade(s) de entonação de conteúdo "x" unidade de entonação de conteúdo "y"

e para o *assim* catafórico:

(_____ *vale por "x"*) + (_____) → texto
 unidade de entonação de conteúdo "y" unidade(s) de entonação de conteúdo "x"

Aplicando-se os esquemas anteriores aos exemplos (7) e (8), novamente repetidos a seguir:

- (7) .. pra ser sincera acho que eu nunca pensei sobre isso. ... acho que eu nunca pensei sobre a estrutura do texto, .. é boa ou não não, ... eu não sei. .. é ... eu acho que talvez seja necessário né, .. anunciar pro sujeito, .. dar uma idéia daquilo do que você vai escrever, .. uma apresentação do texto penso que é necessário fazer. .. você chegar de sopetão e começar ler um texto, .. se bem que normalmente em livro é feito **assim** né, .. quando você vai ler um romance, você não sabe o que vai acontecer.
- (8) leite pasteurizado é feito uma pasteurização que a gente chama uma pasteurização lenta, então é como se você cozinhasse o leite né, porque isso acontece **assim**, você eleva a temperatura e esfria, é rápido.

, ter-se-ia para (7):

(você chegar de sopetão e começar a ler um texto) + (se bem que normalmente em livro é feito **assim**) → texto

, e para (8):

(porque isso acontece **assim**) + (você eleva a temperatura e esfria) → texto

Em (7), o *assim* é parte sintática de uma unidade de entonação cujo conteúdo poderia ser intitulado *livros são normalmente feitos assim*; mas, para que o ouvinte saiba o que está encapsulado pelo *assim* endofórico, é necessário retornar à unidade anterior: *você chegar de sopetão e começar a ler um texto*. Relacionando essas esquematizações às palavras de Chafe (1994), percebe-se que o fato de uma dada

unidade de entonação trazer um elemento pronominal endofórico reflete a limitação cognitiva do falante quanto à quantidade de conteúdo que ele consegue manter ativo em um único foco de consciência. Logo, parece haver restrições cognitivas que subjazem à funcionalidade ideacional do *assim* endofórico e que também acabam se refletindo em sua funcionalidade textual.

Por fim, reitera-se o ganho de GR experienciado pelo *assim* quando da passagem *espaço > texto*. Se, por um lado, a interpretação de seu uso lexical exigia que o interlocutor buscasse um referente presentificado no evento de fala, por outro lado, a interpretação do item como referenciador endofórico exige que o interlocutor encontre o referente no próprio texto. Isso explica não somente a especialização do *assim* no papel de promover integração textual, como também sua funcionalidade cognitiva ao modo sequencial de ativação de conteúdos pela mente humana (CHAFE, 1994).

Nas palavras de Halliday e Hasan (1976):

“Tem-se sugerido que a referência à situação extralinguística seria a forma primeira de referência e que a referência a outro item dentro do texto seria uma forma de referência secundária ou derivada. (...) É certamente possível que, na evolução da língua, a referência exofórica tenha precedido a endofórica: em outras palavras, é possível que o entendimento ‘aquilo que você vê na sua frente’ tenha surgido antes do entendimento ‘aquilo que acabou de ser mencionado’. Afinal, estar presente num texto não deixa de ser um caso de estar presente na situação.”²²
(HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 32; tradução nossa)

Quanto ao *assim* descrito nesta seção e as nomenclaturas propostas por outros estudiosos do item, Martelotta, Votre e Cezario (1996) o chamam de *(ana/cata)fórico pleno*; Martins (2004) o chama de *sequenciador (ana/cata)fórico*; Longhin-Thomazi (2006) e Souza (2009), de *advérbio (ana/cata)fórico*; Castelano, Luquetti & Souza (2012), de *dêitico (ana/cata)fórico*; e Ramos (2011), de *conector (ana/cata)fórico*. Ao longo das linhas desta seção, foram apresentados dados que poderiam sustentar qualquer das designações (sequenciador, advérbio, dêitico ou conector) usadas pelos linguistas citados anteriormente. No entanto, no presente trabalho, optou-se por manter

²² “It has been suggested in fact that reference to the situation is the prior form of reference, and that reference to another item within the text is a secondary or derived form of this relation. (...) It is certainly possible that, in the evolution of language, situational reference preceded text reference: in other words, that the meaning ‘the thing you see in front of you’ evolved earlier than the meaning ‘the thing I have just mentioned’. Being present in the text is, as it were, a special case of being present in the situation.” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 32)

a designação *fórico textual* (por vezes, *referenciador endofórico*), sobretudo, para que se mantenha a distinção clássica que se crê necessária entre dêixis e foricidade (CASTILHO, 2010, p. 123); daí, a exclusão de *dêitico*. Quanto aos termos *sequenciador* e *conector*, apesar de inegavelmente aplicáveis, preferiu-se aplicá-los no próximo estágio de GR do *assim*, descrito na seção seguinte. E, quanto ao termo *advérbio*, acredita-se que ele está diretamente associado à noção tradicional de *de modo* (como em *advérbio de modo*). Entretanto, como mencionado em 3.1, o *assim* lexical já expressava igualmente circunstância de modo.

3.3. Conjunção

Ao funcionar como conjunção, o *assim*, mais do que encabeçar um segmento discursivo, fá-lo conectando esse segmento novo ao imediatamente anterior de forma a estabelecer entre ambos uma noção semântica entendida como de conclusão. Isto é, para os propósitos do falante, o segmento encabeçado pelo item deve ser recebido pelo ouvinte como uma conclusão advinda do conteúdo expresso no segmento antecedente. Está-se tratando, aqui, de intenção do falante: o fato de algo ser apresentado como conclusão de algo anterior advém do modo como o falante compreende o mundo, e, não, do relacionamento dos próprios conteúdos entre si. Um conteúdo não tem, por si só, a propriedade de concluir outro; essa conclusão é intermediada pelo locutor.

Essa é uma das razões que evidenciam o crescente distanciamento do *assim* de sua origem lexical: se o item, ao funcionar como conjunção, dispara um entendimento de mundo do locutor, o uso desse item se reveste de subjetividade. E isso, por si só, já faz do *assim* conjuncional mais gramaticalizado que o *assim* fórico textual. Mas há mais razões que atestam esse estágio posterior de GR.

Atuando como fórico textual, o *assim* funciona como uma instrução direcionada ao interlocutor para que este ou resgate texto precedente (anáfora), ou aguarde por texto subsequente (catáfora). Os comandos de resgatar algo e de aguardar por algo, dessa forma, excluem-se. Por sua vez, atuando como conjunção conclusiva, o *assim* ainda funciona como uma instrução interpessoal, com a diferença de que o interlocutor deve, simultaneamente, resgatar texto precedente (veja, portanto, que ainda persistem no item resquícios pronominais), relacionando-o semanticamente ao texto que se segue. Isto é,

os comandos de resgate e de aguardo coexistem. Essa função de apontar, simultaneamente, para trás e para frente gramaticaliza ainda mais o *assim*, que, se já apontava no interior do texto, agora o faz em direção dupla, tornando-o muito menos independente em termos sintáticos.

Segundo Tavares (2003, p. 20, apud MARTINS, 2004, p. 170):

“esse tipo de sequenciação, que ela denomina de “retroativo-propulsora” advém dos movimentos simultâneos de retroagir – guiando a atenção para trás – e de propulsionar – guiando a atenção para a frente, indicando que o que vem depois no discurso tem a ver com o que vem antes. Esse uso, portanto, ocorre quando um falante estabelece uma relação coesiva de continuidade e consonância entre informações que se sucedem no discurso”. (MARTINS, 2004, p. 170)

Não houve qualquer registro do *assim* conjuncional no *corpus* do FUNCPAR, mas houve ocorrências do *assim* anafórico que muito se assemelham – e se confundem – com seu aspecto conjuncional conclusivo. Veja-se (34).

- (34) mas você pode ajudar como? atividade física, uma boa alimentação não vai ajudar só nisso, vai ajudar em tudo .. né, mas não é assim o foco, tanto que .. pode olhar. não tem mais rótulo, o Brasil já até:: .. não precisa mais mostrar, a gente já sabe, não é tão importante **assim**, o importante é a gordura trans, ela sim que tá fazendo mal.

Em (34), a audição da gravação do *corpus* e o contorno prosódico do *assim* autorizam que ele seja classificado mais prontamente como anafórico textual, retomando a ideia *não precisa mais mostrar*. No entanto, o item, ao mesmo tempo em que retroage, propulsiona o texto adiante, já anunciando um contraponto entre o que não é mais importante e o que ainda o é (*a gordura trans*). Portanto, há um discreto comportamento conjuncional que se turva à sua natureza pronominal. Ademais, caso o locutor de (34) tivesse feito uma pausa longa antes do *assim* (o que, na transcrição, refletir-se-ia em ponto final antes do item), o aspecto conjuncional da partícula ficaria mais evidente (... *não é tão importante. Assim, o importante é a gordura trans...*).

Proceda-se, agora, à investigação das metafunções de Halliday (1985) para que se confirme se o *assim*, à medida que se gramaticaliza ainda mais, ganha em potencialidade expressiva. No tocante à metafunção ideacional, o item, atuando como conjunção, resgata, de forma encapsulada, conteúdo precedente, apontando para conteúdo sequente. Quanto à interpessoal, o item funciona como uma instrução interativa (até certo ponto, manipuladora) que marca o envolvimento pessoal do locutor para com dois conteúdos sequenciados: é o locutor que considera um segundo conteúdo como conclusão de um primeiro e expressa esse seu modo subjetivo de enxergar a experiência ao interlocutor. Finalmente, quanto à metafunção textual, o *assim* funciona como um sequenciador que facilita a progressão textual. Em suma: o fato de o *assim* conjuncional estar envolto em subjetividade já o afasta ainda mais de sua origem lexical dêitico espacial, ocorrências em que o item funcionava interpessoalmente apenas no sentido de ser um comando do tipo “veja o referente”, mas não se relacionava ao modo como o falante constrói a realidade.

Apesar de não ter havido ocorrências no *corpus*, optou-se por contemplar o *assim* conjuncional, ainda que brevemente, para que se trace todo seu percurso de GR na sincronia atual da língua portuguesa e para que se possa confrontar seu aspecto conjuncional ao seu aspecto pronominal (seção 3.2) e às suas ocorrências como MD (seção 3.4).

Antes de se finalizar esta seção, vale uma ressalva. Apesar de se estar afirmando que, na trajetória de GR do *assim*, o item assume caráter conjuncional, não é prototípico seu estatuto como conjunção. Neves (1999, p. 272-273), apesar de tratar da não-prototipicidade de conjunções adversativas, elenca razões que explicam o porquê de alguns elementos de origem adverbial adquirirem comportamento próximo ao de conjunção. Segundo a autora, são dois os fatores: (i) o elemento adverbial, funcionando conjuncionalmente, não precisa ser o primeiro elemento de uma oração; isto é, pode vir interpolado já após a oração ter sido iniciada, isolado por vírgulas; (ii) o elemento adverbial, funcionando conjuncionalmente, pode coocorrer sintaticamente com outras conjunções prototipicamente coordenativas (a exemplo de *e assim*). Com o item *assim*, de fato, ambos os argumentos apresentados por Neves (1999) se aplicam. No *corpus* do FUNCPAR, como já mencionado, não houve nenhuma ocorrência à qual se pôde atribuir inequivocamente comportamento conjuncional ao *assim*.

3.4. Marcador discursivo

Neste trabalho, parte-se da concepção de MD proposta pela Perspectiva Textual-Interativa (PTI). A PTI, “tal como exposta em Jubran (2006), constitui uma abordagem de estudo do texto resultante da fusão de três disciplinas, a Linguística Textual, a Pragmática e a Análise da Conversação” (GUERRA, 2007, p. 25). Nela,

“toma-se o texto como objeto de estudos para dele depreender regularidades, pela recorrência em contextos definidos, das formas de processamento das estratégias de construção textual, dos mecanismos de estruturação textual (entre os quais se incluem os MDs) e de suas correspondentes funções textual-interativas” (GUERRA, 2007, p. 27)

Segundo a PTI, um item linguístico é considerado MD após serem avaliados os seguintes cinco traços, ou variáveis:

- (1): articulação de segmentos do discurso;
- (2): orientação da interação;
- (3): relação com o conteúdo proposicional;
- (4): relação sintática com a estrutura oracional;
- (5): autonomia comunicativa.

Essas cinco variáveis ainda se dividem em subtraços, sendo que um MD é tido como prototípico se,

- quanto à variável (1), o item for sequenciador tópico;
- quanto à variável (2), o item for basicamente orientador da interação;
- quanto à variável (3), o item for exterior ao conteúdo proposicional;

- quanto à variável (4), o item for sintaticamente independente;
- e, quanto à variável (5), o item for comunicativamente não autônomo (URBANO, 1999; GUERRA, 2007).

No entanto, em sua Dissertação de Mestrado, Guerra (2007) propõe que a variável (2), “orientação da interação”, seja substituída por “sequenciamento da interação” e termina por sugerir a seguinte redefinição estendida de MDs:

“Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, sintaticamente independentes, comunicativamente não-autônomas e com função de sequenciamento tópico **e/ou** de sequenciamento da interação.” (GUERRA, 2007, p. 76; grifo nosso)

Considerando que os subtraços prototípicos das variáveis (3), (4) e (5) já são esperados para itens que reorganizam a fala, a autora simplifica ainda mais sua redefinição e sugere algo mais sucinto: “Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões com função primordial de sequenciamento tópico **e/ou** de sequenciamento da interação” (GUERRA, 2007, p. 77; grifo nosso).

Na definição da autora, o uso do *e/ou* se aplica perfeitamente aos propósitos deste trabalho, uma vez que o sequenciamento interacional não exclui o sequenciamento tópico, mas dele participa. Nas palavras da própria autora:

“o objeto de estudo da GTI [*Gramática Textual-Interativa*] é verificar como as condições comunicativas inscrevem-se na superfície textual de modo a permitir a observação de marcas concretas do processamento formulativo-interacional na materialidade linguística do texto.” (GUERRA, 2007, p. 26)

Até a seção anterior, ficou estabelecido que, partindo de sua origem lexical dêitico espacial, o *assim* se gramaticaliza como fórico textual, mantendo seu traço original de apontar, não mais em domínios concretos, mas no interior do texto

(anafórica ou cataforicamente) – o que evidencia sua (alguma) dependência sintática. Em um segundo momento, o *assim* se gramaticaliza ainda mais ao funcionar como conjunção conclusiva, ocorrências em que o item aponta, simultaneamente, para texto antecedente, relacionando-o semanticamente a texto subsequente – o que evidencia sua maior dependência sintática. A propriedade de apontar ainda se mantém, agindo, inclusive, em direção dupla (sequenciação retroativo-propulsora), e o item conjuncional já ganha em subjetividade/expressividade, uma vez que é indício de envolvimento do locutor para com o conteúdo veiculado.

Gramaticalizando-se ainda mais, o *assim* finalmente passa a funcionar como MD, uso em que ele ainda conserva sua instrução lexical de apontamento, mas, agora, bem mais abstratizada: o comando lexical de “veja isso” passa a ser entendido, metaforicamente, como “aguarde pelo que será dito”. Neste ponto, portanto, a trajetória *nível proposicional > nível textual* se estende para *nível proposicional > nível textual > nível expressivo* (TRAUGOTT, 1982, 1989, 1990, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 189).

O que a investigação do *corpus* evidencia é que, ao funcionar como MD, o *assim* pode ocupar dois ambientes sintáticos: ou o MD *assim* é sintagmático, antecedendo complementos de nomes ou de verbos, ou o MD *assim* não é sintagmático, articulando *segmentos discursivos* (conceito a ser trabalhado mais adiante – seção 3.4.2).

3.4.1. MD sintagmático

Por ora, atenha-se ao primeiro padrão de uso do MD *assim*, isto é, quando ele faz parte de um sintagma, já que se interpola entre um termo e seu complemento sintático. Os exemplos (35) e (36) ilustram esse caso:

- (35) é um grupo **assim**... de apoio de discussão sobre esses problemas da criança abandonada
- (36) se eu partisse pra isso no artigo eu achei **assim** que:: eu ia fazer uma análise psicológica da coisa

Em (35), o *assim* ocupa a fronteira entre o nome *grupo* e seu sintagma de valor adjetival *de apoio de discussão sobre esses problemas da criança abandonada*. Em (36), o *assim* se interpola entre o verbo *achei* e seu complemento sintático *que eu ia fazer uma análise psicológica da coisa*. A primeira observação a ser feita acerca dessas ocorrências do MD *assim* é que ele se situa num lócus que, em termos estritamente sintáticos, dispensaria sua presença. Afinal, caso o *assim* de (35) e (36) fosse elidido, não haveria qualquer prejuízo sintático aos enunciados. No entanto, o uso do *assim* como em (35) e (36) é extremamente funcional na oralidade da língua portuguesa. Logo, o segundo passo é procurar razões que expliquem a recorrência de tal construção sintática.

O *assim* de (35) e de (36) parece funcionar como catafórico textual, já que aponta para texto subsequente. No entanto, o fato de essas ocorrências serem mais típicas do registro oral de língua leva a crer que esse uso do item se relaciona a pressões típicas da oralidade, tais como a necessidade de manutenção de turno quando, em momentos de dificuldade de processamento cognitivo, ele pode ser assaltado.

Teorias de análise da conversação esclarecem que, numa interação verbal face a face, o falante é constantemente pressionado a ter o “controle da palavra”, a manter seu turno, até que suas ideias tenham sido completa e verbalmente linearizadas (LEVINSON, 2007, p. 377). No entanto, como na oralidade o processamento cognitivo e a linearização verbal ocorrem quase simultaneamente, há momentos em que o falante encontra dificuldade de conciliar ambos esses processos. É nesses momentos de dificuldade que o turno do falante se fragiliza, correndo o risco de ser assaltado pelo ouvinte. Para se evitarem assaltos a turnos, os falantes recorrem a estratégias que preenchem os vazios conversacionais (GALEMBECK, 2003, p 89, apud PRETI, 2003). Dessa forma, o MD *assim* de (35) e (36) atua estrategicamente como preenchedor de pausa, na tentativa de garantir o turno a quem fala (URBANO, 2003, p. 102, apud PRETI, 2003). Antecipe-se e registre-se que esse mesmo caráter estratégico também se aplica ao segundo padrão de uso do MD *assim*, exposto na seção seguinte (3.4.2).

“Primeiramente, há que se considerar a inevitável falta de conformidade entre as experiências de um indivíduo –

percepções, ações e avaliações imediatas, lembradas ou imaginadas – e os recursos limitados que a língua oferece para verbalizar tais experiências. Em segundo lugar, há que se considerar ainda a falta de conformidade que inevitavelmente existe entre uma mente e outra. (...) O processo de verbalização permite que o falante se apodere de razoável parte de sua experiência e a compartilhe de alguma forma com os outros, mas a organização linguística das ideias não corresponde fielmente à experiência em si.”²³ (CHAFE, 2001, p. 678-679; tradução nossa).

Reitere-se que essa funcionalidade discursiva do *assim* como preenchedor de pausa tem raízes cognitivas e ônus cognitivo. Isso porque, como atestado na fundamentação teórica deste trabalho (seção 1.3), os momentos de pausa preenchida são caracterizados por intenso trabalho cognitivo da parte do locutor, o qual se esforça cognitivamente até achar a melhor opção verbal de expressão. Esse caráter hesitativo durante a busca da melhor forma de se expressar parece trazer consigo um aumento de subjetividade.

Na teoria da GR, presença de subjetividade implica envolvimento do locutor para com o conteúdo proposicional verbalizado (TRAUGOTT 1995, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 633-634). Há estruturas linguísticas recorrentes que propiciam que o locutor modalize um *dictum*, avaliando-o ou como incontestável ou como duvidoso. Esta última parece ser a funcionalidade do MD *assim* sintagmático: o item age como um marcador de modalização epistêmica quase asseverativa (ou dubitativa) (CASTILHO, 2010, p. 548-556), o que lhe confere inegável potencialidade expressiva. Castilho (2010) não chama de MD essas ocorrências do *assim*; o linguista utiliza a expressão *advérbio modalizador* (p. 553).

Vale lembrar que o *assim* anafórico textual não prototípico (seção 3.2), apesar de atuante, não realizava, por si só, a modalização; ele contava com um entorno sintático que o auxiliava nessa tarefa, com expressões do tipo *digamos (assim)*, *mais ou menos (assim)*, *qualquer coisa (assim)*, dentre outras. O confronto entre essas etapas de

²³ “First, there is the inevitable unconformity between an individual’s experiences – perceptions, actions, and evaluations that are either immediate, remembered, or imagined – and the limited resources a language provides for verbalizing them. Second, there is the unconformity that inevitably exists between one mind and another. (...) The verbalization process allows a speaker to get a useful handle on the experience and share it to some degree with others, but the linguistic organization of ideas is not the same as the experience itself.” (CHAFE, 2001, p. 678-679).

anafórico textual não prototípico e MD, portanto, revela que, à medida que percorre seu *continuum* de GR, o item *assim* vai-se revestindo de maior subjetividade ou potencial expressivo.

Silva & Macedo (1990; apud SILVA et al., 1999, p. 337) não tratam do aspecto modalizador do *assim*, mas se atêm a aspectos sintáticos: os autores chamam essas ocorrências do MD *assim* sintagmático de *anunciador de complementos*,

“tomando o termo complemento em sentido lato (complementos verbais, adjuntos adverbiais, predicativos, no caso dos verbos; complementos nominais, adjuntos adnominais, no caso dos nomes” (MARTELOTTA, NASCIMENTO & COSTA, 1996, apud MARTELOTTA, VOTRE & CEZARIO, 1996, p. 149).

Ante todo o exposto, o MD *assim* na posição de anunciador de complementos, por atuar como modalizador quase-asseverativo, reveste-se de maior subjetividade, e, portanto, distancia-se ainda mais da origem lexical do item.

No tocante às metafunções de Halliday (1985), o MD *assim* sintagmático (exemplos (35) e (36) anteriores) funciona interpessoal e textualmente. A função interpessoal está garantida pelo fato de o item funcionar como uma marca de (fraco) comprometimento do locutor para com o *dictum*. Além disso, como já mencionado, o MD ainda conserva resquícios de cataforicidade discursiva, sinalizando que ainda há discurso por vir (o comando de “aguarde pelo que será dito”). Sendo assim, um ouvinte que age colaborativamente, provavelmente, não assalta o turno do falante, já que percebe o lampejo de descontinuidade discursiva, que se reflete em descontinuidade sintática. A metafunção textual se relaciona à importância que o MD tem de preencher vazios, assegurar o turno do falante, e, conseqüentemente, recobrar a continuidade textual. Um recurso que permite a reorganização da fala não teria funcionalidade se não servisse à reorganização de texto.

Observe-se que não foi mencionada a metafunção ideacional. O aumento de potencialidade expressiva, abstratização e subjetividade quando da passagem do *assim* de conjunção a MD traz como contrapartida o enfraquecimento de sua propriedade ideacional – como, de fato, preveem os teóricos da GR, que caracterizam o processo

como sendo de “desbotamento (ou esvaziamento) semântico” (ver seção 1.4). Além disso, no início da presente seção, citou-se que a PTI considera como MDs prototípicos aqueles que são exteriores a conteúdos proposicionais.

“(…) a gramaticalização (...) é, acima de tudo, um processo semântico. Essa dessemantização resulta do uso de itens que deixam de se referir a significados concretos, são reinterpretados e passam a se referir, em contextos específicos, a significados mais gramaticais, abstratos.”²⁴ (HEINE, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 583; tradução nossa)

Reforce-se que esta etapa da GR do *assim* não acarreta somente perdas, mas, também, ganhos; é, pois, um processo compensatório (*the loss-and-gain model*, Heine 1991, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 591). Tal observação é fundamental pelo fato de muitos teóricos tacharem a GR como um processo empobrecedor, já que leva ao esvaziamento semântico. No entanto, o aumento de GR do *assim* permite que o item ganhe em força expressiva, interpessoal, pragmática.

“(…) a gramaticalização pode ser vista apenas da perspectiva da forma fonte, que carrega o “significado total”, enquanto a forma resultante é interpretada como sendo empobrecida, desgastada, esvaziada das especificidades semânticas da forma fonte. Normalmente, essa perspectiva confere ao processo um caráter de filtragem, que retira da forma fonte seu núcleo semântico. Nesse sentido, significados complexos se reduzem a conteúdos menos complexos, mas mais gramaticais.

Apesar de essa visão de “desgaste” capturar um aspecto importante da gramaticalização, ela ignora outras características do processo e da natureza das formas resultantes.”²⁵ (Heine,

²⁴“(…) grammaticalization (...) is above all a semantic process. Desemanticization results from the use of forms for concrete meanings that are reinterpreted in specific contexts as more abstract, grammatical meanings.” (HEINE, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 583)

²⁵“(…) grammaticalization is viewed from the perspective of the source concept which carries the “full meaning” whereas the output of the process is interpreted as an impoverished form, one that is emptied of, or has bleached out, the semantic specificities of its source. Usually, this view implies that the process concerned acts like a filtering device which sifts out anything except the semantic core. In this way, complex meanings are reduced to less complex, but more grammatical, contents.

Claudi & Hünemeyer, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 155-156; tradução nossa)

Ou, ainda, nas palavras de Traugott (2006):

“(...) a gramaticalização envolve ganho (e não perda) de força pragmática, especificamente porque há uma tendência de a gramaticalização envolver a trajetória: nível proposicional (>nível textual) > nível expressivo (Traugott 1982: 256). De acordo com essa hipótese, alguns dos componentes originais, geralmente concretos e semânticos, de um lexema podem até ser perdidos, mas são ganhos outros componentes mais abstratos e novos significados pragmáticos.”²⁶ (TRAUGOTT, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 633; tradução nossa)

Retornando-se à definição de MD utilizada neste trabalho, segundo a qual MDs prestam-se à *função de sequenciamento tópico e/ou de sequenciamento da interação* (GUERRA, 2007, anteriormente), afirma-se que o MD *assim* anunciador de complementos se estreita mais ao sequenciamento da interação, uma vez que a posição sintática em que ele aparece não representa momento conversacional de mudança de tópico, entendendo-se tópico como “aquilo sobre o que se fala” (JUBRAN, 2006). Sendo assim, a inserção do MD *assim* sintagmático se presta mais ao gerenciamento interpessoal/pragmático da interação e menos ao sequenciamento (ou mudança de) tópico. Essa participação no sequenciamento tópico, como se comprovará logo em seguida, é mais típica do segundo padrão de uso que aqui se propõe ao MD *assim*.

While the “bleaching” view (...) captures one important aspect of grammaticalization, it would seem that it ignores certain other characteristics of this process, and of the nature of the resulting structures.” (Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991, apud TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 155-156)

²⁶“(...) grammaticalization involves pragmatic strengthening (not weakening), specifically that there is a strong cross-linguistic tendency for the semantics-pragmatics of grammaticalization to involve the shift: propositional (> textual) > expressive meaning (Traugott 1982: 256). According to this hypothesis, some of the original, often relatively concrete, semantic components of a lexeme may be generalized or even lost, but more abstract ones may be gained, as well as new pragmatic meanings.” (TRAUGOTT, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 633)

Antes do término das explicações acerca do MD *assim* sintagmático, deve-se retornar a algo que foi mencionado no início desta seção: o ambiente sintático dessas ocorrências. Para maior praticidade, os exemplos (35) e (36) estão aqui repetidos:

- (35) é um grupo **assim**... de apoio de discussão sobre esses problemas da criança abandonada
- (36) se eu partisse pra isso no artigo eu achei **assim** que:: eu ia fazer uma análise psicológica da coisa

Anteriormente, afirmou-se que o MD *assim* de (35) e (36), tipicamente de língua oral, situa-se num lócus que, em termos estritamente sintáticos, dispensaria sua presença. Isso quer dizer que há, na sincronia atual da língua portuguesa, duas construções sintáticas em competição, as quais podem ser esquematizadas da seguinte forma:

(nome/verbo) (complemento) *versus* (nome/verbo) (**assim**) (complemento)

Na seção teórica sobre a GR (seção 1.4), foi trazido um trecho de Lichtenberk (1991) que esclarecia que, quando há duas construções linguísticas em competição, a opção por uma em detrimento da outra se dá em função de fatores extralinguísticos. Segundo Pintzuk (1991), “o uso de duas opções pode ser influenciado por fatores sociolinguísticos, psicolinguísticos ou estilísticos”²⁷ (p. 526, em nota de rodapé; tradução nossa). De fato, como se procurou comprovar ao longo da discussão sobre o MD *assim* sintagmático, seu uso é motivado por razões de dificuldade de processamento cognitivo e mostra funcionalidade na manutenção de turno do falante, pressão típica da oralidade. Já que há duas estruturas competindo, é natural que se questionem as decorrências de tal competição. Acerca disso, Pintzuk (2006) ainda esclarece que:

“(...) a nova construção gramatical [*com o MD assim*] não substitui totalmente a antiga construção [*sem o MD assim*] ao

²⁷ “the use of the two options may be influenced by sociolinguistic, psycholinguistic, or stylistic factors” (PINTZUK, 1991, p. 526, em nota de rodapé)

final de um longo período de variação; ao contrário, a construção nova é adquirida, e ambas são usadas até que a construção antiga finalmente perca ao final de um período de competição. A natureza gradual de mudança sintática é, portanto, reflexo da natureza gradual de competição gramatical.

(...) durante o período de mudança, quando duas opções linguísticas estão em competição, a frequência de uso das duas opções pode diferir contextualmente, mas a taxa de mudança para cada contexto é a mesma. Mesmo que alguns contextos possam favorecer a construção nova, o aumento no uso com o passar do tempo será o mesmo em todos os contextos. Essa **generalização**, inicialmente proposta por Kroch (1989a) e chamada de *Constant Rate Hypothesis*, é agora chamada de *Constant Rate Effect* devido a sua grande aplicabilidade.”²⁸ (PINTZUK, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 510-511; grifo nosso; tradução nossa)

Na passagem anterior, negritou-se um vocábulo de suma importância. O caráter genérico dessa citação deve ser levado em conta; isto é, não se pode afirmar que as construções sintáticas sem o MD *assim* sintagmático acabarão por ceder lugar àquelas com o MD, independentemente do registro de língua. Em sua Tese de Doutorado, Souza (2009) promoveu um rico levantamento diacrônico de ocorrências do item *assim*, desde o século XIII ao século XX. Segundo a pesquisa do autor, a primeira ocorrência do MD *assim* anunciador de complementos foi registrada já no século XIX (p. 219)²⁹. Retornando-se, agora, aos termos de Pintzuk (2006), é difícil afirmar categoricamente quando uma construção deixa de ser nova para já ser tratada como velha. No entanto, é significativa a distância temporal de dois séculos (do século XIX ao atual, século XXI).

²⁸“(...) we can see that the new grammatical option (...) does not simply replace the old one (...) at the end of a long period of variation; rather the new option is acquired and both options are used, with the old option finally lost at the end of the period of competition. The gradual nature of syntactic change is thus simply a reflex of the gradual nature of grammatical competition.

(...) during a period of change, when two linguistic options are in competition, the frequency of use of the two options may differ across contexts, but the rate of change for each context is the same. While some contexts may favor the innovating option and show a higher overall rate of use, the increase in use over time will be the same in all contexts. This **generalization** was first proposed by Kroch (1989a) and called the Constant Rate Hypothesis, and is now known as the Constant Rate Effect due to its overall applicability.” (PINTZUK, 2006, apud JOSEPH & JANDA, 2006, p. 510-511; grifo nosso)

²⁹ Segundo a metodologia da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), modelo a que Souza (2009) se filia, as ocorrências que no presente trabalho se chamam de MD anunciador de complementos são tratadas por Souza (2009) como *operador aproximativo de subato adscritivo*, atuantes no nível interpessoal.

O que se quer dizer é que, na sincronia atual do português, parece impossível fazer qualquer predição acerca da competição gramatical ora investigada.

3.4.2. MD articulador de segmentos discursivos

Investigue-se, agora, o segundo padrão de uso do MD *assim*, quando ele não é sintagmático, mas articula o que Chafe (1980) designou de “unidades de informação” (ver seção 1.6). Em termos quantitativos, retiraram-se do *corpus* 25 ocorrências desse uso do MD; do uso anterior, foram 57 ocorrências. A taxa de frequência do MD *assim* sintagmático foi, portanto, 40% maior que a taxa de frequência do MD *assim* não sintagmático.

MD ASSIM	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
MD <i>assim</i> sintagmático	57
MD <i>assim</i> articulador de segmentos discursivos	25
TOTAL	82

Quadro 5 – O MD *assim* e o número de ocorrências de seus dois padrões de uso.

Uma vez estabelecido que o MD *assim* não sintagmático articula unidades de informação, que, umas após outras, formam texto, investigaram-se as relações semântico-pragmáticas subjacentes àquelas unidades unidas pelo MD. Para tanto, mobilizou-se a RST (ver seção 1.6) e seu arsenal de relações retóricas.

Antes de se exporem as relações retóricas verificadas no *corpus*, registre-se que, se o MD *assim* sintagmático se estreitava mais ao sequenciamento da interação (por se mostrar em uma posição sintática que desfavorecia mudança de tópico), o MD *assim* não sintagmático se estreita *igualmente* ao sequenciamento da interação, já que também é mantenedor de turno, e ao sequenciamento tópico, justamente por articular unidades

de entonação distintas, posição sintática, portanto, que favorece mudança conversacional de tópico.

Quanto às 25 ocorrências desse segundo padrão de uso do MD e as relações retóricas por ele encabeçadas, contabilizaram-se:

- duas ocorrências como satélites de Método;
- duas ocorrências como satélites de Justificação;
- quatro ocorrências como satélites de Reformulação;
- uma ocorrência como núcleo de Reformulação;
- quatro ocorrências como satélites de Elaboração;
- uma ocorrência como satélite de Antítese;
- três ocorrências como núcleo após Fundo;
- duas ocorrências como satélites de Resumo;
- uma ocorrência como núcleo de Reformulação Multinuclear;
- quatro ocorrências como núcleos após Preparação;
- uma ocorrência como núcleo de Lista.

Na ordem em que acabaram de ser listadas, todas as 25 ocorrências estão sistematizadas em esquemas arbóreos apresentados já em sequência. Antes do esquema arbóreo, há os quadros com as características da relação retórica em que o *assim* se envolve. Nos quadros, N significa núcleo; S, satélite; A, autor; e L, leitor. Esclareça-se que, nos esquemas arbóreos deste trabalho, por vezes, foram mantidos em uma só unidade de informação segmentos que poderiam ser mais seccionados. No entanto, assim se procedeu, primeiramente, para que a visualização dos esquemas fique mais clara. Em segundo lugar, porque se acredita que essa conduta não trouxe prejuízos para a investigação do MD *assim* não sintagmático.

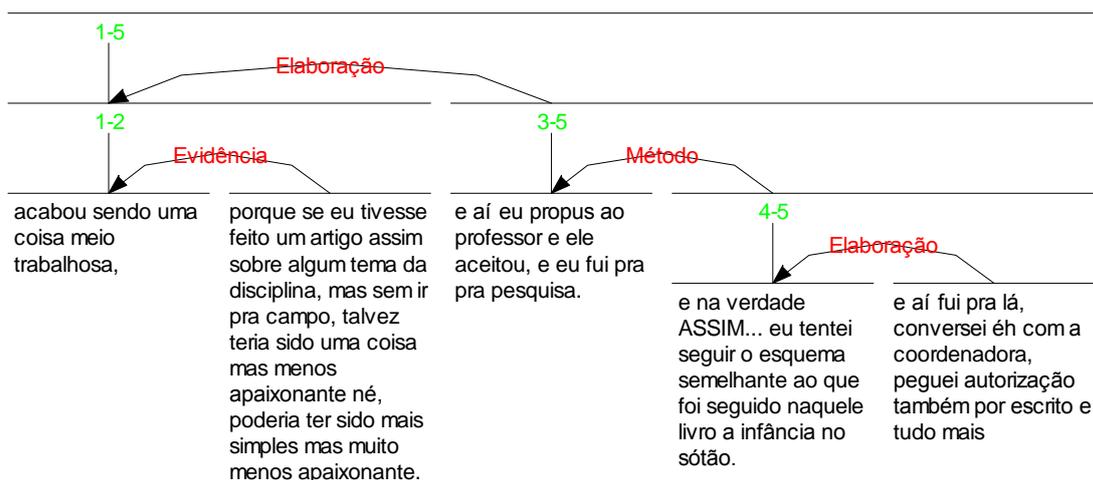
Mais uma observação: os excertos seguintes podem contar com a ocorrência de mais de um *assim*; no entanto, a ocorrência de interesse está negritada na transcrição do *corpus* e em letras maiúsculas nos esquemas arbóreos.

Seguem, inicialmente, as duas ocorrências como satélites de Método ((37) e (38)):

Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N+S	Intenção do A
Método	em N: uma atividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N.	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N.

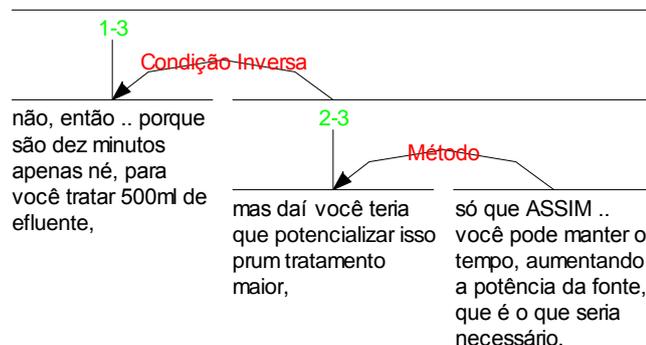
Quadro 6 – Relação de Método.

- (37) acabou sendo uma coisa meio:: trabalhosa, porque se eu tivesse feito:: um artigo assim so::bre algum:: tema da disciplina, mas sem ir pra ca::mpo, talvez teria sido uma coisa mas menos apaixonante né, poderia ter sido mais simples mas muito menos apaixonante. e aí .. eu propus ao professor e ele aceitou, e eu fui pra:: pra pesquisa. e .. na verdade **assim** .. eu tentei seguir o esquema semelhante ao que se/ foi seguido naquele livro a infância no sótão. e aí fui pra lá::, conversei .. éh com a:: coordenadora, peguei autorização também por escrito e tudo mais.



(38) *Documentador*: muito tempo de eletricidade?

Informante: não, então .. porque são dez minutos apenas né, para você tratar 500ml de efluente, mas daí você teria que potencializar isso prum tratamento maior, só que **assim** .. você pode manter o tempo, aumentando a potência da fonte, que é o que seria necessário.



Seguem, agora, as duas ocorrências como satélites de Justificação ((39) e (40)):

Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N+S	Intenção do A
Justificação	Nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N.	A tendência de L para aceitar o direito de A apresentar N aumenta.

Quadro 7 – Relação de Justificação.

(39) nunca é fácil escrever né, não acho uma coisa mais fácil do mundo não, éh:: **assim** .. a gente fica cheia de ideias



- (40) *Documentador:* a gordura presente no leite e produtos lácteos é uma das mais complexas .. né, você disse isso. como assim .. mais complexas? o que você quis dizer com isso?

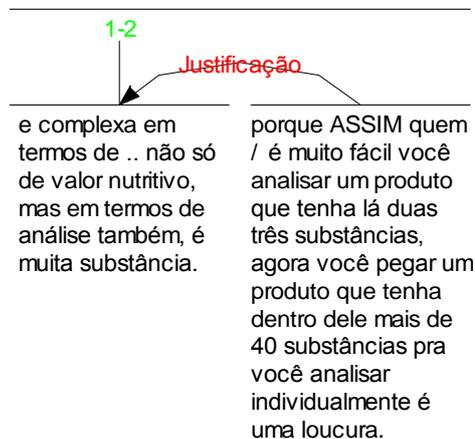
Informante: eu quis dizer que:./ em termos de ácidos graxos (...) pro teu organismo você está fornecendo todos esses ácidos graxos...

Documentador: que são essenciais...

Informante: essenciais são poucos, não são todos os que são essenciais, porque a maioria é:: dos ácidos graxos eles podem ser sintetizados dentro do nosso organismo .. a partir por exemplo de carboidratos que você come .. né, então você pode começar a gerar esse tipo de de:: substância, mas é:: alguns são essenciais, alguns você só vai conseguir é:: fornecer, você só vai conseguir ter é:: através de alimentação .. né. e complexa em termos de de:: .. não só de valor nutritivo, mas em termos de análise também, é muita substância. porque **assim** quem / é muito fácil você analisar um produto que tenha lá duas três substâncias, agora você pegar um produto que tenha dentro dele mais de 40 substâncias pra você analisar individualmente é uma loucura.

Documentador: mais de 40 substâncias no leite?

Informante: mais de 40. só na gordura .. né, então assim é:: é:: muito rico muito complexo mesmo isso de ser feito.

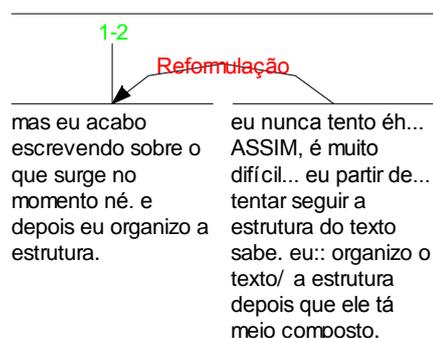


Seguem as quatro ocorrências como satélites de Reformulação ((41), (42), (43) e (44)):

<i>Nome da relação</i>	<i>Condições em S ou N, individualmente</i>	<i>Condições em N+S</i>	<i>Intenção do A</i>
Reformulação	Nenhuma	Em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de A do que S.	L reconhece S como reformulação.

Quadro 8 – Relação de Reformulação.

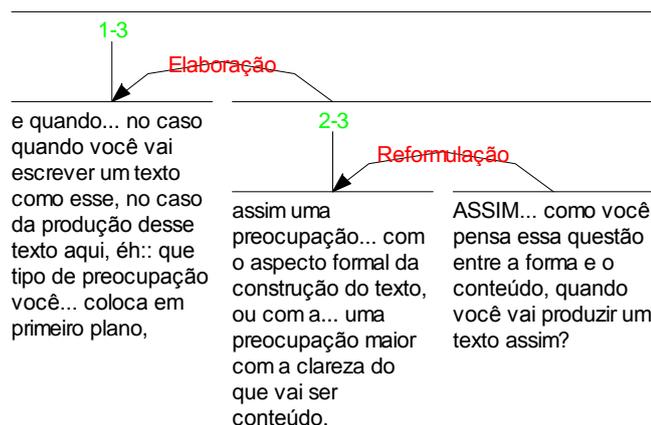
- (41) mas eu acabo escrevendo sobre o que surge no momento né. e depois eu organizo a estrutura. eu nunca tento éh... **assim**, é muito difícil... eu partir de... tentar seguir a estrutura do texto sabe. eu:: organizo o texto/ a estrutura depois que ele tá meio composto.



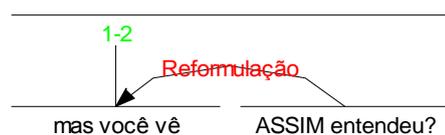
- (42) e eu não tô questionando **assi**/achando ruim não



- (43) *Documentador*: e quando... no caso quando você vai escrever um texto como esse, no caso da produção desse texto aqui, éh:: que tipo de preocupação você... coloca em primeiro plano, assim uma preocupação... com o aspecto formal da construção do texto, ou com a/ com a ... uma preocupação maior com a clareza do que vai ser:: do conteúdo. **assim**... como você pensa essa questão entre a forma e o conteúdo, quando você vai produzir um texto assim?

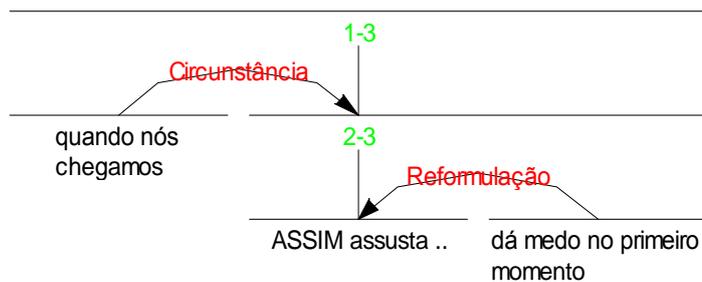


- (44) .. alguém já viu uma bactéria no microscópio aqui? .. já teve a oportunidade de ver? .. daqui a pouco tem uma foto. .. mas você vê **assim** entendeu?



Segue a única ocorrência como núcleo de Reformulação ((45)):

- (45) .. eu fui para uma/ uma região de .. acampamento, .. pessoal .. vocês não sabem o que é ver .. mais de mil casinhas de lona, .. mais de mil. [alunos fazem comentários] .. pessoal ... foi voltando, .. visitei esse lugar. .. quando nós chegamos **assim** assusta, .. dá medo no primeiro momento.

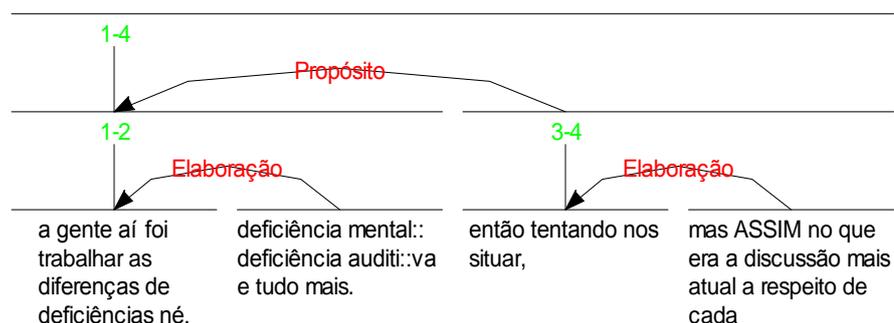


Seguem as quatro ocorrências como satélites de Elaboração (de (46) a (49)):

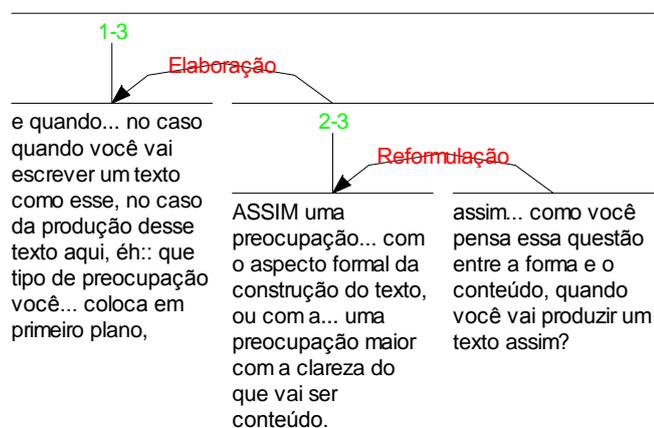
<i>Nome da relação</i>	<i>Condições em S ou N, individualmente</i>	<i>Condições em N+S</i>	<i>Intenção do A</i>
Elaboração	Nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentado em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstração :: exemplo todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização::especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornecem pormenores.

Quadro 9 – Relação de Elaboração.

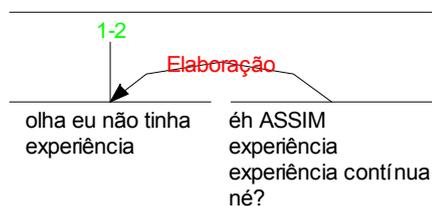
- (46) a gente aí foi trabalhar as diferenças de deficiências né, deficiência mental:: deficiência auditi::va e tudo mais. então assim tentando nos situar, mas **assim** no que era a discussão mais atual a respeito de cada, como não podia ser muito extenso, tinha um número de páginas, já tava tudo muito ... já determinado, a gente tinha um espaço pra escrever, não podia escrever livremen::te, não podia, então a gente não podia se estender demais. então tentamos fazer algumas coisas assim, tentar equilibrar, não falar nem demais sobre a deficiência mental e nem demais sobre a surdez, não privilegiar nenhuma, tentar .. e aí tentar em todas elas dar uma informação geral, assim .. situar um panorama geral:: éh:: apresentar as dificuldade educacionais de cada criança, das crianças de cada um desses grupos, e as possibilidades de intervenção.



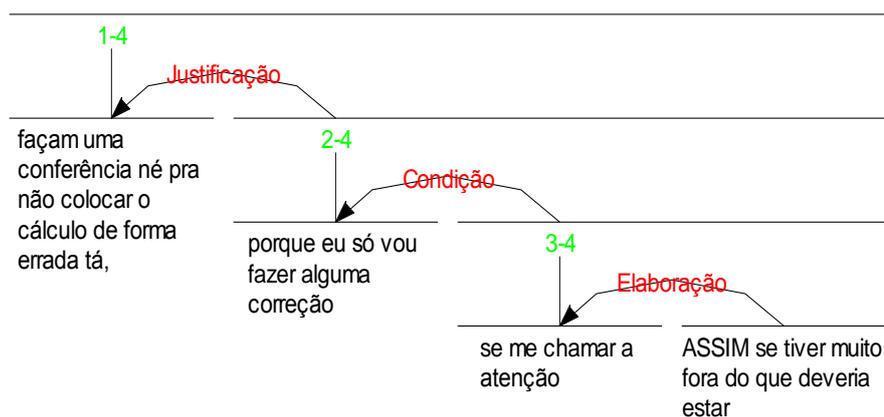
- (47) *Documentador:* e quando... no caso quando você vai escrever um texto como esse, no caso da produção desse texto aqui, éh:: que tipo de preocupação você... coloca em primeiro plano, **assim** uma preocupação... com o aspecto formal da construção do texto, ou com a/ com a ... uma preocupação maior com a clareza do que vai ser:: do conteúdo. assim... como você pensa essa questão entre a forma e o conteúdo, quando você vai produzir um texto assim?



- (48) olha... eu não tinha experiência::, éh:: .. **assim** experiê::ncia experiência:: contínua né?



- (49) .. então procurem, .. façam o cálculo né, .. procurem éh:: conferir, .. que às vezes a gente erra no cálculo .. né, .. façam uma conferência né, .. pra não colocar o cálculo de forma errada .. tá, .. porque eu só vou fazer .. alguma correção, .. se me chamar a atenção **assim**, .. se tiver muito fora .. do-do-do né que deveria estar. .. aí eu vou lá na folha, .. vou conferir e tal.



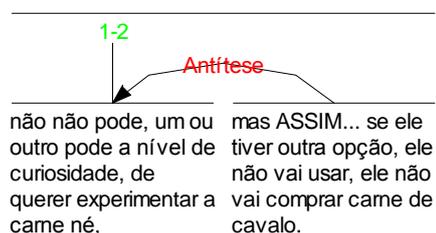
Segue a única ocorrência como satélite de Antítese ((50)):

Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N+S	Intenção do A
Antítese	Em N: A tem atitude positiva face a N.	N e S estão em contraste; devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N.	A atitude positiva do L face a N aumenta.

Quadro 10 – Relação de Antítese.

- (50) *Documentador*: se tiver carne de cavalo no rótulo, éh:: você acha que não vai ter consumo?

Informante: não não pode, um ou outro pode a nível de curiosidade, de querer experimentar a carne né, mas **assim**... se ele tiver outra opção, ele não vai usar, ele não vai comprar carne de cavalo.

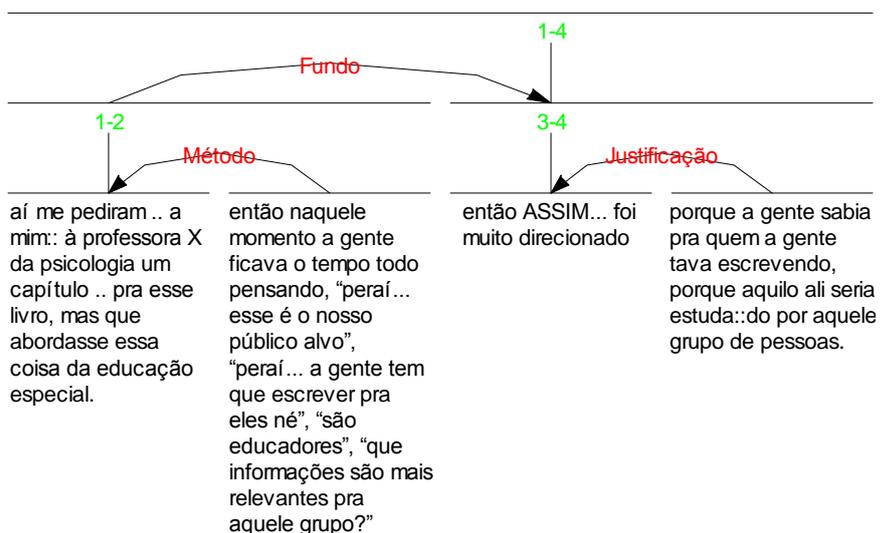


Seguem as três ocorrências como núcleos após Fundo ((51), (52) e (53)):

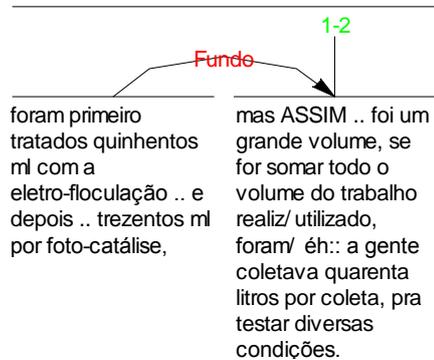
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N+S	Intenção do A
Fundo	Em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S.	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N.	A capacidade de L para compreender N aumenta.

Quadro 11 – Relação de Fundo.

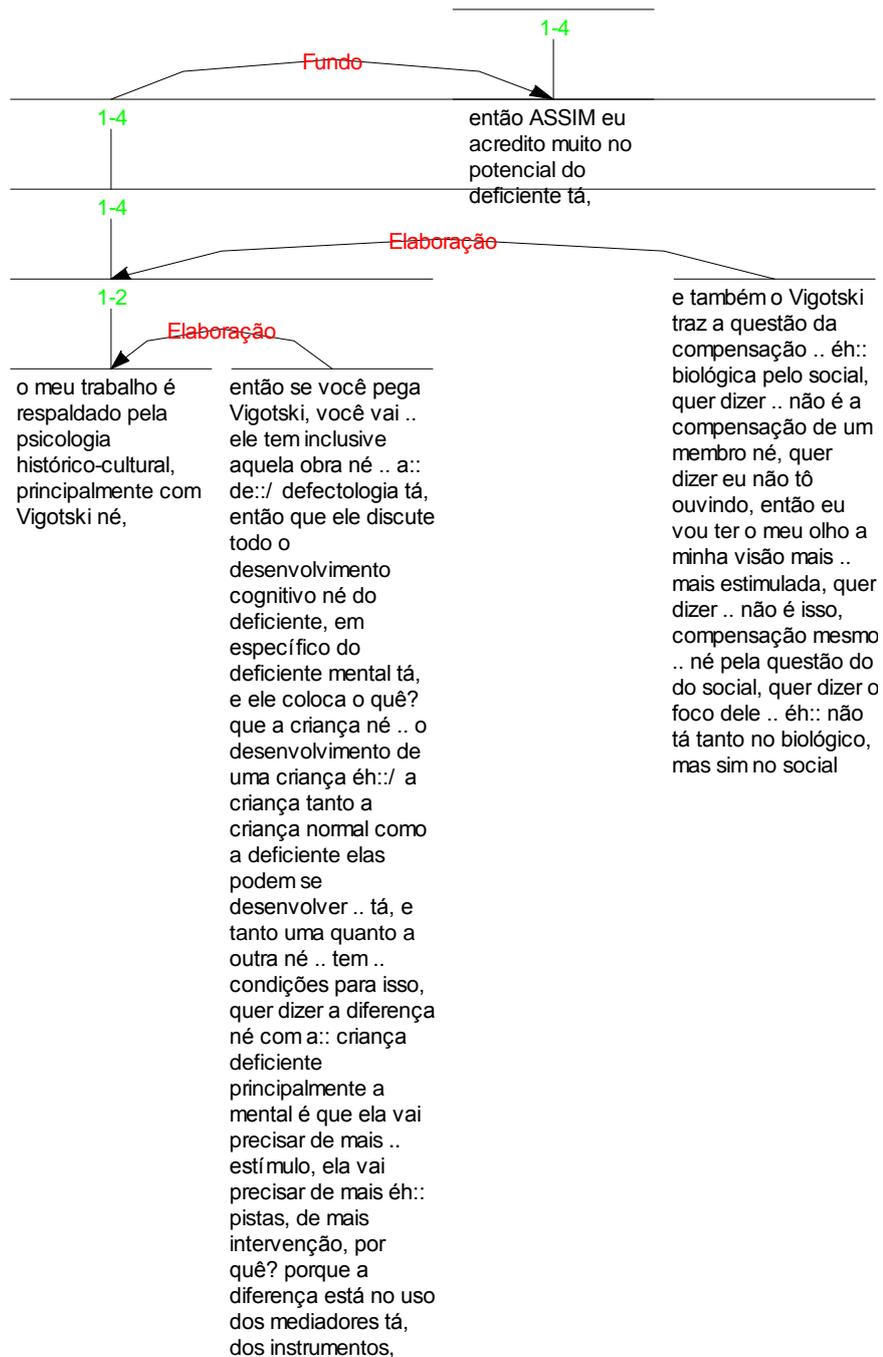
- (51) aí me pediram .. a mim:: à professora X da psicologia um capítulo .. pra esse livro, mas que abordasse essa coisa da educação especial. então naquele momento a gente ficava o tempo todo pensando, “perai... esse é o nosso público alvo”, “perai... a gente tem que escrever pra eles né”, “são educadores”, “que informações são mais relevantes pra aquele grupo?” então **assim...** foi muito direcionado porque a gente sabia pra quem a gente tava escrevendo, porque aquilo ali seria estuda::do por aquele grupo de pessoas.



- (52) foram primeiro tratados quinhentos ml com a eletro-floculação .. e depois .. trezentos ml por foto-catálise, mas **assim** .. foi um grande volume, se for somar todo o volume do trabalho realiz/utilizado, foram/ éh:: a gente coletava quarenta litros por coleta, pra testar diversas condições.



- (53) o meu trabalho é respaldado pela psicologia histórico-cultural, principalmente com Vigotski né, então se você pega Vigotski, você vai .. ele tem inclusive aquela obra né .. a:: de::/ defectologia tá, então que ele discute todo o desenvolvimento cognitivo né do deficiente, em específico do deficiente mental tá, e ele coloca o quê? que a criança né .. o desenvolvimento de uma criança éh::/ a criança tanto a criança normal como a deficiente elas podem se desenvolver .. tá, e tanto uma quanto a outra né .. tem .. condições para isso, quer dizer a diferença né com a:: criança deficiente principalmente a mental é que ela vai precisar de mais .. estímulo, ela vai precisar de mais éh:: pistas, de mais intervenção, por quê? porque a diferença está no uso dos mediadores tá, dos instrumentos, então **assim** eu acredito muito no potencial do deficiente tá, e também o Vigotski traz a questão da compensação .. éh:: biológica pelo social, quer dizer .. não é a compensação de um membro né, quer dizer eu não tô ouvindo, então eu vou ter o meu olho a minha visão mais .. mais estimulada, quer dizer .. não é isso, compensação mesmo .. né pela questão do do social, quer dizer o foco dele .. éh:: não tá tanto no biológico, mas sim no social.



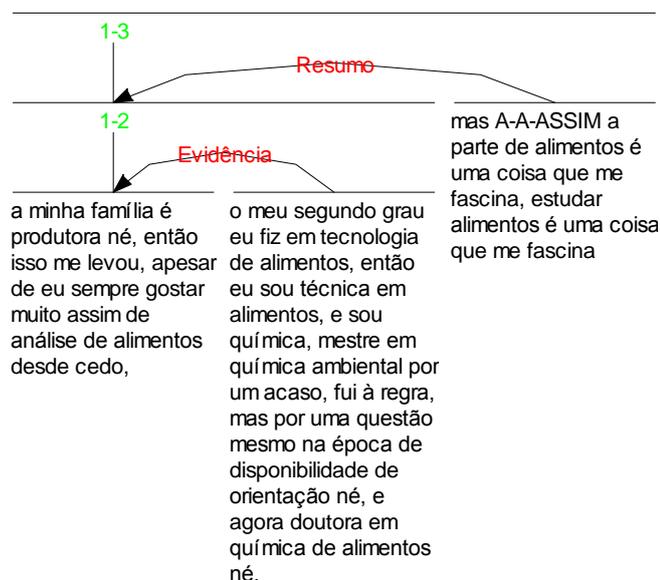
Seguem as duas ocorrências como satélites de Resumo ((54) e (55)):

Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N+S	Intenção do A
Resumo	Em N: N deve ser mais do que uma unidade.	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior.	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N.

Quadro 12 – Relação de Resumo.

(54) *Documentador*: o que te levou a trabalhar com o leite?

Informante: a minha família é produtora né, então isso me levou, apesar de eu sempre gostar muito assim de:: análise de alimentos desde de:: cedo, o meu segundo grau eu fiz em tecnologia de alimentos, então eu sou técnica em alimentos, e sou química, mestre em química ambiental por um acaso, fugi à regra, mas por uma questão mesmo na época de:: de disponibilidade de orientação né, e agora doutora em química de alimentos né, ma::s .. **a-a-*assim*** a a parte de alimentos é uma coisa que me fascina, estudar alimentos é uma coisa que me fascina.



- (55) *Documentador:* a gordura presente no leite e produtos lácteos é uma das mais complexas .. né, você disse isso. como assim .. mais complexas? o que você quis dizer com isso?

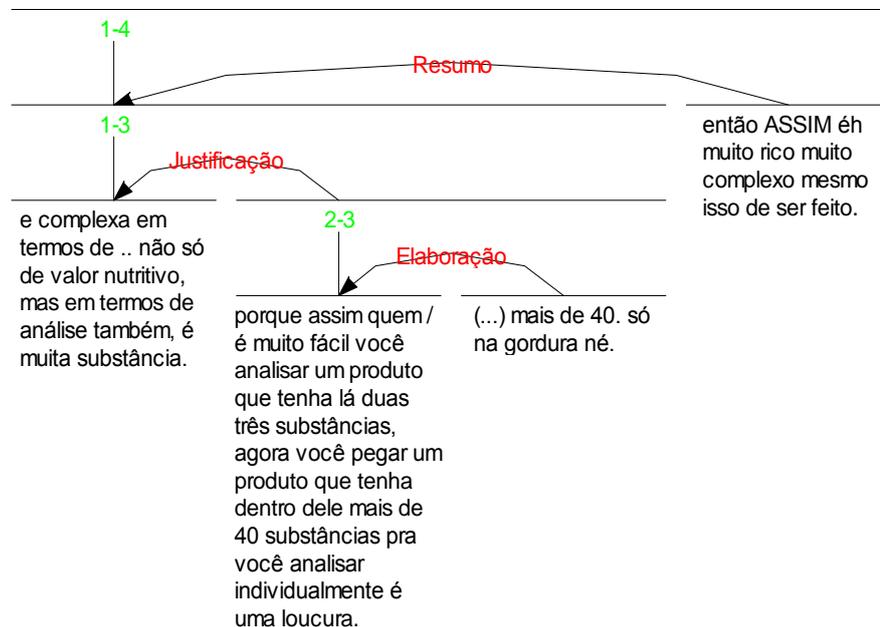
Informante: eu quis dizer que: / em termos de ácidos graxos (...) pro teu organismo você está fornecendo todos esses ácidos graxos...

Documentador: que são essenciais...

Informante: essenciais são poucos, não são todos os que são essenciais, porque a maioria é:: dos ácidos graxos eles podem ser sintetizados dentro do nosso organismo .. a partir por exemplo de carboidratos que você come .. né, então você pode começar a gerar esse tipo de de:: substância, mas é:: alguns são essenciais, alguns você só vai conseguir éh:: fornecer, você só vai conseguir ter éh:: através de alimentação .. né. e complexa em termos de de:: .. não só de valor nutritivo, mas em termos de análise também, é muita substância. porque assim quem / é muito fácil você analisar um produto que tenha lá duas três substâncias, agora você pegar um produto que tenha dentro dele mais de 40 substâncias pra você analisar individualmente é uma loucura.

Documentador: mais de 40 substâncias no leite?

Informante: mais de 40. só na gordura .. né, então **assim** éh:: éh:: muito rico muito complexo mesmo isso de ser feito.

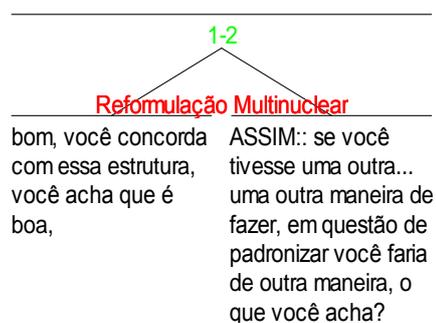


Segue a única ocorrência como núcleo de Reformulação Multinuclear (56):

<i>Nome da relação</i>	<i>Condições em cada par de N</i>	<i>Intenção do A</i>
Reformulação Multinuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de A.	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados.

Quadro 13 – Relação de Reformulação Multinuclear.

- (56) *Documentador*: você .. bom, você concorda com essa estrutura, você acha que é boa, **assim**:: se você tivesse uma outra... uma outra maneira de fazer, em questão de padronizar, você faria de outra maneira::ra, o que você acha?

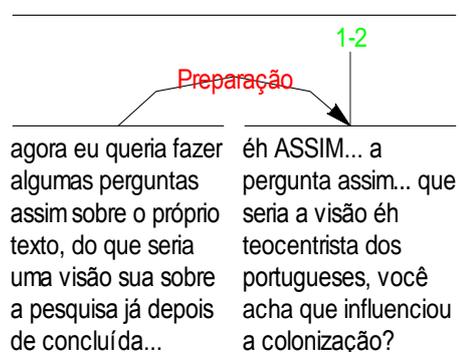


Seguem as quatro ocorrências como núcleos após Preparação (de (57) a (60)):

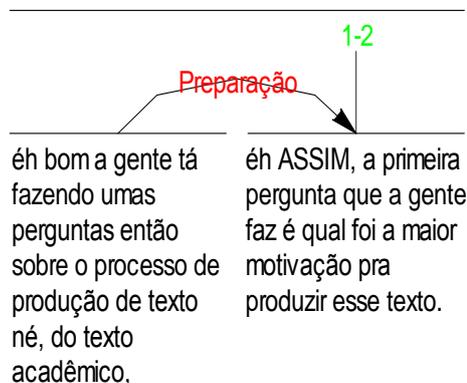
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N+S	Intenção do A
Preparação	Nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N.	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N.

Quadro 14 – Relação de Preparação.

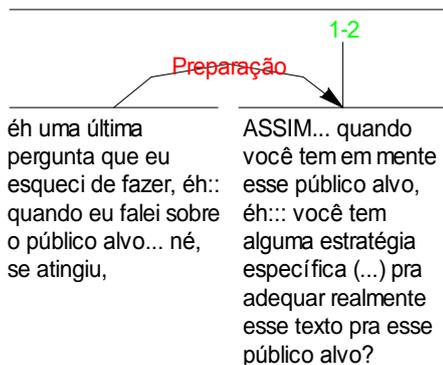
- (57) *Documentador*: agora eu queria fazer algumas perguntas assim sobre o próprio texto, do que seria uma visão sua sobre a pesquisa já depois de concluída... éh **assim...** a pergunta assim... que seria .. a visão éh teocentrista dos portugueses, você acha que influenciou a colonização?



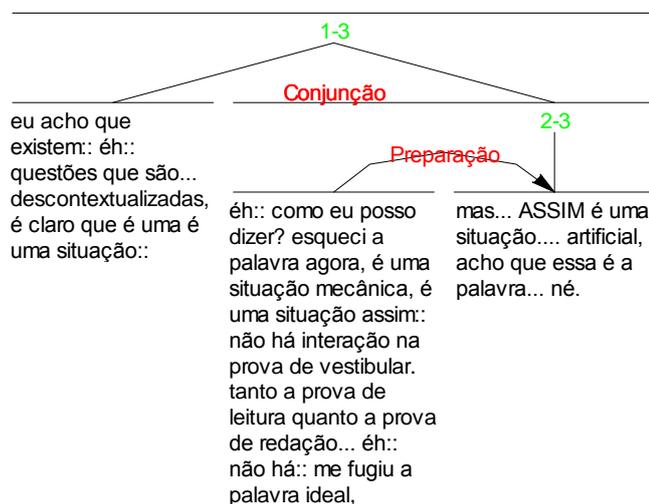
- (58) *Documentador*: éh:: bom, a gente tá fazendo umas perguntas então sobre o processo de produção de texto né, do texto acadêmico, éh **assim**, a primeira pergunta que a gente faz é qual foi a maior motivação, ou quais foram as motivações .. pra produzir es/esse texto?



- (59) *Documentador*: éh uma última pergunta que eu esqueci de fazer, éh:: quando eu falei sobre o público alvo... né, se atingiu, **assim**... quando você tem em mente esse público alvo, éh::: você tem alguma:: estratégia específica na hora de construir o texto, que você adota ... pra que::/ ... pra adequar realmente esse texto pra esse público alvo?



- (60) eu acho que existem:: éh:: questões que são... descontextualizadas, é claro que é uma situação:: éh:: .. como eu posso dizer? esqueci a palavra agora, é uma situação mecânica/MECÂNICA, é uma situação assim:: não há .. INTERAÇÃO na prova de vestibular. tanto a prova de leitura quanto a prova de redação... éh:: não há::/ me fugiu a palavra ideal, mas... **assim** é uma situação.... ARTIFICIAL, acho que essa é a palavra... né, é uma situação artificial.



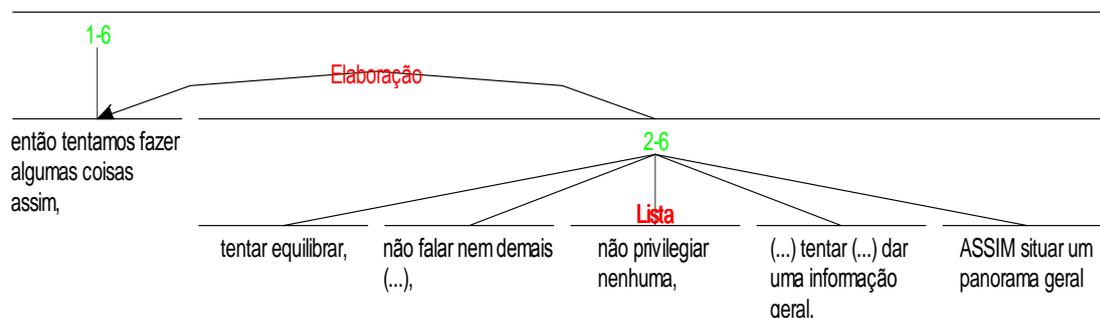
E, por fim, segue a única ocorrência como núcleo de Lista (61):

<i>Nome da relação</i>	<i>Condições em cada par de N</i>	<i>Intenção do A</i>
Lista	Um elemento comparável a outros é ligado a outro N através de uma relação de lista.	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados.

Quadro 15 – Relação de Lista.

- (61) a gente aí foi trabalhar as diferenças de deficiências né, deficiência mental:: deficiência auditi::va e tudo mais. então assim tentando nos situar, mas assim no que era a discussão mais atual a respeito de cada, como não podia ser muito extenso, tinha um número de páginas, já tava tudo muito ... já determinado, a

gente tinha um espaço pra escrever, não podia escrever livremente, não podia, então a gente não podia se estender demais. então tentamos fazer algumas coisas assim, tentar equilibrar, não falar nem demais sobre a deficiência mental e nem demais sobre a surdez, não privilegiar nenhuma, tentar .. e aí tentar em todas elas dar uma informação geral, **assim** .. situar um panorama geral:: éh:: apresentar as dificuldade educacionais de cada criança, das crianças de cada um desses grupos, e as possibilidades de intervenção.



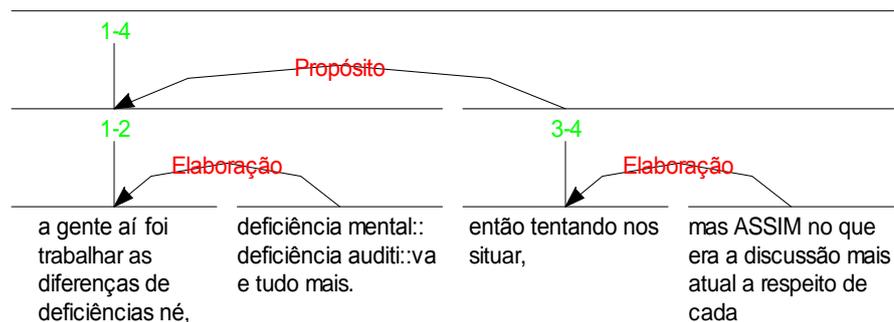
As especificidades de todas as relações retóricas exibidas nos esquemas anteriores (incluindo aquelas em que o *assim* não esteve diretamente envolvido) podem ser encontradas no *site* da RST: www.sfu.ca/rst. Por meio das 25 ocorrências da listagem anterior, não se pode afirmar categoricamente que o MD *assim* articulador de segmentos discursivos tem se especializado no estabelecimento desta ou daquela relação. No entanto, acredita-se que merecem explicações pormenorizadas as relações de elaboração, preparação e reformulação, que, em ordem decrescente, foram aquelas em que o MD não sintagmático mais esteve presente.

A relação de elaboração é novamente apresentada no quadro seguinte e suas ocorrências, também já trazidas de (46) a (49), estão repetidas e explicadas a seguir. Reforce-se: deve-se ater às ocorrências negritadas e em letras maiúsculas.

<i>Nome da relação</i>	<i>Condições em S ou N, individualmente</i>	<i>Condições em N+S</i>	<i>Intenção do A</i>
Elaboração	Nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentado em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstração :: exemplo todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização::especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornecem pormenores.

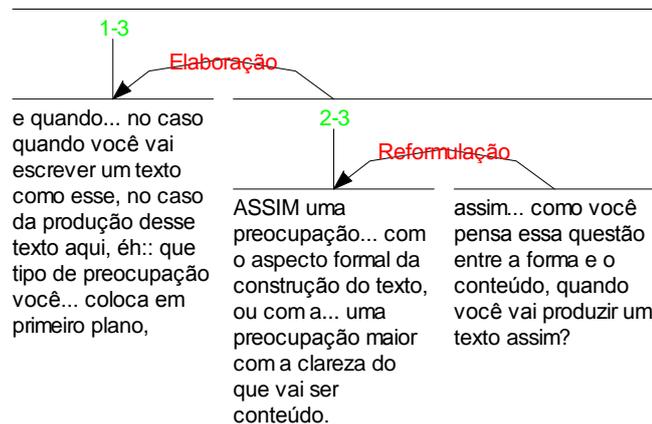
Quadro 9 – Relação de Elaboração.

- (46) a gente aí foi trabalhar as diferenças de deficiências né, deficiência mental:: deficiência auditi::va e tudo mais. então assim tentando nos situar, mas **assim** no que era a discussão mais atual a respeito de cada, como não podia ser muito extenso, tinha um número de páginas, já tava tudo muito ... já determinado, a gente tinha um espaço pra escrever, não podia escrever livremente, não podia, então a gente não podia se estender demais. então tentamos fazer algumas coisas assim, tentar equilibrar, não falar nem demais sobre a deficiência mental e nem demais sobre a surdez, não privilegiar nenhuma, tentar .. e aí tentar em todas elas dar uma informação geral, assim .. situar um panorama geral:: éh:: apresentar as dificuldades educacionais de cada criança, das crianças de cada um desses grupos, e as possibilidades de intervenção.



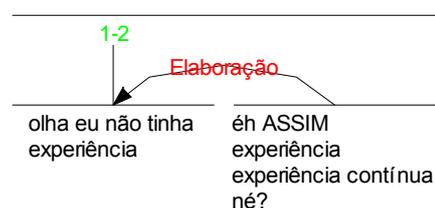
Em (46), o segmento 4 traz informações adicionais ao assunto mencionado no segmento 3, especificando aquilo em que o locutor tentaria se situar. Observe-se que a oração do segmento 4 é subordinada adjetiva restritiva à oração principal do segmento 3 (*tentando nos situar no + que era a discussão mais atual a respeito de cada*). Antonio (2010), acerca da relação retórica de elaboração, já afirma que “a oração adjetiva funciona como satélite que acrescenta informações ao núcleo” (p. 179). Apesar de Antonio (2010) tratar das adjetivas explicativas, a adjetiva restritiva do satélite 4 funciona da mesma forma. E, precedendo esse satélite de elaboração, o MD *assim* (aglutinado a outro MD, o *mas*) parece garantir tempo para que o locutor garanta o sequenciamento interacional até retomar o sequenciamento tópico.

- (47) *Documentador*: e quando... no caso quando você vai escrever um texto como esse, no caso da produção desse texto aqui, éh:: que tipo de preocupação você... coloca em primeiro plano, **assim** uma preocupação... com o aspecto formal da construção do texto, ou com a/ com a ... uma preocupação maior com a clareza do que vai ser:: do conteúdo. assim... como você pensa essa questão entre a forma e o conteúdo, quando você vai produzir um texto assim?



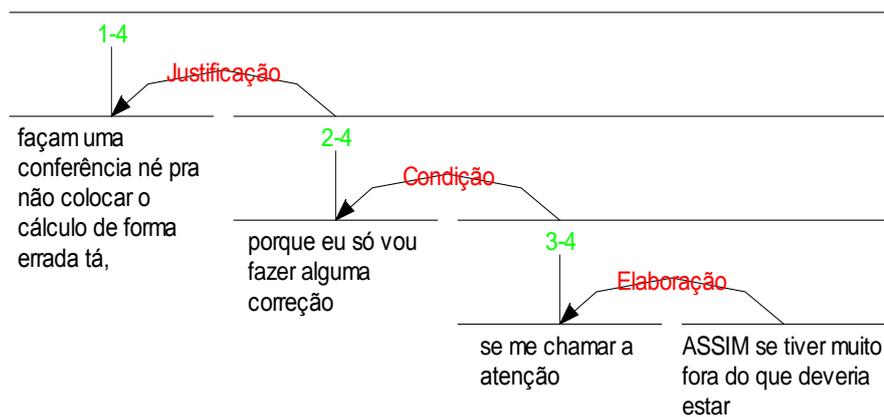
Em (47), no segmento 2, o locutor elabora o item lexical *preocupação*, trazido no segmento 1. Ou seja, o locutor esclarece quais são os dois tipos de preocupações que ele considera relevantes no processo de produção textual: a preocupação estética e a preocupação com conteúdo. O satélite elaborador é encabeçado pelo MD *assim*, desta vez, não aglutinado a nenhum outro MD. Vale ressaltar o caráter catafórico que o MD *assim* ainda mantém, não somente em (47), mas desde o exemplo (29) desta pesquisa, quando se tratou do *assim* catafórico textual. Ressalte-se, no entanto, que, em (47), tal cataforicidade deve ser compreendida em um domínio muito mais abstratizado, o domínio expressivo, significando “aguarde pelo que será dito” (ver seção 3.4).

- (48) olha... eu não tinha experiência::, éh:: .. **assim** experiê::ncia experiência:: contínua né?



Em (48), o locutor sente necessidade de apresentar dados que esclareçam o vocábulo *experiência*, trazido no segmento 1. Ao que tudo indica, o locutor já teve experiências profissionais; porém, o que ele não teve foram experiências profissionais contínuas. O satélite elaborador, que se interpola como uma espécie de adendo, vem no segmento 2, encabeçado pelo MD *assim* aglutinado ao *éh*.

- (49) .. então procurem, .. façam o cálculo né, .. procurem éh:: conferir, .. que às vezes a gente erra no cálculo .. né, .. façam uma conferência né, .. pra não colocar o cálculo de forma errada .. tá, .. porque eu só vou fazer .. alguma correção, .. se me chamar a atenção **assim**, .. se tiver muito fora .. do-do-do né que deveria estar. .. aí eu vou lá na folha, .. vou conferir e tal.



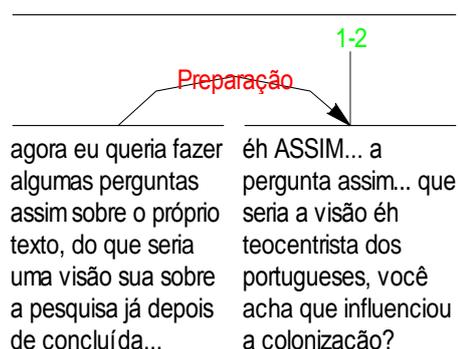
Por fim, em (49), o segmento 4, iniciado pelo MD *assim*, elabora o segmento 3, uma vez que o locutor explica o que lhe chamaria a atenção durante uma correção de provas: o fato de o cálculo estar muito diferente do que deveria ser.

Outra relação retórica em que o MD *assim* não sintagmático também se destacou foi a de preparação. Essa relação está novamente caracterizada no quadro seguinte e suas ocorrências, já mostradas de (57) a (60), estão repetidas e pormenorizadas em seguida.

Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N+S	Intenção do A
Preparação	Nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N.	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N.

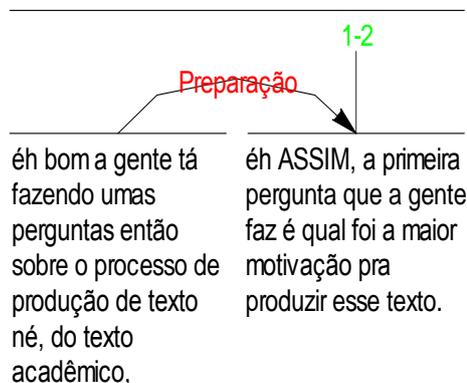
Quadro 14 – Relação de Preparação.

- (57) *Documentador*: agora eu queria fazer algumas perguntas assim sobre o próprio texto, do que seria uma visão sua sobre a pesquisa já depois de concluída... **assim...** a pergunta assim... que seria .. a visão é teocentrista dos portugueses, você acha que influenciou a colonização?



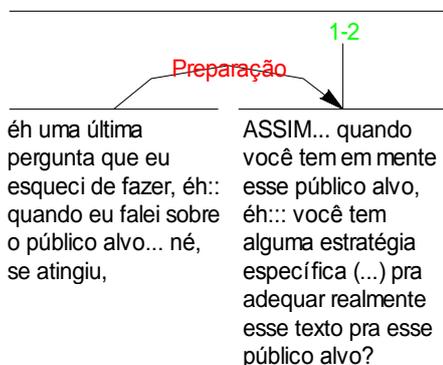
Em (57), no segmento 1 do esquema arbóreo, o documentador faz uma espécie de preâmbulo, orientando o informante acerca do conteúdo da pergunta que lhe será feita. O entrevistado sabe que a preparação terminou devido ao caráter catafórico do MD *assim* (aglutinado a outro MD, o *é*), que encabeça o núcleo (segmento 2).

- (58) *Documentador*: *éh*:: bom, a gente tá fazendo umas perguntas então sobre o processo de produção de texto né, do texto acadêmico, **éh assim**, a primeira pergunta que a gente faz é qual foi a maior motivação, ou quais foram as motivações .. pra produzir es/esse texto?



Em (58), ocorre algo semelhante ao que ocorreu em (57): após orientar o informante acerca do que será objeto de questionamento, o documentador marca o início do questionamento propriamente dito por meio do MD *assim*, mais uma vez, aglutinado com o MD *éh*.

- (59) *Documentador*: *éh* uma última pergunta que eu esqueci de fazer, *éh*:: quando eu falei sobre o público alvo... né, se atingiu, **assim**... quando você tem em mente esse público alvo, *éh*::: você tem alguma:: estratégia específica na hora de construir o texto, que você adota ... pra que::/ ... pra adequar realmente esse texto pra esse público alvo?

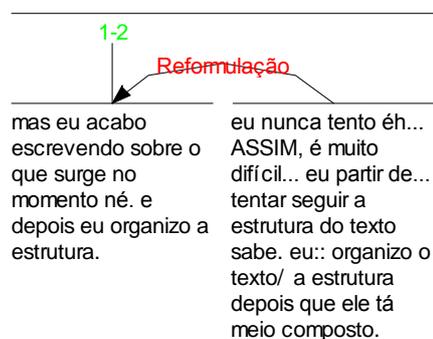


ocorrências de (41) a (44), já trazidas anteriormente, estão repetidas e pormenorizadas em sequência.

<i>Nome da relação</i>	<i>Condições em S ou N, individualmente</i>	<i>Condições em N+S</i>	<i>Intenção do A</i>
Reformulação	Nenhuma	Em N+S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de A do que S.	L reconhece S como reformulação.

Quadro 8 – Relação de Reformulação.

- (41) mas eu acabo escrevendo sobre o que surge no momento né. e depois eu organizo a estrutura. eu nunca tento éh... **assim**, é muito difícil... eu partir de... tentar seguir a estrutura do texto sabe. eu:: organizo o texto/ a estrutura depois que ele tá meio composto.



Em (41), as ideias que o locutor expõe no segmento 1 são parafraseadas no segmento 2. No primeiro segmento, o informante explica que, durante seu processo de escrita, inicialmente, ele se preocupa com o conteúdo para, depois, preocupar-se com a estrutura, com a estética do texto. Essas informações são reformuladas (ou reafirmadas) no segundo segmento, o qual traz evidências de dificuldades de processamento

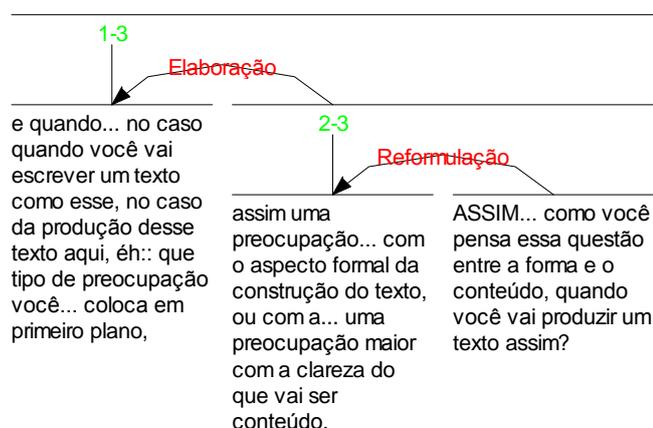
cognitivo: o MD *assim* é envolto por dois trechos descartados pelo falante (*eu nunca tento / partir de*).

(42) e eu não tô questionando **assi**/achando ruim não.



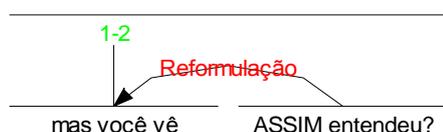
Em (42), o MD *assim*, que nem termina de ser completamente verbalizado, encabeça um satélite reformulador que se presta à troca lexical, uma vez que o locutor substitui *questionando* por *achando ruim*.

(43) *Documentador*: e quando... no caso quando você vai escrever um texto como esse, no caso da produção desse texto aqui, éh:: que tipo de preocupação você... coloca em primeiro plano, assim uma preocupação... com o aspecto formal da construção do texto, ou com a/ com a ... uma preocupação maior com a clareza do que vai ser:: do conteúdo. **assim**... como você pensa essa questão entre a forma e o conteúdo, quando você vai produzir um texto assim?



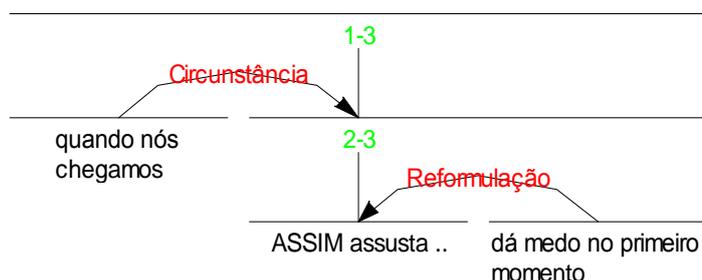
Em (43), ocorre o mesmo que em (41): as ideias trazidas no segmento 2 são parafraseadas no segmento 3. No entanto, enquanto em (41) houve dois trechos descartados pelo falante, em (43) isso não ocorreu, o que indica que a retomada do sequenciamento tópico e da linearidade textual se deu mais rapidamente em (43) que em (41).

- (44) .. alguém já viu uma bactéria no microscópio aqui? .. já teve a oportunidade de ver? .. daqui a pouco tem uma foto. .. mas você vê **assim** entendeu?



Em (44), o MD *assim*, da mesma forma como em (42), inicia um satélite reformulador que visa à substituição lexical: o locutor troca o verbo *vê* pelo *entendeu*.

- (45) .. eu fui para uma/ uma região de .. acampamento, .. pessoal .. vocês não sabem o que é ver .. mais de mil casinhas de lona, .. mais de mil. [alunos fazem comentários] .. pessoal ... foi voltando, .. visitei esse lugar. .. quando nós chegamos **assim** assusta, .. dá medo no primeiro momento.



Em (45), diferentemente do que ocorreu de (41) a (44), o MD *assim* não inicia um satélite reformulador, mas, sim, um núcleo reformulado (de *assusta* para *dá medo*). O fato de esse MD estar envolvido em uma relação retórica reformuladora ratifica a asserção de que o *assim* preenche vazios em momentos de descontinuidades cognitivas e

textual. Esteja antes do que será reformulado ou antes da própria reformulação, o MD *assim* funciona como evidência linguística de momentos em que o falante busca a melhor forma de se expressar e, até achá-la, retarda seu turno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após se investigar a trajetória sincrônica de GR do item linguístico *assim*, foi possível que se chegasse às seguintes considerações, brevemente recuperadas a seguir.

No *cline* de GR do item *assim*, seu uso menos gramaticalizado (lexical) corresponde a suas ocorrências como dêitico espacial, quando é aplicado a domínios mais concretos, mais próximos da experiência física humana; seu uso mais gramaticalizado, por outro lado, corresponde a suas ocorrências como MD, quando é aplicado metaforicamente a domínios mais abstratizados, mais distantes da experiência física humana, tais como o do gerenciamento da fala.

O *assim* dêitico espacial foi o de menor recorrência. De suas 24 ocorrências, apenas 1 (uma) foi retirada dos diálogos entre informante e documentador. Daí, constatou-se que o *assim* lexical parece ser mais funcional em situações que envolvem maior apelo didático, a exemplo de elocuições formais do tipo aula. Além disso, sua propriedade de constituir, por si só, enunciados completos (referindo-se exoforicamente a dados do mundo biofísico) atesta seu grau máximo de funcionalidade ideacional e sua independência sintática. Situação inversa ocorre no outro extremo da trajetória de GR do *assim*: quando MD, o item mostra maior previsibilidade sintática (sobretudo quando é sintagmático) e grau mínimo de funcionalidade ideacional (apesar de, compensatoriamente, mostrar grau máximo de funcionalidade interpessoal).

Se, por um lado, a interpretação do *assim* lexical exige que o interlocutor busque um referente presentificado no evento de fala, por outro lado, a interpretação do item como fórico textual exige que o interlocutor encontre o referente no próprio texto. Isso explica não somente o aumento de GR do *assim* quando da passagem *espaço* > *texto*, mas também seu primeiro momento de alguma dependência sintática, sua especialização no papel de promover integração textual e sua importância cognitiva ao modo sequencial como se dá a ativação de conteúdos pela mente humana (CHAFE, 1994).

O *assim* fórico textual foi o mais recorrente no *corpus* (98 ocorrências). Quando anafórico, pôde-se verificar no entorno do item a presença de expressões modalizadoras de conteúdo (do tipo *digamos assim*, *vamos dizer assim*, *qualquer coisa assim*, *mais ou*

menos assim, essas coisas assim, uma coisa assim, alguma coisa assim, podemos dizer assim). Isso foi um indicador por meio do qual já se pôde espiar a propriedade do *assim* MD de modalizar dubitativamente conteúdos. Portanto, propôs-se um *assim* anafórico textual prototípico, sem atuação no processo de modalização, além de um interestágio correspondente a um *assim* anafórico textual não prototípico, um pouco mais gramaticalizado que o prototípico, já que mais próximo da função modalizadora de MD. Quando catafórico, a maioria expressiva das ocorrências do *corpus* se prestou a anunciar discurso direto, quase sempre pospostas a verbos *dicendi*.

No *corpus*, que é de língua oral, não houve qualquer ocorrência do *assim* conjuncional. Isso parece apontar para o fato de que o *assim* como conjunção está restrito a registros escritos de língua. Quando conjunção, o item aponta, simultaneamente, a discurso precedente, relacionando-o a discurso subsequente. E esse apontamento em direção dupla torna o item ainda mais dependente em termos sintáticos – o que o torna mais gramaticalizado que quando fórico textual.

A propriedade lexical de apontar é mantida em todas as etapas de GR do *assim* (como já postulado pelo princípio da persistência, de Hopper, 1991), aplicada, porém, a diferentes domínios: quando dêitico espacial, aponta ostensivamente a dados extralinguísticos, correspondendo pragmaticamente a um comando do tipo “veja isso” (*nível proposicional*); quando fórico textual, aponta em sentido único a dados do interior do próprio texto (*nível proposicional* > *nível textual*); quando conjunção, aponta em direção dupla a dados também do próprio texto; e quando MD, o apontamento extrapola o nível textual e atinge o nível da fala, mais abstrato e expressivo, correspondendo pragmaticamente a um comando do tipo “aguarde pelo que será dito” (*nível proposicional* > *nível textual* > *nível expressivo*).

O *assim* MD é o de maior força expressiva, no sentido (i) de modalizar dubitativamente conteúdos sem o auxílio de qualquer outra expressão, (ii) de auxiliar o locutor a gerenciar sua fala, evitando que seu turno seja assaltado, e (iii) de funcionar como uma evidência de rotinização linguística (GIVÓN, 1989) em momentos de intenso ônus cognitivo, quando o locutor hesita ao procurar a melhor forma de se expressar. Isto é, o *assim* MD é marca verbal de processamento cognitivo automatizado: enquanto o falante monitora conscientemente outras informações cujo fluxo foi

interrompido, o *assim* se manifesta automaticamente como um atalho mantenedor de turno.

Especificamente quanto ao MD *assim* sintagmático (padrão de uso que mostrou recorrência 40% maior que a não sintagmática), verificou-se que ele se estreita mais ao sequenciamento da interação e menos ao sequenciamento tópico. Isso porque esse padrão de uso do MD ocorre em uma posição sintática (anunciando complementos de verbos ou de nomes) que não privilegia mudança conversacional de tópico, relacionando-se mais ao gerenciamento de turno.

Por sua vez, o MD *assim* não sintagmático mostra igual funcionalidade seja no sequenciamento da interação seja no sequenciamento tópico. E, recorrendo-se à sistematização da RST, esse segundo padrão de uso do MD *assim* não se mostrou especializado no estabelecimento de uma relação retórica específica; no entanto, foram mais frequentes suas ocorrências articulando segmentos entre os quais subjazem as relações de elaboração, preparação e reformulação.

Em termos esquemáticos, chegou-se, portanto, ao seguinte *continuum* de GR do *assim* na atual sincronia do Português Brasileiro:

	anafórico textual prototípico		MD sintagmático
dêitico espacial >	(<i>anafórico textual não prototípico</i>) >	conjunção >	
	catafórico textual		MD não sintagmático

Com este trabalho, buscou-se talvez sistematizar o que já se sabia sobre o item *assim* e, talvez, fazer considerações inéditas sobre ele. Espera-se que outras pesquisas venham a se somar a esta no sentido de contribuir à descrição linguística de palavras que, embora pequenas no tamanho, mostram-se tão funcionais e, por isso mesmo, tão dignas de investigação

5. ANEXOS

5.1. OCORRÊNCIAS DO ASSIM DÊITICO ESPACIAL

O *assim* dos trechos de (1) a (10) realiza referenciação exofórica. Seu referente é apontado de forma ostensiva e corresponde a formas, tamanhos, quantidades, métodos ou aparências. Como se perceberá, nem sempre há rubricas que ratificam o caráter exofórico destas ocorrências lexicais.

- (1) .. então ele sabia domina::r essa técnica de vidrari::a, .. que que ele fez? ... ele pegou um balão, colocou um caldo nutritivo ali, um meio de cultura, .. já viram quando vai fazer o senhor bactéria? .. não pega lá o cotonete? .. passa no negócio, .. e passa nu::ma gelatininha **assim**? ... um meio de cultura, .. só que no caso ali era líquido.
- (2) .. todo mundo na infância/ a geração de vocês é geração amoxil, .. tomaram amoxil. .. o amoxil já vem líquido prontinho ali? .. oral? .. colocava água filtrada não era? .. e agitava. .. aquilo é uma suspensão, .. não ficava gro::sso **assim**, .. vocês sentiam os cristais? .. é uma suspensão.
- (3) .. óleo transgênico né? .. tem o tezinho lá. .. ele é amarelinho, .. e se eu não me engano o tê no meio é:: é pretinho, .. preto com amarelo. .. um símbolo lá, .. ele tem transgênico. .. e o detalhe é né .. onde que eles colocam isso? .. tá o rótulo **assim** né? ... cê fala “nossa que que é isso”? .. né? [risos]
- (4) .. pessoal eu achei um saquinho, .. aconteceu comigo, .. não tô inventando, .. é verdade mesmo, .. abri o franguinho, .. peguei o franguinho, .. quando eu peguei o frango do merCA::do, .. o frango .. ele não:: .. ele não tava congela::do, .. congeladão:: **assim** .. né, [aluno fala #] .. é, .. tava aquele #. [risos] .. cê pegava ele **assim** e sentia que a carne dele tava meio:: .. meio mo::le, .. não tava totalmente congelada, .. eu falei AH::, .. tem nada né? .. vou levar ele assim mesmo.
- (5) ... aí eu tinha que tirar o filé mignon do frango, .. então abri o frango no meio, .. sei lá, .. corta um pedaço, .. corta o outro. .. no momento em que eu abri o frango **assim** [risos], .. hora que eu abri o frango **assim**, .. pessoal, .. há::, .. o miolo dele aqui .. aparentemente normal.
- (6) grão de boi é terrível. .. grão de boi ah::, .. cê come ele e ele fica .. amar::go. .. umas bolona **assim**.
- (7) . aí perguntei o nome dela,

.. ah:: e falei “vem cá por que que o chão da casa da senhora é tipo assim ... **assim** desse jeito?”

- (8) .. mas não podemos pegar uma batata,
.. e falar NO::ssa batata é **assim** mesmo.
- (9) .. então todo mundo resolvendo aí .. pra:: .. escrever a equação complementa::r.
... vamos ver se vai .. resolver certo a equação de segundo grau aí .. né .. né?
... ..pronto? .. já saiu aí? .. hum? hum. ... não. .. cinco e dez. ... vamos. ... ô::
Ivo, .. não joga papel no chão **assim**.
- (10) e quando... no caso quando você vai escrever um texto como esse, no caso da produção desse texto aqui, éh:: que tipo de preocupação você... coloca em primeiro plano, assim uma preocupação... com o aspecto formal da construção do texto, ou com a... uma preocupação maior com a clareza do que vai ser conteúdo. assim... como você pensa essa questão entre a forma e o conteúdo, quando você vai produzir um texto **assim**?

O *assim* dos trechos de (11) a (19) também realiza referenciação exofórica. Seu referente continua sendo apontado de forma ostensiva e corresponde a métodos matemáticos que, à medida que vão sendo expostos na lousa pelo professor, vão sendo verbalizados oralmente. Agora, mesmo que não haja rubricas que comprovem a exoforicidade do *assim*, o caráter dêitico espacial do item fica mais evidente do que nas ocorrências de (1) a (10), uma vez que o que está sendo apontado espacialmente é, inegavelmente, o método que o professor expõe na lousa. Nos trechos seguintes, os referentes do *assim* estão sublinhados.

- (11) .. vocês escreve .. do JEITO que vocês querem.. né::, .. esquecendo que existe toda uma matemática por detrás .. né, .. então tem gente que vai fazer a fração parcial né, .. faz **assim** ó, .. a integra::l .. né .. de w menos dois.. w ao quadrado menos um, .. nem coloca o dw aqui, .. ou coloca né, .. aí pega e coloca **assim** ó. [escreve no quadro] certo? .. ó a integral é igual a isso? .. num é a integral .. não é? .. então não pode escrever **assim**.
- (12) ... bom .. como no segundo membro .. não aparece termo de x .. seno ou x co-seno, ... o que acontece aqui ó? ... esse termo aqui .. com esse cancela .. né, .. esse daqui .. com esse se cancelam, .. não é isso? .. que que sobrou? .. que que sobrou aqui? .. e agora em ordem alfabética, .. co-seno primeiro depois o seno. .. quatro d, .. co-seno de dois x, .. menos quatro a, .. seno de dois x, .. agora o polinômio .. na ordem decrescente das potências de x, ..então quatro cx ao quadrado, .. éh:: ..quatro d x .. né, ..mais/em ordem alfabética os termos

independentes, .. dois c mais quatro f. .. tudo isso idêntico a seis seno de dois x .. mais três x ao quadrado. ... então é obrigatório organizar **assim**, .. porque senão vai acabar.. fazendo coisa errada .. né.

- (13) .. então agora a conclusão do exercício. .. portanto .. né .. a solução geral .. da .. equação dada .. é, .. então vamos sempre escrever **assim** ó, .. solução complementar .. mais a solução particular .. né. .. então nesse caso aqui, .. c um co-seno de dois x .. c dois .. seno de dois x .. menos .. três meio de x .. co-seno de dois x .. três quartos de x ao quadrado .. menos .. três oitavos. ... beleza?
- (14) .. que que eu faço com o destruidor? .. aplico .. na equação dada. .. então .. aplicando .. né .. o operador .. D menos um .. né .. à .. equação dada, .. nós temos/ ... então vai ficar **assim** ó, .. D menos um .. aplicado em d ao cubo .. menos três d ao quadrado .. mais três d menos um .. aplicado em y igual a zero. .. e agora então, .. de novo .. nós temos uma equação do tipo .. complementar .. né,
- (15) .. então vai ser **assim** ó, .. d menos um .. ao cu::bo .. né:: .. de d menos um .. né, .. x ao cubo elevado a x. .. certo? .. e aí eu resolvo isso daqui.
- (16) .. agora se QUISER .. fazer **assim** ó, .. éh::, .. ele ta perguntando se: / .. se pode fazer **assim** ó, .. aqui ... fazer isso aqui ó. .. ãh? .. bom também po::de .. tá:: .. pra fazer a derivada segunda, .. se quiser fazer isso, .. PO::DE tá, .. aí fica como/ .. aí é uma questão de estilo .. né .. né,
- (17) .. agora aqui olha .. é como se estivesse escrito **assim** ó, .. zero x ao quadrado .. elevado a x, .. zero x elevado a x .. né, .. ZERO .. e::levado a x. .. certo?
- (18) .. então vai ser **assim** ó, .. c um coseno de cinco x .. né, .. c dois .. seno de cinco x .. né, .. c três .. x .. co-seno de cinco x, .. c quatro x .. seno de cinco x .. né, .. c cinco .. x ao quadrado, .. coseno de cinco x, .. c seis .. x ao quadrado .. seno de cinco x. .. ó.
- (19) .. vai ficar **assim** ó, .. o destruidor vai ser .. d dois mais vinte cinco ao cubo .. desse daqui .. tá.

Nos dezenove excertos anteriores, houve, ao todo, 24 ocorrências do *assim* lexical, todas negritadas. Dessas 24, apenas 1 ocorrência adveio de diálogo entre informante e documentador (a de número (10), anteriormente). As 23 restantes foram retiradas de elocuições formais, sendo importante ressaltar que, em algumas dessas 23 ocorrências, o referente extralinguístico do *assim* é verbalizado enquanto é exposto.

5.2. OCORRÊNCIAS DO ASSIM FÓRICO TEXTUAL

5.2.1 ANAFÓRICO TEXTUAL

Nas ocorrências seguintes, o referente do *assim* não está mais presentificado no evento da fala, não é mais apontado ostensivamente. O referente se encontra no próprio texto antecedente e está sublinhado nos trechos que seguem. Inicialmente, de (1) a (23), trazem-se trechos dos diálogos entre informante e documentador.

- (1) depois que vou organizando, criando sabe é... subtítulos dentro do trabalho e tudo mais... até na tese tem sido feito **assim**.
- (2) you chegar de sopetão e começar ler um texto, se bem que normalmente em livro é feito **assim** né, quando você vai ler um romance, você não sabe o que vai acontecer.
- (3) eles têm essa coisa meio messiânica né, de estamos fazendo isso em nome de Deus, e qualquer coisa **assim**,
- (4) (*após longa resposta do informante, o documentador pergunta:*) éh além desse modelo **assim**, qual seria o modelo mais recomendado hoje, que modelo seria ideal pra tratar da criança abandonada?
- (5) ele tava ali no papel de pai no papel de mãe ou qualquer coisa **assim**, a partir do momento que ele passa a ser um profissional remunerado,
- (6) você termina dizendo que há muito a ser revelado a respeito da história da nossa cidade né. éh:: tem alguma outra coisa assim que você... pensa investigar, alguma outra coisa que você pensa que deve ser revelado pra você ter terminado **assim** o texto?
- (7) acho que é do programa de apoio a crianças e adolescentes, qualquer coisa **assim**,
- (8) não é uma coisa que eu faço espontaneamente digamos **assim**.
- (9) o conhecimento da gente é sempre provisório né, nem sempre eu vi **assim**.
- (10) a gente tem em mente algumas estratégias pra atingir... éh:: com a linguagem digamos **assim** esse... pra adequar a linguagem a esse público ne. éh:: você pensa em algumas estratégias que você... usa conscientemente assim pra atingir esse público?
- (11) eu tenho um estilo de escrever que eu considero assim... que é um estilo bem simples né, éh:: apesar de estar escrevendo pra academia, mas:: ...qualquer leigo digamos **assim** que pegar o texto, éh:: pelo menos eu penso... assim né, que ele::

ele entende o que está sendo:: escrito né, então eu não tenho assim uma:: uma linguagem digamos acadêmica

- (12) ele pode fazer essa linguagem mais acadêmica digamos **assim**... que... interessa aos seus pares né
- (13) houve o processo de redemocratização do país, onde voltaram digamos **assim** as liberdades constitucionais... né
- (14) e o que que você acha dessa organização que geralmente:: é imposta assim pros trabalhos né, you ter... introdução, a fundamentação teórica, o desenvolvimento, e depois a conclusão? éh você consegue... éh escrever facilmente nesse molde **assim** ou você...?
- (15) mas ela se assemelha muito a uma carne escura de frango. coxa... mais ou menos **assim**, mas na questão de sabor a gente não:: fez análise ainda pra saber né.
- (16) não porque ele já vai tá tratado, ele já vai tá **assim**, a situação que ele vai ser lançado, os contaminantes éh:: que poderiam ser .. prejudiciais .. contaminantes para os peixes já foram removidos
- (17) entretanto.. é uma das maiores indústrias do Brasil, e mesmo **assim** não tem .. uma preocupação .. efetiva.
- (18) porque não basta ela ir lá, porque quando eu to falando **assim**, quando eu defendo a inclusão, não é essa inclusão tá, defendo aquela inclusão onde a criança vai .. estar dentro de uma sala de aula com todas as suas necessidades e especificidades sendo atendidas,
- (19) (*após longa fala do documentador, o informante diz:*) então é um novo paradigma que:: # exatidão, foi aí que a pessoa .. que que começaram a perceber que a coisa não é bem **assim**.
- (20) aquilo serve também pra conservação, é como se ajudasse com um efeito, vamos dizer **assim**, evita que oxide, evita que entre luz, evita que entre a porosidade mesmo o ar, que tenha contato .. troca .. com o ar.
- (21) e o que que essa gordura vegetal hidrogenada tem? ela é riquíssima em trans, ela é praticamente puro trans, vamos dizer **assim**.
- (22) a gente sabe que o leite ele é um alimento completo, só que daí existem ainda aqueles argumentos né, que éh:: se o leite é tão bom **assim**, por que que a vaca não bebe leite .. né, por que só o bezerrinho que bebe leite?
- (23) mas você pode ajudar como? atividade física, uma boa alimentação não vai ajudar só nisso, vai ajudar em tudo .. né, mas não é assim o foco, tanto que .. pode olhar. não tem mais rótulo, o Brasil já até:: .. não precisa mais mostrar, a gente já sabe, não é tão importante **assim**, o importante é a gordura trans, ela sim que tá fazendo mal.

Agora, de (24) a (47), trazem-se as ocorrências das elocuições formais.

- (24) .. eles vi::am os animais .. éh:: nascerem, .. mas eles queriam saber da onde surgiu o primeiro digamos **assim**, .. da onde veio o primeiro, .. qual foi a origem dessa vida.
- (25) .. meu Deus .. mas que doido, .. COMO que isso acontece? .. i::sso só foi possível .. pela .. éh::/ .. pelas características da terra primitiva onde deu-se origem da vida, .. como **assim** pessoal?
- (26) .. mas só pra lembrar, .. ligações peptídicas são as ligações feitas .. entre dois aminoácidos para formar .. proteínas. .. então as ligações por aminoácidos são as ligações .. peptídicas.. tá? .. e **assim** surgiam as primeiras moléculas, .. as primeiras moléculas maiores que deram origem ali ao primeiro ser vivo.
- (27) (ALUNA) .. por isso que essa:: .. teoria é forte?
(PROFESSOR) .. por isso que ela é aceita, .. é a mais aceita, .. é a teoria aceita digamos **assim** .. né? .. porque realmente ela contro::la .. o aparecimento .. dessas moléculas orgânicas ne::ssas condições da Terra primitiva.
- (28) .. tem a foto de Lamarck aí, .. ele publicou em 1809 .. tá pessoal .. o seu livro que dizia a filosofia zoológica, .. mais ou menos **assim** traduzindo aí tá, .. e nesse livro ele propôs .. a primeira teoria da evolução porque nossos vós/ nosso avós tinham mais .. filhos do que hoje, .. mas qualquer outra espécie natural .. de animal .. a geração que aquele animal produziu ela vai ser maior, .. vai ter ma::is .. descendentes do que a geração do pai. .. no entanto .. essas populações mantinham-se estável no tamanho, .. como **assim**? .. à medida que nascia, .. morria também.
- (29) .. e eles substituem o sulfato ##, .. que é solúvel e tem um sabor bem amargo, .. e esse aqui já não tem o sabo::r tão amargo **assim**, .. porque ele fica suspe::nso,
- (30) ... e aqui é nível terapêutico, .. só que ainda na suspensão .. ela é prolonga::da, .. só que ela pode fazer isso, .. prolongar pra maior tempo, ... o::u um pouco mais do que .. dentro da/ do nível plasmático ou do nível terapêutico efetivo, ... e aí vocês vão ver durante o ano vários tipos de formas farmacêuticas de liberação mo::dificada. .. o normal é aquela que você administrou,.. já está disponível para ser absorvida. .. a suspensão já não é mais **assim**, .. e vocês entenderam por que, .. não está dissolvida no/ .. na água ainda, .. ela vai estar pra dissolver.
- (31) .. a gente pode recorrer PO::r exemplo à glicerina, .. e fazer antes .. eh:: .. a mistura do/das partículas com a glicerina, .. essa glicerina envolve toda a superfície da partícula. .. quando colocar em água, .. aí elas vão entrar em meio líquido, .. vão entrar em contato com/ .. a água molha bem a superfície aí das partículas. .. porque tem afinidade com glicerina, .. e a glicerina num ambiente umectante não atrai água? .. então consegue molhar, .. e a preparação .. da fase ..

a ser dispersa .. pode ser feita **assim** também. ... oka::y? .. quem não entende::u?
.. eu repito, ... posso continuar?

- (32) .. se extensiva é criado solto, .. intensiva o gado é criado .. preso. .. professor confinamento? .. exato, .. con-fi-na-men-to. .. A::Lta tecnologia, .. alta tecno-logia. .. que alta tecnologia no caso? .. vão colocar o gado no computador::? .. essas coisas **assim**? .. pessoal não vão colocar o gado no computador, .. mas tem como desenvolver formas para que o gado por exemplo se alimente de uma forma:: .. mais rápida.
- (33) cês viram a Perdigão? .. cês viram a Sadia .. o que que aconteceu com as duas? .. uniram, .. compraram, .. uma/uma tá junto com a outra agora. .. se eu não me engano, .. é a quinta maior/ .. é a quinta maior no mundo, .. uma coisa **assim**, .. um negócio .. nesse estilo, .. no ramo de::/de vendas, .. exportação de aves.
- (34) .. o frango .. ele não:: .. ele não tava congela::do, .. congeladão:: assim .. né, [aluno fala #] .. é, .. tava aquele #. [risos] .. cê pegava ele assim e sentia que a carne dele tava meio:: .. meio mo::le, .. não tava totalmente congelada, .. eu falei AH::, .. tem nada né? .. vou levar ele **assim** mesmo.
- (35) .. quanto tá o álcool? .. um e vinte um é? .. um e trinta? .. num é? .. por aí .. na faixa de um e trinta.. alguma coisa **assim** o álcool hoje.
- (36) .. e aí o cara fala assim ó, .. “hum ... deixa eu ver, ... olha que legal, .. tudo isso aqui de terra hein, .. isso aqui tem dono? .. não, .. ah então é meu, .. é meu”. .. aí vem um outro, .. “isso aqui tem dono? .. não, .. ah então é meu é meu”. .. aí vem outro, .. “isso aqui tem dono? .. ah é meu, [ruídos] .. tem dono, .. meu, .. aí tem ## né? .. tem dono isso aqui? .. opa é meu. .. professor antigamente no Brasil era **assim**? .. era, .. você chegava, .. e você pegava terra,
- (37) ... aquilo lá chama-se acampamento, .. o cara tá acampado, .. se o governo comprar a terra, .. e dar pra ele, .. ele vai lá, .. derruba aquela loninha, .. e constrói uma casa de material. .. então daí ele ta lá assentado. .. pessoal primeiro chega a COPAVE, .. modelo, .. olha .. deve ser muito joia, .. eles exportam pinga ... pra Europa, .. bana::na, .. leite .. eles vendem, .. ó galera que lá funciona, .. lá dá certo, .. lá é **assim**,
- (38) .. aí perguntei pra ela, .. senhora::, .. acho que era Maria o nome dela, .. uma coisa **assim**, .. Matilde, .. sei lá.
- (39) .. ele vai pra outro lugar, .. invade o::utra, .. sofre de novo, .. pega mais dois mil. .. professor o cara é louco? .. ele gosta NÉ .. decerto dum banheirinho, .. hã:: .. pisar no barro, .. essas coisas. ... professor mas o MST então .. é tudo **assim**?

- (40) .. então tem que:: e-é:: .. ser mais observador .. na hora de estudar, v.. pra na hora de escrever, .. porque é uma lógica, .. se você seguir aquela lógica, .. no final .. desemboca no caminho certo, .. num tem como, .. veja o método que foi sendo determinado.. que nós estamos fazendo aqui. ... num é bem **assim**?
- (41) .. nem desconfiô::metro a pessoa tem .. de falar assim, .. pu::xa mas será que tá certo o que eu tô fazendo? .. não. .. PEGA e VAI. .. não quer nem saber. .. não tem importância se a rua é sem saída, .. e se depois vai bater o carro lá no muro no final .. né. .. não quer nem saber .. né. .. então não pode ser **assim** gente, .. ser maria vai com as outras,
- (42) .. você pode ver que .. uns se vestem mais elegantemente, .. outros menos, .. uns escrevem mais elegantemente, .. outros menos, .. não é **assim**?
- (43) .. então veja, .. deu bastante conta, .. mas são contas que a gente tem condições de fazer, .. num tem contas difíceis aí praticamente. .. num é verdade? .. nada que com um pouco de atenção .. não saia. .. como **assim**?
- (44) .. é porque EU .. falei .. éh:: .. que:: preferencialmente, .. nós vamos escrever a ordem decrescente das potências, .. mas não necessariamente precisa ser **assim**.
- (45) .. bom .. o que deve conter esse item .. né .. dentro desse item resultados? .. éh:: .. o objeTIVO gente desse item .. ou dessa seção .. né .. nós podemos dizer **assim**, ... é a gente apresentar os resulta::dos né .. que foram obtidos com a ma-ni-pu-la-ção feita pelo procedimento,
- (46) .. aí a redação é com vocês, .. tendo cuidado com a terminologia técnica .. tá. .. gente .. ajudou? .. essa questão do comentário, .. mesmo **assim** quando o/ a/ .. o noticiário né .. os jornais aí na televisão apresenta éh:: uma pesquisa:: realizada:: né, .. eles geralmente apresentam ali, .. vamos falar assim em termo de pesquisa eleitoral né, .. eles apresentam ali o candidato tal,
- (47) .. mas vocês têm que aprender a elaborar um relatório científico. .. vocês estão na academia, .. é uma aprendizagem, .. pensem **assim** .. né.

Nos quarenta e sete excertos anteriores, houve, ao todo, 48 ocorrências do *assim* anafórico textual (todas negritadas), das quais 23 provieram das entrevistas orais, e 25, das elocuções formais.

5.2.2. CATAFÓRICO TEXTUAL

Nas ocorrências seguintes, o referente encapsulado pelo *assim* ainda está por ser citado no texto e foi sublinhado. Inicialmente, (1) e (2) trazem negritadas as poucas ocorrências não pospostas a verbos *discendi* nos diálogos entre informante e documentador.

- (1) leite pasteurizado é feito uma pasteurização que a gente chama uma pasteurização lenta, então é como se você cozinhasse o leite né, porque isso acontece **assim**, você eleva a temperatura e esfria, é rápido.
- (2) na verdade é **assim**, não deveria ser adicionado, vamos esquecer do que aconteceu em Minas Gerais né, esquece do que aconteceu, esquece que colocaram soda no leite, esquece tudo isso, eu vou falar como deveria ser o processo tá.

Em seguida, de (3) a (12), negritaram-se as ocorrências ainda não pospostas a verbos *discendi*, mas nas elocuições formais.

- (3) .. e eu não lembro o nome do poema agora, .. só que lá no poema dizi::a .. mais ou menos **assim**, .. que o rei pedia pra que conservassem o seu corpo, .. para que el/ele não fosse tomado pelas larvas das moscas.
- (4) .. co::mo isso cai no vestibular? .. cai **assim**, .. Stanley Miller fez tal experimento, .. fala do experimento do cara, .. entendeu? .. Francesco Redi fez tal experimento, .. fala do experimento dele .. tá?
- (5) .. seria como se eu dissesse assim, .. tem um monte de gente malhando ali na academia .. não tem? .. então esse povo bombado .. né? .. e tal NÉ? .. o que eles fizeram com os músculos deles? .. trabalharam, .. trabalhou, .. desenvolveu, .. beleza? .. aí eu diria pra vocês que os filhos deles vão nascer tudo **assim** já, .. bombadinhos.
- (6) .. quando o transgênico surgiu .. algumas décadas atrás, .. gente era **assim** .. o transgênico irá a-ca-bar com a fome no mundo. .. e todo mundo .. NOSSA:: POR QUE vai acabar com a fome no mundo?

- (7) .. infelizmente no Brasil é **assim**. .. vocês vão pegar esse álcool, .. e vão levar pa::ra fora. .. por que vocês acham que o Requião lá no porto de Paranaguá construiu uma bomba eNO::Rme ... pra a/ armazenar álcool?
- (8) .. eu sempre é/faço **assim**, .. eu termino a matéria, .. uma semana depois .. já é a prova.
- (9) .. e aí então .. a gentes estipula .. que solução particular .. e agora **assim** né, .. na ordem decrescente. ... eu quero achar os valores de a b c .. e d.
- (10) .. feito isso vocês vão colocar **assim**, .. vão começar a falar da prática um depois da dois, .. pode pôr **assim**, .. prática um .. determinação do nível operante né,
- (11) .. tem um modelito. .. e ai tá escrito **assim**, .. aqui em baixo, .. rodapé .. aqui. .. tá **assim**, .. curva de rps absolutos durante as tentativas do treino de bebedouro.
- (12) .. Ó .. o relatório é para ser feito em .. DUPLA. .. e também não é **assim** ó, .. eu faço o resultado, .. e você faz o resto .. tá, .. é junto.

Ao todo, houve 14 ocorrências do *assim* catafórico textual não posposto a verbos *discendi* (todas negritadas).

A seguir, de (1) a (7), negritaram-se as ocorrências do *assim* catafórico posposto a verbos *discendi* nos diálogos entre informante e documentador.

- (1) eu fiquei com uma péssima impressão, eu falei **assim** “gente esse pessoal tá:”
- (2) se tem o vale escola, a criança ganha o plano pra bolsa, isso camufla muito né, por um lado pode parecer **assim**, “ah:: que bom as famílias agora podem permanecer com seus filhos”
- (3) quando você compra um bife muito duro, você fala **assim** “isso é carne de cavalo”
- (4) se o PH do leite não muda, não tem como coagular, ele não vai precipitar, que a gente fala **assim** “o leite azedou”, quando o leite azeda, não precipita?
- (5) você nunca ouviu falar **assim** “nunca compre uma lata de ervilha se ela tiver amassada”?
- (6) uma senhora chegou pra mim, e falou **assim** “a gordura trans é uma gordura TRANSFORMADA não é?”

- (7) *Documentador*: – quatro anos é isso? / *Informante*: - tá então é uma coisa muito recente, esse bum do mal que a gordura trans é:: faz, isso vamos dizer **assim** .. é muito atual, um ano, acho que um no que estourou mesmo a bomba.

Em seguida, de (8) a (35), as ocorrências do *assim* catafórico posposto a verbos *discendi* nas elocuções formais:

- (8) .. tinha cientistas da época que até davam receita de como vocês faziam rato. .. eles diziam **assim**, .. você pega um saco ve::lho, .. coloca lá no cantinho da ca::sa, .. bota um pouco de trigo, .. e espera uns DIas. .. esse trigo se transforma em rato!
- (9) .. enfim .. ele viu .. micro-organismos, .. e aí ele falou **assim**, .. no::ssa .. esses micro-organismos são muitos simples pra fazerem reprodução, .. eles su::rgem do/do/do:: substrato onde eles estão.
- (10) .. e aí .. o senhor Louis Pasteur disse **assim**, .. não .. isso tá errado .. não é? .. aí ele fez o famo::so experimento do pescoço de cisne.
- (11) .. por que que Oparin defende isso com unhas e dentes?.. porque ele diz **assim**, .. e::sses primeiros organismos, .. essas .. proteínas .. primeiras células .. eram muito simples, .. mas muito simples, .. e não tinham uma maquina::ria celula::r, .. uma célula desenvolvida, .. pra conseguir seu próprio alimento .. pra fazer um processo de síntese .. ok?
- (12) .. então ele diz **assim**, .. aqueles seres vivos foram surgi::ndo, .. mas não tinha comida pra todo mundo, .. então eles tiveram que .. aprender, .. e aí .. desenvolver uma maquinária .. pra produzir .. seu próprio alimento
- (13) [aluno faz pergunta: por exemplo.. se cair numa questã::o .. uma opção que diz **assim** os heteró::/ .. heterotróficos, e em outra:: os autotróficos? Qual que eu considero?]
- (14) ... ele vai pedir como uma questão/ .. deixa eu ver se tá aqui na apostila, ele vai pedir **assim** ó, .. a:: teori::a que di::z que os prime::iros seres vi::vos não e::ram capa::zes de produzir o seu pró::prio .. alimento é a teori::a .. autotrófica?
- (15) .. é pedi::r pra fazer banca depois de correção .. de vestibular .. pra questão ser anulada, .. é pedir pra acontecer isso .. tá? ... recentemen/ele vai falar **assim** ..

ma::is recenteme:nte a hipó::tese que di::z .. que os prime::iros seres vivos eram autotróficos é .. a .. mais aceita?

- (16) .. eu mostro pra vocês .. como é que ele pede, .. mas eles vão pedir **assim**, .. um exemplo .. os prime::iros seres vi::vos de::ram .. nã/éh::/ ... para os primeiros seres vivos não haviam/não havia suficientemente moléculas orgânicas para alimentação, .. portanto consideram que esses mesmos seres vivos eram .. autotróficos. .. correta .. ele tá afirmando isso,
- (17) .. então ele diz **assim** ó, .. as alterações provocadas em determinadas características do organismo .. pelo seu uso ou desuso são transmitidas aos descendentes. .. loucura isso .. né?
- (18) .. seria como se eu dissesse **assim**, .. tem um monte de gente malhando ali na academia .. não tem? .. então esse povo bombado .. né? .. e tal NÉ? .. o que eles fizeram com os músculos deles? .. trabalharam, .. trabalhou, .. desenvolveu, .. beleza? .. aí eu diria pra vocês que os filhos deles vão nascer tudo assim já, .. bombadinhos.
- (19) .. seria como se eu dissesse **assim**, .. eu tinha girafas de pescoço curto e tinha uma girafa que sofreu .. uma mutação, .. aí a gente vai entrar nesse ponto .. uma mutação, .. o que Darwin não conseguiu explicar é como ocorria essa .. variação .. né,
- (20) ... pessoal, as ideias de Lamarck diziam **assim** ó, .. em todas as espécies de animais e vegetais .. a geração produzida .. é mais numerosa do que a de seus pais, .. ou ele diz **assim**, .. é só a gente dar uma olhada, .. a geração que nós .. produzimos .. ela é mais numerosa do que a geração dos nossos pais .. tá,
- (21) .. que é como eu dizer pra vocês **assim**, ... amanhã .. a camada de ozônio vai sofrer uma grande redução, .. e somente as pessoas da raça negra vão sobreviver na terra.
- (22) .. aí teve um garçom que falou **assim**, ... no::ssa cara .. imagine quantos franguinhos morreram pra você comer esse espetinho.
- (23) .. e aí o cara fala **assim** ó, .. “hum ... deixa eu ver, ... olha que legal, .. tudo isso aqui de terra hein, .. isso aqui tem dono? .. não, .. ah então é meu, .. é meu”.
- (24) .. o professor falou **assim** pra nós, .. “galeRA .. cada um é de cada um, ... faz o que vocês quiserem aí, ... conversem com a galera”

- (25) .. ela falou **assim**, .. “ué nós não temos dinheiro pra concretar isso aqui”, .. é chão batido, .. terra batida.
- (26) .. ela falou **assim** “aqui tá seco, .. tá calor, .. tá gostoso. .. imagina um dia de chuva”.
- (27) .. igual o João .. né, .. o:: João eu perguntei pra ele **assim**, .. se ele foi bem na prova, .. ele falou **assim** i:: minha prova é gabarito .. né?
- (28) .. cê podia ter desconfiado que AQUELES números tava muito estranho dentro no exercício, .. principalmente numa prova né? .. nem desconfiô::metro a pessoa tem .. de falar **assim**, .. pu::xa mas será que tá certo o que eu tô fazendo? .. não. .. PEGA e VAI. .. não quer nem saber.
- (29) .. vocês estão com esse material aí em mãos? .. pra acompanhar? .. e:: aí fala **assim**. .. A .. CALCULE A RESPOSTA DA TAXA DE PRESSÃO À BARRA EM MINUTOS ... tá, ... e na seQUÊncia explica como é feito este cálculo,
- (30) .. se vocês virem aqui .. na página 36 .. do manuAL, .. tá escrito ali RESULTADOS, .. então tá dizendo **assim**, .. ESSA SEÇÃO INICIA-SE COM A PALAVRA RESULTADOS.
- (31) .. bom .. se vocês vierem aqui:: na página sessenta e um .. do manual da gomi::de, .. vocês vão ver que:: tá ali .. né .. éh:: .. as sugestões para a análise dos dados .. tá? .. ele fala **assim**, .. ao relatar seus resultados, .. compare o centro de reação da primeira com .. o da décima tentativa.
- (32) ... aí vem um item que fala **assim**, .. como você explica essa diferença?
- (33) .. aí pergunta **assim**, .. qual é o tempo de reação mais longo .. e o mais curto .. de todo o .. experimento?
- (34) ... GENte vocês poderiam perguntar **assim**, .. PROFESSO::RA .. mas tudo isso pra is/pra esse relató::rio?
- (35) .. e não fazem a leitura, .. é pra le::r, .. u::/ sem esse material é pra isso tá, .. eu não diria **assim** é pra copiar, .. mas a orientação está toda aqui, .. como fazer tá,

Ao todo, das 50 ocorrências do *assim* catafórico textual, foram 14 ocorrências não pospostas a verbos *discendi* contra 36 ocorrências após esses verbos de dizer.

5.3. OCORRÊNCIAS DO ASSIM MD

5.3.1. MD ASSIM SINTAGMÁTICO

Inicialmente, de (1) a (34), negritaram-se as ocorrências do MD *assim* sintagmático nos diálogos entre informante e documentador. O que está sublinhado é o complemento que o *assim* anuncia, seja de nomes ou de verbos. Isto é, os trechos sublinhados correspondem às informações cuja linearização foi retardada pelo auxílio do MD.

- (1) eu acredito que é um desperdício você jogar fora esse leite, ele deve ser reaproveitado pra queijo, agora não pra ser consumido como leite mesmo, **assim** como bebida né.
- (2) A gente tinha que fazer um trabalho final pra disciplina, e era **assim...** meio livre
- (3) porque se eu tivesse feito um artigo **assim** sobre algum tema da disciplina, mas sem ir pra campo, talvez teria sido uma coisa mas menos apaixonante né.
- (4) tem alguma estratégia **assim** que você pensa “ah eu vou fazer tal coisa pra... atingir o meu público-alvo” ou não?
- (5) porque eles estavam tão certos que eles estavam **assim...** éh:: com um poder divino sabe.
- (6) é um grupo **assim...** de apoio de discussão sobre esses problemas da criança abandonada.
- (7) diversas vezes crianças que vinham até ela, ela... **assim...** bem curta e grossa sabe.
- (8) tem alguma outra coisa **assim** que você... pensa investigar, alguma outra coisa que você pensa que deve ser revelado pra você ter terminado assim o texto?
- (9) agora eu queria fazer algumas perguntas **assim** sobre o próprio texto, do que seria uma visão sua sobre a pesquisa já depois de concluída... éh assim... a pergunta assim... que seria a visão éh teocentrista dos portugueses, você acha que influenciou a colonização?
- (10) eu tenho um estilo de escrever que eu considero **assim...** que é um estilo bem simples né, éh:: apesar de estar escrevendo pra academia, mas:: ...qualquer leigo digamos assim que pegar o texto, éh:: pelo menos eu penso... assim né, que ele:: ele entende o que está sendo:: escrito né, então eu não tenho **assim** uma:: uma linguagem digamos acadêmica.

- (11) sim:: todo escritor acho que tem, todo todo todo autor **assim...** de texto tem que pensar nisso né, você tá escrevendo pra quem... né.
- (12) eu acho que existem:: éh:: questões que são... descontextualizadas, é claro que é uma é uma situação:: éh:: como eu posso dizer? esqueci a palavra agora, é uma situação MECÂNICA, é uma situação **assim::** não há INTERAÇÃO na prova de vestibular tanto a prova de leitura quanto a prova de redação... éh:: não há:: me fugiu a palavra ideal, mas... assim é uma situação.... ARTIFICIAL, acho que essa é a palavra... né.
- (13) *Documentador:* por isso que o preço é super elevado. / *Informante:* – é... é elevado, mas é uma carne **assim...** muito saudável.
- (14) o tratamento inicial que é a eletro-floculação sim. porque ele remove, é um tratamento **assim** bruto que ele consegue remover independente da concentração desses poluentes.
- (15) porque é assim .. existe o sistema, eu vou de/deixar uma coisa clara pra você que talvez você possa confundir. eletro-coagulação-flotação ela é também chamada de eletro-floculação .. tá? que é um nome mais **assim** pra gente usar no laboratório.
- (16) o sistema não é **assim** todo de dióxido de titânio, nós utilizamos o dióxido de titânio em suspensão
- (17) é como se fosse um amido de milho agitando, sabe a solução fica **assim** com a coloração de:: quando você coloca maisena num copo mesmo, e você agita, e fica daquele jeito
- (18) e com relação às crenças que eu fiquei bastante **assim** éh:: intrigada, você acha que os professores .. os professores eles trazem essas crenças de que a matemática tem que ser exata?
- (19) o que que de geometria que ele viu? então é uma coisa **assim** éh:: .. bem difícil.
- (20) *Documentador:* – em termos da saúde? / *Informante:* - PÉSSIMO .. PÉSSIMO. você tá tomando SODA, você tá tomando água oxigenada, péssimo .. terrível .. terrível, dor de estômago .. eu não sei até que ponto dá isso fisiologicamente, mas nossa .. terrível .. terrível. / *Documentador:* - desumano. / *Informante:* - desumano. uma coisa **assim** inaceitável.
- (21) esses educadores precisariam ter **assim** um panorama geral de alguns temas em educação.
- (22) já tinha aumentado, ampliado o número de crianças, e a gente percebeu **assim** um descaso enorme, sabe assim... ela praticamente dispensando pra ir embora.
- (23) crianças vieram falar com ela, e ela falava **assim...** não rispidamente mas de uma forma dura né, assim de uma forma firme.
- (24) se eu partisse pra isso no artigo eu achei **assim** que:: eu ia fazer uma análise psicológica da coisa.

- (25) mas é eu go::sto de escrever. então eu começo a colocar as ideias, escrevendo em diferentes momentos, **assim** .. coisas que vão aparecendo, e depois que eu vou tendo esse .. cuidado de organizar sabe.
- (26) eu só acho **assim** que dá pra gente fazer algumas coisas ainda.
- (27) então eu digo **assim** que eu não é é é:: a revolta camponesa de Porecatu... ela está num ponto... considerado né das lutas políticas do Brasil... né
- (28) a gente deu uma olhadinha no texto, a gente leu né, a gente leu o texto, eu só queria saber **assim** se:: ... éh... a gente deu uma olhada no texto, a gente viu mais ou menos a organização, e eu queria fazer umas perguntas sobre como foi feito tal. éh... qual foi a maior:: assim sua motivação... pra fazer esse texto aqui?
- (29) *Documentador:* - a etapa menos trabalhada no vestibular de 2001 foi a de interpretação, pensando nas características desse tipo de prova e a heterogeneidade dos candidatos, você acha que isso poderia ser diferente? *Informante:* - acho que **assim** poderia ser diferente no sentido/ desde que a comissão organizadora se propõe a formular provas que privilegiem a interpretação né, eu acho que... é claro que elas deveriam... contemplar mais a questão de interpretação né.
- (30) o departamento de saúde da Inglaterra... ele recomenda **assim**... que quanto maior for o valor dessa razão, mais saudável é a carne.
- (31) quando a gente vai pro Mato Grosso, você repara **assim** aqueles avestruzes criados no pasto.
- (32) mas me fala o seguinte, você acha viável a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em classe comum do ensino regular, mesmo apresentando tanto preconceito, tanto **assim** estigma?
- (33) como essa revista é uma revista **assim** .. diretamente pro produtor, porque quem costuma ler esta revista é .. produtor, que ele busca **assi::m** se aprimorar, busca novas tecnologias, novas formas de melhorar o seu produto, né.
- (34) a minha família é produtora né, então isso me levou, apesar de eu sempre gostar muito **assim** de análise de alimentos desde cedo, o meu segundo grau eu fiz em tecnologia de alimentos, então eu sou técnica em alimentos, e sou química, mestre em química ambiental por um acaso, fui à regra, mas por uma questão mesmo na época de disponibilidade de orientação né.

A seguir, estão negritadas as ocorrências do MD *assim* sintagmático nas elocuições formais.

- (35) .. AS variações .. podem ocorrer .. de um processo .. de mutação, .. por exemplo .. nós hoje em dia não encontramos na nossa população/população perdão ... as

variações **assim** .. GRA::Ndes, .. que povocam as pessoas com três braços, .. até ocorre, ... mas aí já é na parte de embriologia né.

- (36) .. escorpiã::o, .. comem tudo. .. escorpião .. eu vi eles comerem escorpião. .. pessoal é terrível. .. pega o escorpião vivo mesmo .. **assim** vivinho, .. né .. então pega o escorpião lá,
- (37) .. então eu corrigi a primeira questão de todo mundo. .. então já:: .. já:: .. tive **assim** .. uma:: .. né .. uma visão **assim** .. da sala toda .. né, .. e posso dizer **assim** que:: eu fiquei um pouco:: decepcionado .. né.
- (38) .. pode até vir sem NADA, .. mas sabendo que eles não vão elaborar, .. que eles vão **assim** .. orientá-los, .. tá bom?
- (39) .. e alguns alunos às vezes **assim** terminam de apresentar um item anterior, .. e na mesma página já põem ali resultados, .. não. .. resultados inicia uma nova página .. tá?
- (40) .. bom como nós vamos iniciar esse item resultados? .. só **assim** colocando de uma forma geral pra vocês, .. inicialmente vocês têm que dar uma introdução pra esses resultados, .. não é já de cara ir colocando um gráfico .. uma tabela, .. concordam comigo?
- (41) .. professor, .. mas tem um problema não tem? .. e a terra dele? .. passava pro filho, .. vai passando pro neto, .. e fica **assim** ó .. abandonada. .. parece a mesma coisa de MST,
- (42) ... pessoal não pensem que o fazendeiro sai com uma mãozinha na frente e outra atrás, .. o governo compra terra improduti::va, .. e dá lá pros caras sem terra. .. ah professor, .. eu pensava que era **assim** tipo só invasão, .. invas/ invadiu, .. perdeu, .. já era playboy.
- (43) sabe como que é o banheiro deles? ... um negócio mais ou menos **assim**, .. de lona, .. professor .. descarga, .. tudo né? .. ahã, .. um buraco no chão, .. onde as pessoas fazem tudo. .. mictório,
- (44) .. usa a propriedade logaritmo .. pra depois exponenciar. .. quantas pessoas fizeram isso? .. uma meia dúzia. .. o RESTO .. exponenciou tudo daquele jeito, .. CLARO .. que vai acabar errando.. né, .. vai acabar errando .. né. .. então .. faltou **assim** .. muita atenção,
- (45) .. essa teoria pessoal .. nos últimos a::nos, .. nos anos que eu digo **assim** .. lá:: no meio década de/de/do sécu/do século passa::do, ... ela .. tava bem já .. bem esquecida, .. e a:: outra teoria já tava bem .. aceita.

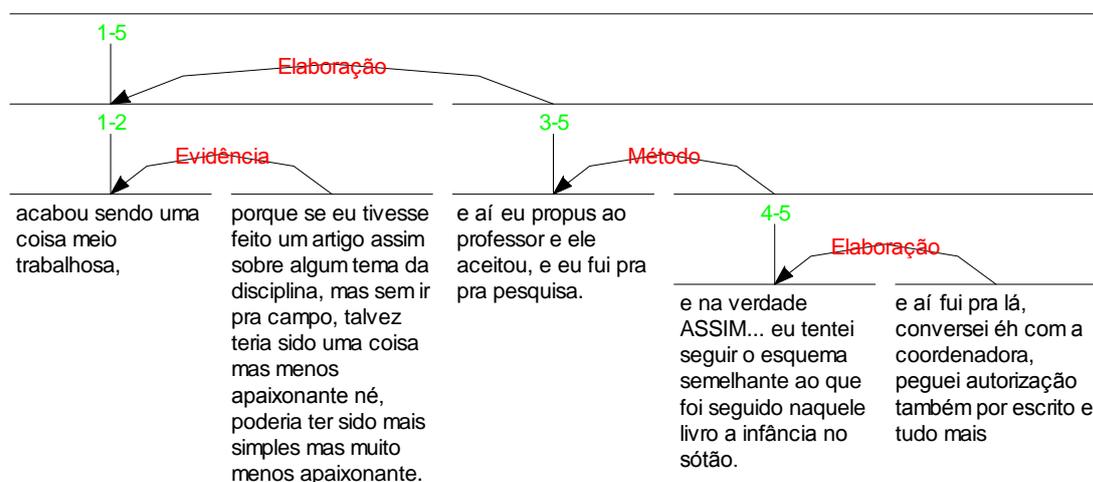
- (46) .. e isso só algumas questões que eu corriji .. gente..né:. .. eu não vou nem falar **assim** .. que algumas pessoas também precisam tomar cuidado com o português aí. .. porque.. né .. acento é uma coisa que desconhe::ce.. né,
- (47) .. então preste atenção.. né, .. porque eu percebi **assim** .. que algumas pessoas tiveram MAIS a preocupação de mudar as letras do que eu fiz aqui, .. do que em aprender o método .. né.
- (48) .. eu da próxima vez eu vou ser.. MAIS rigoroso, .. eu to descontando .. pouquinho, .. mas da próxima vez eu vou descontar MAIS ainda. .. porque integral sem o dx .. não é integral. ... certo? .. a maneira de escrever .. né .. **assim**, .. eu achei .. decepcionante.
- (49) .. bom feito isso .. né que eu chamei **assim** de uma pequena introdução, .. que não vai escrever lá que é a introdução não tá?
- (50) .. bom feito isso gente .. colocado dado essa introdução, .. também vamos chamar **assim** de introdução, .. que foi/ teve início tal hora e término tal hora com duração de tantos minutos. .. nós vamos apresentar agora gráficos e tabelas tá?
- (51) .. aí vocês vão ver que:: o manualzinho vai além .. né? .. ele fala **assim** como item c, .. faça um .. um his-to-gra-ma con-ten-do as respostas registradas .. né?
- (52) .. aqui:: ne::sse texto tá tá falando **assim** ... éh:: da orientação né, ... aí fala pra vocês tomar o tempo, .. aí explica como vocês trabalhar os dados que ainda tão lá na folha de registro .. né,
- (53) .. então .. está lá, .. então vocês continuem a tirar. .. agora a página três e a página quatro .. né. .. o bruna éh::.. eu ih:: éh::/ eu não obrigo .. né, .. eu tô dando **assim** éh:: .. um #.. tá::.. .. onde tá a explicação né, .. que é um material que vai ajudá-los. .. tá bom bruna?

Nos cinquenta e três excertos anteriores, houve, ao todo, 57 ocorrências do MD *assim* sintagmático, todas negritadas.

5.3.2. MD ASSIM ARTICULADOR DE SEGMENTOS DISCURSIVOS

Inicialmente, de (1) a (19), negritaram-se essas ocorrências do MD *assim*, retiradas dos diálogos entre documentador e informante. Para melhor compreensão do contexto do diálogo, as passagens estão aqui reproduzidas de forma razoavelmente extensa; no entanto, na sua transposição para os esquemas arbóreos, foram pinçados somente os segmentos de interesse. Ressalte-se que as ocorrências de interesse estão negritadas nos excertos e em letras maiúsculas nos respectivos esquemas arbóreos.

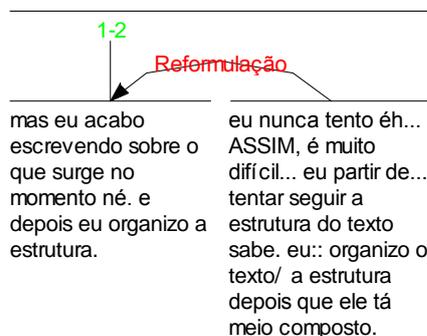
- (1) acabou sendo uma coisa meio:: trabalhosa, porque se eu tivesse feito:: um artigo assim so::bre algum:: tema da disciplina, mas sem ir pra ca::mpo, talvez teria sido uma coisa mas menos apaixonante né, poderia ter sido mais simples mas muito menos apaixonante. e aí .. eu propus ao professor e ele aceitou, e eu fui pra:: pra pesquisa. e .. na verdade **assim** .. eu tentei seguir o esquema semelhante ao que se/ foi seguido naquele livro a infância no sótão. e aí fui pra lá::, conversei .. éh com a:: coordenadora, peguei autorização também por escrito e tudo mais.



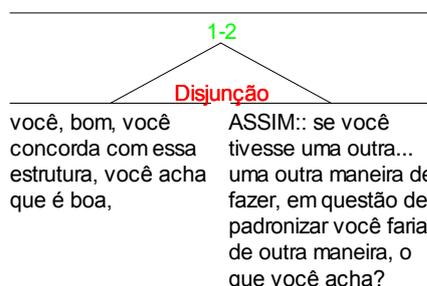
- (2) nunca é fácil escrever né, não acho uma coisa mais fácil do mundo não, éh:: **assim** .. a gente fica cheia de ideias



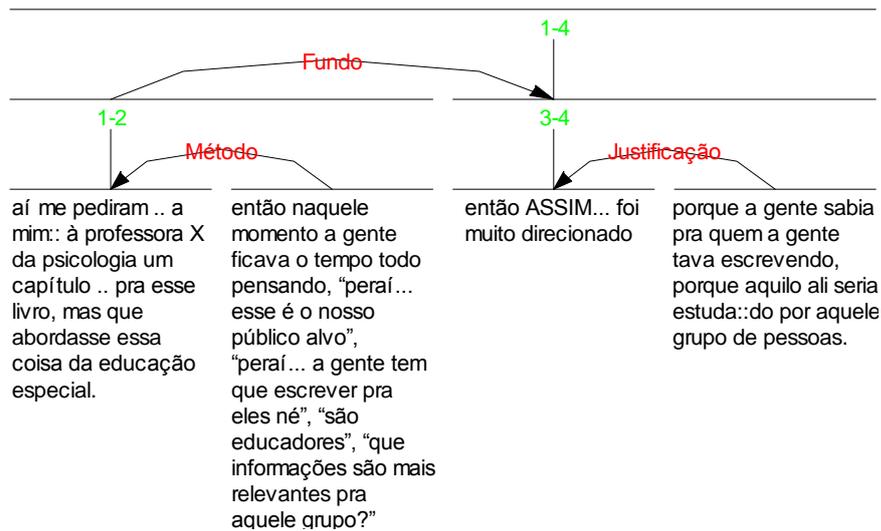
- (3) mas eu acabo escrevendo sobre o que surge no momento né. e depois eu organizo a estrutura. eu nunca tento éh... **assim**, é muito difícil... eu partir de... tentar seguir a estrutura do texto sabe. eu:: organizo o texto/ a estrutura depois que ele tá meio composto.



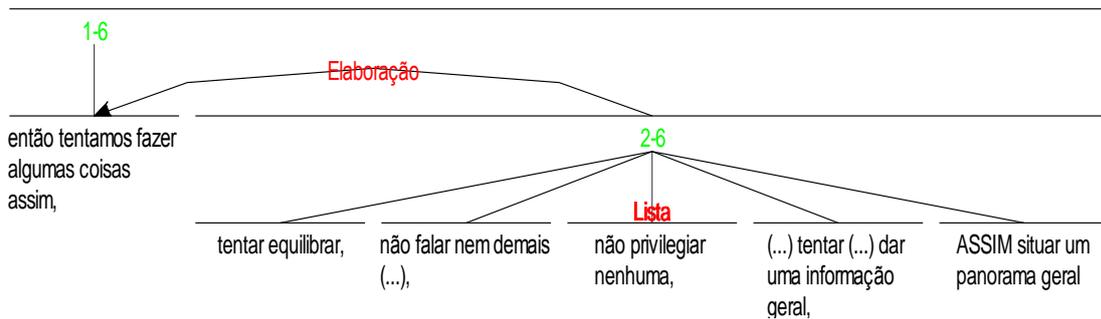
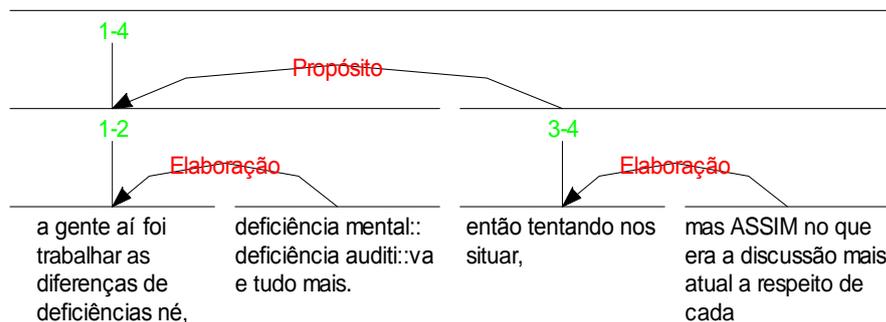
- (4) *Documentador*: você .. bom, você concorda com essa estrutura, você acha que é boa, **assim**:: se você tivesse uma outra... uma outra maneira de fazer, em questão de padronizar, você faria de outra maneira, o que você acha?



- (5) aí me pediram .. a mim:: à professora X da psicologia um capítulo .. pra esse livro, mas que abordasse essa coisa da educação especial. então naquele momento a gente ficava o tempo todo pensando, “peraí... esse é o nosso público alvo”, “peraí... a gente tem que escrever pra eles né”, “são educadores”, “que informações são mais relevantes pra aquele grupo?” então **assim...** foi muito direcionado porque a gente sabia pra quem a gente tava escrevendo, porque aquilo ali seria estuda::do por aquele grupo de pessoas.



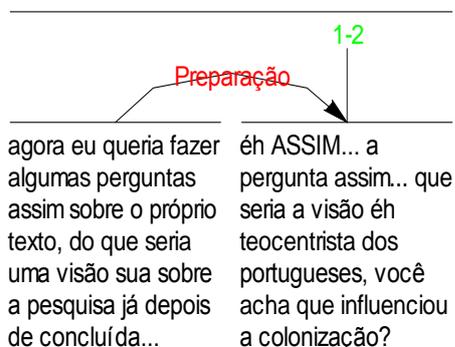
- (6) a gente aí foi trabalhar as diferenças de deficiências né, deficiência mental:: deficiência auditi::va e tudo mais. então assim tentando nos situar, mas **assim** no que era a discussão mais atual a respeito de cada, como não podia ser muito extenso, tinha um número de páginas, já tava tudo muito ... já determinado, a gente tinha um espaço pra escrever, não podia escrever livremente, não podia, então a gente não podia se estender demais. então tentamos fazer algumas coisas assim, tentar equilibrar, não falar nem demais sobre a deficiência mental e nem demais sobre a surdez, não privilegiar nenhuma, tentar .. e aí tentar em todas elas dar uma informação geral, **assim** .. situar um panorama geral:: éh:: apresentar as dificuldades educacionais de cada criança, das crianças de cada um desses grupos, e as possibilidades de intervenção.



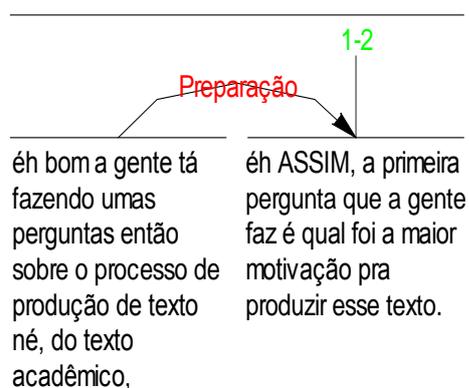
- (7) e eu não tô questionando **assi**/achando ruim não



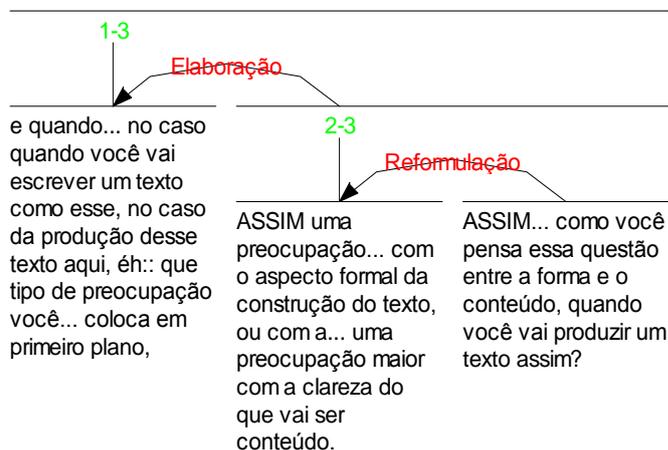
- (8) *Documentador*: agora eu queria fazer algumas perguntas assim sobre o próprio texto, do que seria uma visão sua sobre a pesquisa já depois de concluída... éh **assim**... a pergunta assim... que seria .. a visão éh teocentrista dos portugueses, você acha que influenciou a colonização?



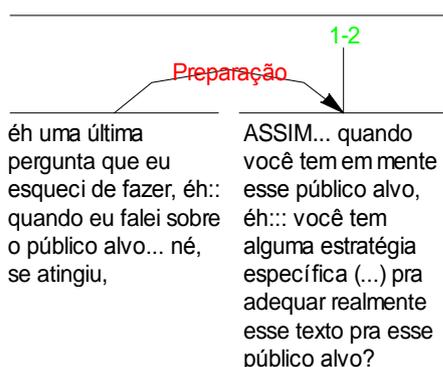
- (9) *Documentador*: éh:: bom, a gente tá fazendo umas perguntas então sobre o processo de produção de texto né, do texto acadêmico, éh **assim**, a primeira pergunta que a gente faz é qual foi a maior motivação, ou quais foram as motivações .. pra produzir es/esse texto?



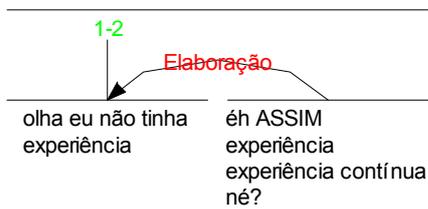
- (10) *Documentador*: e quando... no caso quando você vai escrever um texto como esse, no caso da produção desse texto aqui, éh:: que tipo de preocupação você... coloca em primeiro plano, **assim** uma preocupação... com o aspecto formal da construção do texto, ou com a/ com a ... uma preocupação maior com a clareza do que vai ser:: do conteúdo. **assim**... como você pensa essa questão entre a forma e o conteúdo, quando você vai produzir um texto assim?



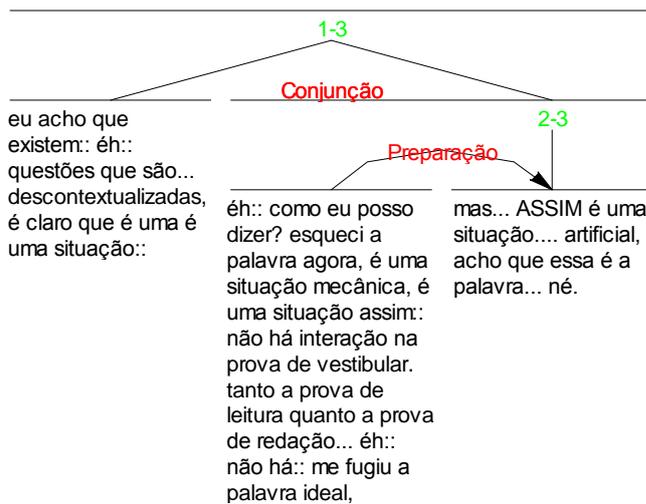
- (11) *Documentador*: éh uma última pergunta que eu esqueci de fazer, éh:: quando eu falei sobre o público alvo... né, se atingiu, **assim**... quando você tem em mente esse público alvo, éh::: você tem alguma:: estratégia específica na hora de construir o texto, que você adota ... pra que::/ ... pra adequar realmente esse texto pra esse público alvo?



- (12) olha... eu não tinha experiência::, éh:: .. **assim** experiê::ncia experiência:: contínua né?

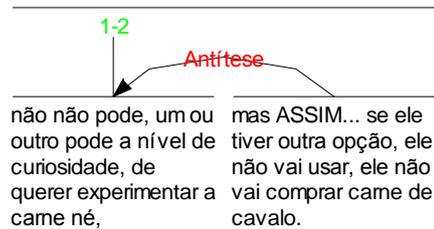


- (13) eu acho que existem:: éh:: questões que são... descontextualizadas, é claro que é uma é uma situação:: éh:: .. como eu posso dizer? esqueci a palavra agora, é uma situação mecâ/MECÂNICA, é uma situação assim:: não há .. INTERAÇÃO na prova de vestibular. tanto a prova de leitura quanto a prova de redação... éh:: não há::/ me fugiu a palavra ideal, mas... **assim** é uma situação.... ARTIFICIAL, acho que essa é a palavra... né, é uma situação artificial.

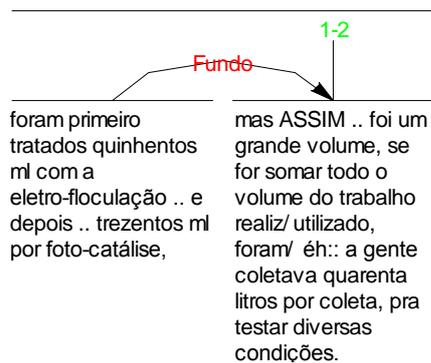


- (14) *Documentador*: se tiver carne de cavalo no rótulo, éh:: você acha que não vai ter consumo?

Informante: não não pode, um ou outro pode a nível de curiosidade, de querer experimentar a carne né, mas **assim**... se ele tiver outra opção, ele não vai usar, ele não vai comprar carne de cavalo.

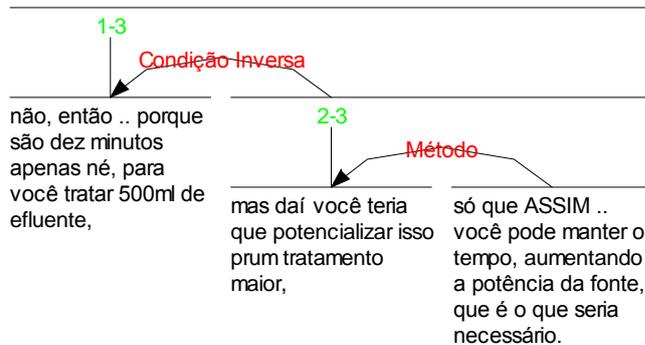


- (15) foram primeiro tratados quinhentos ml com a eletro-floculação .. e depois .. trezentos ml por foto-catálise, mas **assim** .. foi um grande volume, se for somar todo o volume do trabalho realiz/utilizado, foram/ éh:: a gente coletava quarenta litros por coleta, pra testar diversas condições.

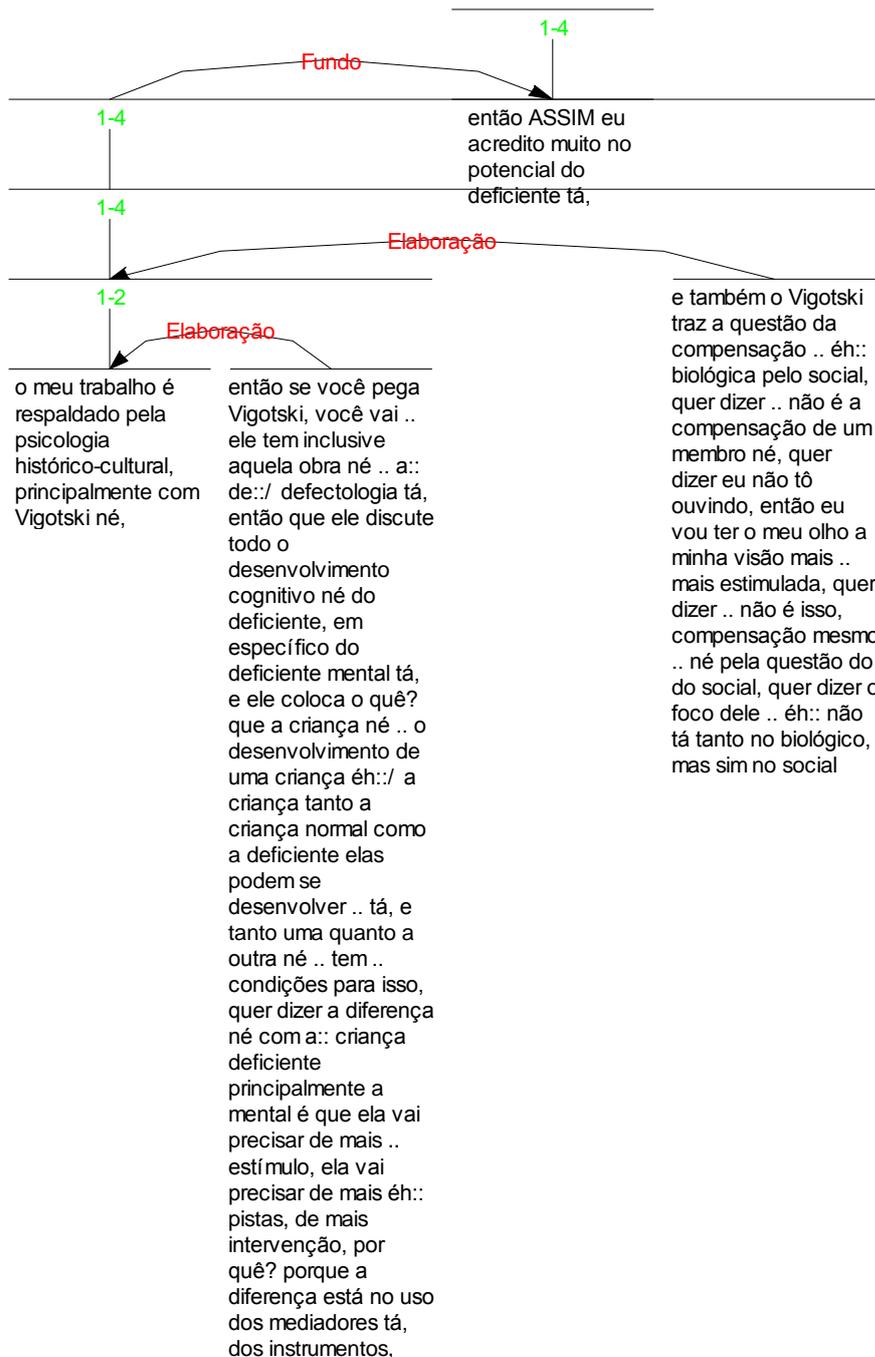


(16) *Documentador*: muito tempo de eletricidade?

Informante: não, então .. porque são dez minutos apenas né, para você tratar 500ml de efluente, mas daí você teria que potencializar isso prum tratamento maior, só que **assim** .. você pode manter o tempo, aumentando a potência da fonte, que é o que seria necessário.

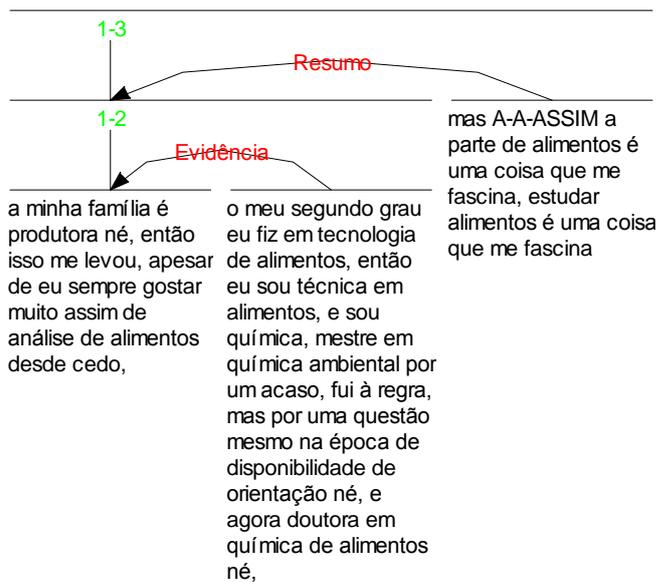


(17) o meu trabalho é respaldado pela psicologia histórico-cultural, principalmente com Vigotski né, então se você pega Vigotski, você vai .. ele tem inclusive aquela obra né .. a:: de::/ defectologia tá, então que ele discute todo o desenvolvimento cognitivo né do deficiente, em específico do deficiente mental tá, e ele coloca o quê? que a criança né .. o desenvolvimento de uma criança éh::/ a criança tanto a criança normal como a deficiente elas podem se desenvolver .. tá, e tanto uma quanto a outra né .. tem .. condições para isso, quer dizer a diferença né com a:: criança deficiente principalmente a mental é que ela vai precisar de mais .. estímulo, ela vai precisar de mais éh:: pistas, de mais intervenção, por quê? porque a diferença está no uso dos mediadores tá, dos instrumentos, então **assim** eu acredito muito no potencial do deficiente tá, e também o Vigotski traz a questão da compensação .. éh:: biológica pelo social, quer dizer .. não é a compensação de um membro né, quer dizer eu não tô ouvindo, então eu vou ter o meu olho a minha visão mais .. mais estimulada, quer dizer .. não é isso, compensação mesmo .. né pela questão do do social, quer dizer o foco dele .. éh:: não tá tanto no biológico, mas sim no social.



(18) *Documentador:* o que te levou a trabalhar com o leite?

Informante: a minha família é produtora né, então isso me levou, apesar de eu sempre gostar muito assim de:: análise de alimentos desde de:: cedo, o meu segundo grau eu fiz em tecnologia de alimentos, então eu sou técnica em alimentos, e sou química, mestre em química ambiental por um acaso, fugi à regra, mas por uma questão mesmo na época de:: de disponibilidade de orientação né, e agora doutora em química de alimentos né, ma::s .. **a-a-ASSIM** a a parte de alimentos é uma coisa que me fascina, estudar alimentos é uma coisa que me fascina.



(19) *Documentador:* a gordura presente no leite e produtos lácteos é uma das mais complexas .. né, você disse isso. como assim .. mais complexas? o que você quis dizer com isso?

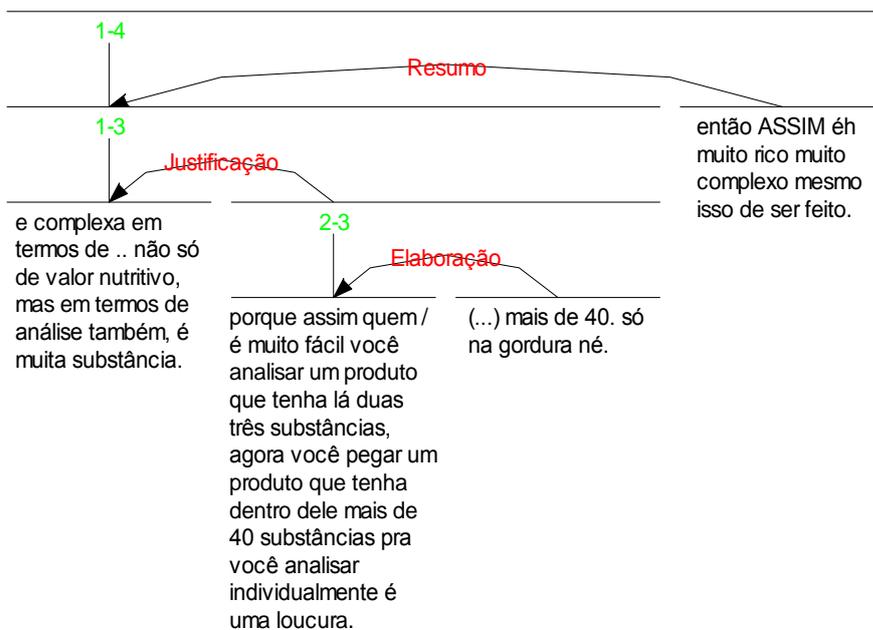
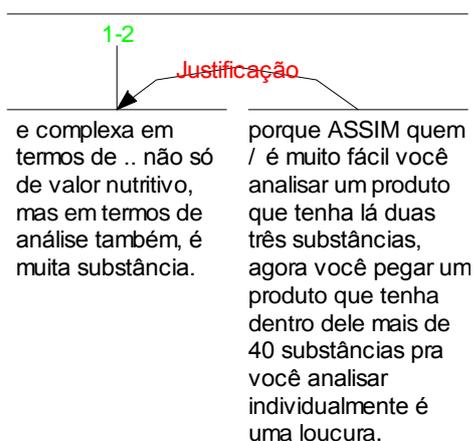
Informante: eu quis dizer que::/ em termos de ácidos graxos (...) pro teu organismo você está fornecendo todos esses ácidos graxos...

Documentador: que são essenciais...

Informante: essenciais são poucos, não são todos os que são essenciais, porque a maioria éh:: dos ácidos graxos eles podem ser sintetizados dentro do nosso organismo .. a partir por exemplo de carboidratos que você come .. né, então você pode começar a gerar esse tipo de de:: substância, mas éh:: alguns são essenciais, alguns você só vai conseguir éh:: fornecer, você só vai conseguir ter éh:: através de alimentação .. né. e complexa em termos de de:: .. não só de valor nutritivo, mas em termos de análise também, é muita substância. porque **assim** quem / é muito fácil você analisar um produto que tenha lá duas três substâncias, agora você pegar um produto que tenha dentro dele mais de 40 substâncias pra você analisar individualmente é uma loucura.

Documentador: mais de 40 substâncias no leite?

Informante: mais de 40. só na gordura .. né, então **assim** éh:: éh:: muito rico muito complexo mesmo isso de ser feito.

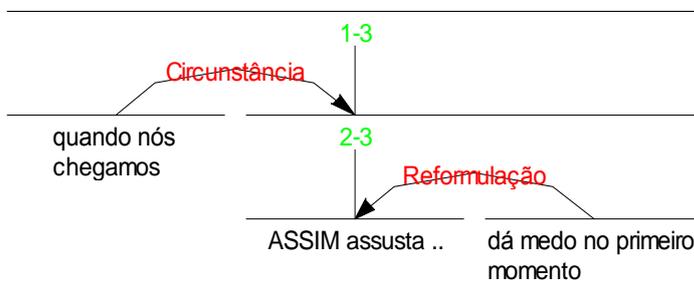


Por fim, as três próximas passagens foram retiradas das elocuições formais.

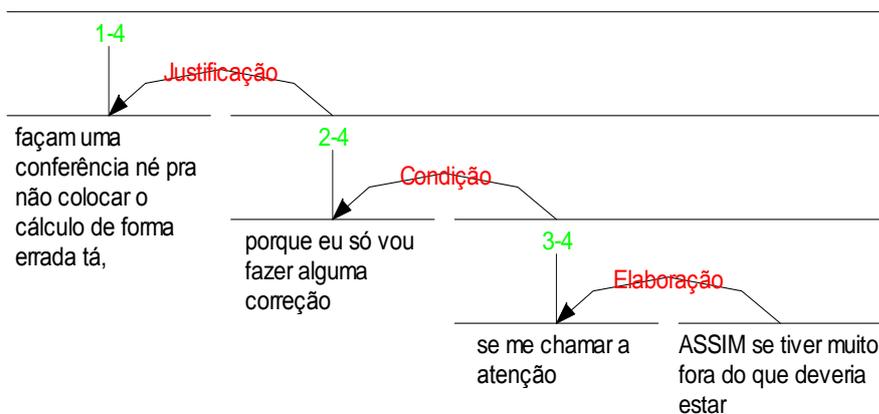
- (20) .. alguém já viu uma bactéria no microscópio aqui? .. já teve a oportunidade de ver? .. daqui a pouco tem uma foto. .. mas você vê **assim** entendeu?



- (21) .. eu fui para uma/ uma região de .. acampamento, .. pessoal .. vocês não sabem o que é ver .. mais de mil casinhas de lona, .. mais de mil. [alunos fazem comentários] .. pessoal ... foi voltando, .. visitei esse lugar. .. quando nós chegamos **assim** assusta, .. dá medo no primeiro momento.



- (22) .. então procurem, .. façam o cálculo né, .. procurem éh:: conferir, .. que às vezes a gente erra no cálculo .. né, .. façam uma conferência né, .. pra não colocar o cálculo de forma errada .. tá, .. porque eu só vou fazer .. alguma correção, .. se me chamar a atenção **assim**, .. se tiver muito fora .. do-do-do né que deveria estar. .. aí eu vou lá na folha, .. vou conferir e tal.



Dos vinte e dois excertos anteriores, houve 25 ocorrências do MD *assim* articulador de segmentos discursivos, sendo 22 ocorrências provenientes de diálogos entre informante e documentador, e apenas 3, das elocuições formais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, J.D.; TAKAHASHI, C. Atuação da relação retórica de elaboração na macroestrutura e na microestrutura de elocuições formais. *Calidoscópico*, v. 8, n. 3, p. 174-180, 2010.

AZAR, M. *Argumentative Text as Rhetorical Structure: An Application of Rhetorical Structure Theory*. Haifa: Kluwer Academic Publishers, 1999. p. 97-114.

BUTLER, C. S. *Structure and Function – A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

CASTELANO, K. L.; LUQUETTI, E. C. F.; SOUZA, C. H. M de. Funcionalismo e ensino: uso do operador argumentativo “assim” na fala da região noroeste fluminense. *Revista Científica Internacional*, Rio de Janeiro, v.1, p.87-105, 2012. Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/viewFile/393/267>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CHAFE, W. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.105-123.

_____. *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

_____. The analysis of discourse flow. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (eds.), *The handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2001. p. 673-687.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.

DECAT, M. B. N. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. *Calidoscópio*, v. 8, n. 3, p.167-173, 2010.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. Dissertação de Mestrado (Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto: IBILCE/UNESP, 2007.

GIVÓN, T. *Mind, Code and Context – Essays in Pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1989.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, C. S. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M. A. K & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman Group, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (orgs). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

JUBRAN, C.C.A.S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, 48, p.33-41, 2006.

KEMPSON, R. M. *Teoria Semântica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

KOCH, I.G.V.; SOUZA E SILVA, M.C.P. *Atividades de composição do texto falado: a elocução formal*. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. v. IV: Estudos Descritivos. Campinas/ S. Paulo: Ed. Da Unicamp/ FAPESP, 1996. p. 379-410.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização, (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso do “assim”. *Estudos Linguísticos XXXV*, São Paulo, p.1772-1779, 2006.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, p.243-281, 1988.

MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J; CEZARIO, M. M. (orgs). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

MARTINS, I. F. M. Da gramática ao discurso: as múltiplas funções do item *assim* na língua falada em João Pessoa - PB. In: CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004, p.153-182.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PENHAVEL, E. Algumas reflexões sobre a questão da gramaticalização de Marcadores Discursivos. *Revista e-escrita*, Nilópolis, v.4, p.69-82, 2013. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/726/pdf_376>. Acesso em: 27 nov. 2013.

PRETI, D. (org.). *Análise de Textos Oraís*. S. Paulo: FFLCH / USP, 1993.

_____. *Análise de Textos Oraís*. 6. Ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.

_____. *Estudos de Língua Falada*. 3. Ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

RAMOS, M. A. B. As funções semântico-discursivas do item gramatical “assim” nos gêneros “entrevista” e “artigo de opinião”: um princípio de organização textual. In: *VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET)*. Natal: UFRN, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/visiget/>. Acesso em: 10 jun. 2012.

SILVA, G. M. de O. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Falado – Volume VII: Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas e Editora da Unicamp, 1999, p.297-347.

SOUZA, E. R. F. *Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*. Campinas: IEL-UNICAMP, 2009.

TRAUGOTT, C. & HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Falado – Volume VII: Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas e Editora da Unicamp, 1999, p.194-258.

VILELA, M. *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.